

PIRANHA — corr. *pir-ãi*, o que corta a pelle, a tesoura, a tenaz (*Th. Sampaio*). Peixe do genero *pygocentrus*, mui voráz e de dentes afiadissimos que cortam como tesoura.

No mappa que acompanha as *Missões Orientaes*, está daquelle modo escripto o nòme do arroio Porongos.

PIRAPÓ — contr. *pira-pora*, a morada do peixe; o lugar onde o peixe salta ou pula. Salto no Ijuhy a cerca de 50 klms. acima de sua fóz, mede 180 metros de comprimento por 55 de largura. Seu ruido é percebido a cerca de 5 klms. de distancia. Proximo a esse salto foi fundada a colonia de seu nome, hoje mui prospera.

Com o nome de Pirapó existe uma cochilha que por ser coberta de matto, é geralmente denominada serra, erro commum neste Estado. Assim a descreve o tenente Alvaro Jansen Serra Lima Saldanha, em Relatorio apresentado ao chefe da C. G. G. B.: „Pirapó é o divisor de aguas dos rios Ijuhy e Piratiny. A serra é inteiramente coberta de mattos fechados no quadrante NO., apresentado um aspecto menos selvagem a proporção que se caminha para L., sobre uma região menos accidentada, onde existem clareiras que são vistas de São Luiz e constituindo um trecho da cordilheira que chamamos Serrinha.“

PIRATININ — contr. *pira-tininga*, o secca peixe, allusão ao rio que ao transbordar, nas cheias, deixa, quando baixa, subitamente, peixes em terra, expostos ao sol, como a seccar.

Está daquelle modo graphado o nome do Piratiny do Sul, no decreto de 7 de dezembro de 1830, que estabeleceu as divisas entre São Francisco de Paula (Pelotas) e o municipio de Rio Grande e no de 6 de julho de 1832, creando a villa de Jaguarão. *Dreys, Camargo, Gay, Hil. Ribeiro*, tambem assim o grapharam, e da mesma forma está escripto no *Diario da Expedição de Gomes Freire*.

PIRATINY — alt. de *piratinyn* ou *piratininga*. Importante municipio no S. do Estado, na Região denominada Serra do Herval e Tapes, cuja séde é na villa do mesmo nome, assentada sobre um cerro na Serra dos Tapes, a 400 metros de altitude. Foi fundada em junho de 1789, por 48 casaes de açorianos, ahi estabelecidos em tres legoas de terra, trocada com José Antonio Alves, por igual extensão na Cochilha de São Sebastião, no actual mun. de Bagé. Aos colonos foi imposta a obrigação de ali residirem e cultivarem as terras doadas, durante 5 annos, não podendo aliena-las senão depois desse praso, conforme se vê da certidão passada em 3 de julho de 1789, pelo capitão Antonio José Feijó, que com o piloto Francisco Pereira Xavier, demarcou a data concedida a Jacintho Ignacio Gularte da Silveira e da concessão feita, em 6

do mesmo mez e anno, pelo coronel commandante do então Continente do Rio Grande do Sul — Joaquim José Ribeiro da Costa.

Os colonos edificaram em terreno doado por Antonio José Vieira Guimarães, uma capella consagrada a N. S. da Conceição, filiada á matriz da então villa de São Pedro do Rio Grande, a cujo termo pertencia administrativamente o districto de Cerro Pellado, onde foram estabelecidos os casaes mencionados. Foi seu primeiro vigario o padre Jacintho José Pinto Moreira. Passou então o local a chamar-se capella de Piratiny, nome esse tirado do rio que ahi corre. Chamaram-no tambem Capella dos Casaes, mas essa denominação não vingou. Diz Campos Junior que no seculo XVIII foi conhecida por Capella da Conceição da Lapa Grande.

A erecção da capella chamou a attenção dos moradores daquellas paragens, que se congregaram em torno da mesma, construindo casas. A população cresceu e 20 annos depois, isto é, por alvará de 3 de abril de 1810, era a capella elevada á freguezia e passados dois decennios á villa, por decreto de 15 de dezembro de 1830, sendo installada em 7 de junho de 1832, pelo conselheiro ouvidor geral e corregedor da Comarca dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga. A administração ficou constituída pelos seguintes vereadores: Vicente Lucas de Oliveira, presidente — Manoel Rodrigues Barbosa, Manoel Gomes Guimarães, Ubaldo Pinto Bandeira, Ramão Garcia de Vasconcellos, Serafim José da Silveira e José da Silva Cacovio, e como secretario Antonio Belarmino Ribeiro.

Ahi foi eleito e installado o primeiro governo da Republica Riograndense. Ficou então sendo a séde do novo Estado e elevada á cidade por decreto de 6 de abril de 1837, com a denominação de muito leal e patriótica, prerogativa de que só gosou no regimen republicano.

O mun. de Piratiny desmenbrado do de Rio Grande, em 1830, comprehendia as freguezias de Nossa Senhora da Conceição de Piratniy, Nossa Senhora da Conceição de Cangussú, Divino Espirito Santo de Jaguarão e São João Baptista do Herval. As suas divisas eram estas: ao N. o mun. de Rio Pardo, pelo rio Camaquã até a barra do Arroio Grande; a L. o mun. de São Francisco de Paula (actual Pelotas), pelo Arroio Grande, centro da serra dos Tapes, arroio das Pedras até sua barra no Piratiny e por este até o São Gonçalo; ao S. o rio Jaguarão e as divisas com a Republica Oriental do Uruguay; a O. o mun. de Cachoeira. Abrangia, pois, com esses limites, os actuaes municipios de Arroio Grande, Bagé, Cangussú, Jaguarão, São João do Herval e Pinheiro Machado.

Actualmente são as seguintes as divisas do mun. em apreço: ao N., com o mun. de Caçapava, pelo rio Camaquã do Sul desde a fôz do Arroio Grande até a barra do arroio dos Vargas e d'ahi até a embocadura do Camargo, com o mun. da Encruzilhada; a L. com o mun. de Cangussú, como já ficou indicado; ao S. com os municipios de Arroio Grande e São João do Herval, pelo rio Santa Maria, conhecido tambem por Orqueta ou Forqueta; a O. com o mun. de Pinheiro Machado, pelos arroios dos Antunes, do Salso e pelo contravertente deste — arroio do Machado, pelo do Moinho até a confluencia do ultimo citado e finalmente pelo Arroio Grande em toda sua extensão.

Os terrenos do mun. pertencem ao periodo triassico, da época Mezozoica ou secundaria. Quanto ao ponto de vista agrológico as suas terras são argillo-arenoso-calcareas, pouco humosas. No S. existem excellentes campos de criação.

O mun. tem a forma de um rectangulo irregular e é atravessado de L. para O. pela serra dos Tapes que ahi toma, em seu prolongamento o nome de Velleda e se esgalha para SSE. com a denominação de serra dos Auzentes e divide as aguas do Piratiny das do Santa Maria ou Orqueta. O territorio do mun. é accidentado, seus pontos culminantes estão nos montes Ubaldo, Santin e Madrugas. É percorrido por diversos espigões da serra que o atravessa e que ahi tomam as denominações de serra do Pedregal, dos Madrugas, dos Barbosas, dos Dutras, dos Garcias e do Espirito Santo. Predominam no mun. os campos de criação e cultura. A industria pastoril é a principal fonte de riqueza.

Posição astronomica — São as seguintes as coordenadas da villa e de outros pontos do mun.:

Villa (igreja)	31° 26' 47"	lat. S. e	9° 55' 45"	long. O.
Nandoca	31° 37' 29" 01	" " "	9° 47' 32" 79	" "
Pedregal	31° 12' 07" 34	" " "	9° 26' 29"	" "
Fôz do Piratiny	32° 4' 0"	" " "		

Hydrographia — O systema hydrographico do mun. pertence á bacia oriental do Estado ahi representada pelo rio Piratiny e alguns tributarios da m. d. do Camaquã do Sul.

O Piratiny nasce por dois grandes galhos — um delles desce com o nome de Piratiny Mirim da Cochilha de Santo Antonio, ao N. da villa e passa a L. desta, correndo precipitado, rumo do S. até sua confluencia com o outro galho — Piratiny Chico, que nasce no lugar denominado Passarinho, tambem na Cochilha de Santo Antonio, porém, a O. da séde do mun. Dessa confluencia para baixo toma o nome de Piratiny e corre

na direcção SSE. até a confluencia do Piratiny da Orqueta ou Santa Maria e por este avolumado se inflecte para SE., até sua barra no S. Gonçalo, depois de um curso de cerca de 130 klms. A bacia hydrographica deste rio é impermeavel e d'ahi a causa de suas inundações na época das cheias, em que suas aguas se elevam extraordinariamente, attingindo até 10 metros acima de seu nivel normal, como já foi observado na confluencia com o Santa Maria.

E' nessas épocas de trasbordamento que occorre o phenomeno que deu origem ao seu nome.

Tem como tributarios na m. d. o *Piratinyzinho* e o *Piratiny da Orqueta*. Vide estes nomes, e pela m. e. os arroios *Piratiny do Saraiva*, *Maria Gomes* e das *Pedras*, já descriptos quando tratamos do mun. de Cangussú.

São os seguintes os tributarios do Camaquam do Sul, no mun. de Piratiny:

Arroio Grande, contravertente do Piratiny Chico, corre na direcção geral S.—N., em um percurso de 75 klms., até sua fóz, servindo em toda essa extensão de limite entre o mun. de Piratiny e o de Pinheiro Machado.

Povo, pequeno curso d'agua, correndo na mesma direcção do precedente.

Barracão, contravertente do Piratiny Mirim, corre para N. até sua barra, depois de um curso de 40 klms.

Olaria, com 15 klms. de curso, correndo quasi em linha recta de S. para N.

Bica, tambem conhecido por *Camargo*, é formado pelo *Pedregal* ou *Goularte*, contravertente do Maria Antonia e que desce da Conchilha de Santo Antonio, ao N. do Cemiterio do Couto, e toma a denominação acima ao receber as aguas do Camargo ou Camarguinho, tambem conhecido por Capella ou Domingues. O Pedregal recebe, por sua vez, as aguas do Arroio do Meio.

Clima — O mun. é doptado de excellente clima. Uma prova disso temo-la na estatistica demographica. Ahi não se conhecem molestias endemicas.

A temperatura maxima absoluta observada no quinquenio de 1917 a 1921, foi a de 39,4 em 19 de janeiro do primeiro anno citado e a minima de — 4,0 em 4 de julho do ultimo anno do quinquenio observado. Os maiores calores foram registados em dezembro e janeiro e os frios mais intensos nos mezes de junho a agosto. A media da altura das chuvas, no referido quinquenio, em mm. foi de 364,4 no verão; 283,6 no outono; 391,8 no inverno; 348,5 na primavera, ou seja a media annual de 1383,3.

O municipio de Piratiny, que é parte integrante do Estado do Rio Grande do Sul, pertence ao 6.º districto eleitoral; faz parte da diocese de Pelotas e da Comarca de Cangussú. E' constituido por quatro districtos administrativos e igual numero de judiciarios: 1.º districto Piratiny, com 5.500 habitantes e a área superficial de 827,59 klms.², creado pela lei regia de 23 de março de 1810. 2.º Asperezas, com 5.000 hab. e a área re 1202,45 klms.², creado pela lei provincial de 26 de abril de 1864. 3.º Pedregal, creado pela referida lei e com a população de 2600 hab. e a área de 829,53 klms.². 4.º, finalmente, Cerro Alegre, com 1650 hab. e a área de 736,08 klms.², creado pelo acto estadual n.º 558 de 24 de novembro de 1890.

O movimento do registo civil no anno de 1922 foi o seguinte:

População	Nasciment.	Obitos	Casamentos	Natalidade	Nupcialid.	Mortalidade
14.150	403	121	77	28,48	5,44	8,55

Sendo a área do mun. de 3.595,59 klms.², a densidade da população era, em 1922, de 3,93 hab. por km.².

Pelo recenseamento de 1872, a população do mun. era de 6893 almas e pelo de 1890 foi constatada a existencia de 8859, que se elevou para 11.078, em 1900 e para 12.170 em 1911, assim distribuidas: 1.º districto 3139; 2.º — 4696; 3.º — 2611; 4.º — 1724.

O municipio figura, infelizmente, entre os que não tem prsetado informações sobre a estatística das habitações. Em consequencia dessa lamentavel falta, são imprecisos os dados existentes sobre os predios do mun. e até da propria villa.

Gomes de Freitas, registou 122 predios para a villa, em 1892; *Oct. Far.* na 2.ª edição de seu Diccionario (1914), regista 150 e no Relatorio da Repartição de Estatística do Estado, de 1918, figuram apenas 120. Em 1894, segundo o Relatorio da Estatística, existiam 400 predios no mun., dos quaes 105 na villa.

Sobre o numero de vehiculos tambem nada disse o municipio, em resposta ás informações oficialmente pedidas, e muito menos ás particulares, inclusive nossas.

A população pecuaria do Mun. calculada em 1923, foi a seguinte:

Especie	Quantidade	Valor
Bovinos	124.200	13.413:000\$000
Equinos	18.300	1.189:500\$000
Muares	5.800	580:000\$000
Suinos	13.800	345:400\$000
Ovinos	92.000	1.840:000\$000
Caprinos	2.600	26:000\$000
Total	257.700	17.393:900\$000

Entre os diversos productos agricolas do mun. figuraram na safra de 1923—1924, milho, feijão, arroz, trigo e batata ingleza, respectivamente, com 4200, 600, 140, 400, 130 toneladas.

No quadro da tributação territorial do Estado em 1921, Piratiny figura entre os municipios do 4.º grupo, isto é, entre os que tem área de 300.000 a 400.000 hectares, da seguinte forma:

Numero de proprietarios	Area em hectares	Valor venal	Valor medio
3.245	361.410	25.111:640\$	69\$481

A receita e despesa do mun. em 1921 foi a seguinte:

Saldo de 1920	Receita		Total	Despeza		Total	Saldo para 1922
	Ordinaria	Extraordin.		Ordinaria	Extraordin.		
6:950\$	54:187\$	8:400\$	69:537\$	48:164\$	7:966\$	56:130\$	13:407\$

Vias de commnicação. — As unicas vias de communição existentes no mun. são as estradas de rodagem, que o cortam em diversas direcções, partindo da villa as mais importantes. Nenhum dos rios que o banham são ahi navegavel. A estrada de ferro de Rio Grande á Bagé, passa proximo ao extremo sul do mun. á margem direita do Piratiny da Forqueta, em terras do Arroio Grande e do Herval.

A estação do telegrapho em Piratiny, que é de 3.ª classe, dispõe de um aparelho *Morse* e pertence ao 20.º districto telegraphico. Em 1923 transmittiu 1627 telegrammas, com 30.874 palavras e recebeu 1446, com 35.644 palavras.

A receita foi de 5:704\$025 e a despeza de 4:775\$054. Houve diminuição no movimento da estação em relação aos dois ultimos annos.

Em 1923 existiam no mun. 18 estabelecimentos de ensino, sendo duas escolas isoladas, duas municipaes e quatorze subvencionadas pelo governo estadual.

Eis um quadro sobre a instrução no município:

População do município	População escolar	Alunos matriculad.	Coefficiente da pop. escolar por 1000 hab.	Alunos matr. por 1000 hab.	Alunos matr. para 1000 em idade escolar	Alunos matr. em relação a área do município
14.150	2.207	291	155,97	20	131	0,08

Pelo presente quadro se verifica que o mun. em apreço occupa o ultimo lugar, em numero de alumnos matriculados por 1000 habitantes e o penultimo em relação á área municipal.

Imprensa. — Os unicos jornaes que sabemos terem sido publicados neste mun. são os seguintes:

Povo, órgão da Republica Riograndense e que ahi iniciou a publicação, em 1.º de setembro de 1838 e appareceu até fevereiro de 1839, em que foi, com a capital da Republica, mudado para Caçapava.

XX de Setembro, fundado em 1910 e que ainda circula.

Ainda com o nome de *Piratiny* existe uma ilha no Uruguay, no mun. de São Luiz Gonzaga uma estação da estrada de ferro de Rio Grande á Bagé, no mun. de Arroio Grande e um rio tributario do Uruguay e que para o distinguir do acima descripto, denominámos *Piratiny do Norte*.

PIRATINY CHICO — nasce, como ficou dito, no lugar denominado Passarinho, na Cochilha de Santo Antonio e corre na direcção geral O.—L., até sua confluencia com o *Piratiny Mirim*. E' tambem conhecido por *Piratiny dos Garcias*, *Piratiny do Norte* e *Piratiny Menor*. *DOP.* o confundiu com o seu *affluente* — o arroio do Moinho do José de Mattos. *Cunha Lopes*, o chamou arroio do Alfaiate, guiado por *Coi.* e *Nie.* e foi secundado por *Jannasch*. Serve de limite entre os municipios de Pinheiro Machado e *Piratiny*, desde suas nascentes até a fóz do arroio Machado. Tem como tributario, pela m. e. o Moinho José de Mattos, que desce da Conchilha de Santo Antonio e corre a O. da villa de *Piratiny*, seu curso é de 25 klms. e pela m. d. recebe o arroio do Machado, que tem origem na encosta N. da serra das Asperezas; é tambem conhecido por arroio dos Correias; corre sempre na direcção O.—L.; seu curso é de 20 klms. e limita, em toda essa extensão, os municipios de Pinheiro Machado e *Piratiny*.

Coi. e *Nie.* dão a denominação acima ao *Piratinyzinho*. *Cunha Lopes*, *Jannasch* e *DOP.*, os secundaram.

PIRATINY DA FORQUETA — E' tambem conhecido por este nome o *Piratiny da Orqueta*.

PIRATINY MAIOR — Era por este nome conhecido no século XVII o actual Piratiny da Orqueta ou Santa Maria, conforme se vê da concessão de sesmaria feita, em 1792, ao capitão Fortunato Barbosa da Costa e, em 1794, a Antero e Antonio Pires da Rosa e a Anna Marques de Linma.

PIRATINY DO MEIO — Denominação por que foi conhecido o Piratinyzinho, tributario do Piratiny do Sul. Chamam-no tambem Piratiny Mirim.

PIRATINY MIRIM — Denominação de um dos galhos do Piratiny, geralmente considerado como sendo o principal. Nasce na Conchilha de Santo Antonio e corre para S. até formar em sua confluencia com o Piratiny Chico o rio Piratiny. Recebe pela m. d. o arroio Maria Antonia, contravertente do Pedregal e que por sua vez é engrossado pelas aguas do Bueno, que desce da referida cochilha, quasi em linha recta, rumo do S., em um percurso de 10 klms. aproximadamente.

PIRATINY DO NORTE — Pelos motivos expostos, quando tratámos dos Camaquans do Sul e do Norte, demos ao rio Piratiny, tributario do Uruguay a denominação acima.

Nasce esse rio por diversos galhos, no campo do Espinilho, a O. de Santa Tecla, a cerca de 300 metros sobre o nivel do mar, no mun. de Santo Angelo. Sua vertente principal é o Caiçá, que tem origem no Boqueirão das Palmas, de onde rola, segundo *Vell. Silv.* em um valle entre cerros e colinas altas. Corre na direcção L.—O. até a barra do Santa Barbara e ao penetrar no mun. de São Luiz Gonzaga, se inflecte para NO. até se lançar no Uruguay, depois de um curso de 160 klms. Serve de limite entre os municipios de São Borja e São Luiz Gonzaga, desde a embocadura do Inhacapedum até sua fóz. Conta os seguintes tributarios na m. d.:

1) *Chuni*, vide este nome. *Jannasch*, copiando *Cunha Lopes*, escreveu *Chuhy* e *DOP.* repetiu esse erro. O *C. Eng.* o appellida Carajazinho e augmenta seu curso.

2) *Itú*, arroio, desce da Cochilha de Pirapó, ao S. da estrada de rodagem que liga São Miguel á São João Mirim e corre de NNE. para OSO. até sua fóz, depois de um curso de 25 klms.

3) *Piratinyzinho*, vide este nome.

4) *Santa Barbara*, nasce tambem na Cochilha de Pirapó, a cerca de 300 metros de altitude, a O. de São Miguel e corre na direcção ENE.—OSO., até sua barra. Recebe pela m. d. as aguas do São Jeronymo e marca parte dos limites de O. dos municipios de São Luiz Gonzaga e Santo Angelo; seu curso é de 33 klms. aproximadamente.

5) *Santa Rosa*, arroio, corre na mesma direcção do precedente, no mun. de São Luiz Gonzaga; seu curso é de cerca

de 18 klms. O *C. Eng.* o figura correndo na direcção geral N.—S., em um percurso de 25 klms. e recebendo pela m. d. um tributario de 20 klms., que nasce proximo a São Lourenço: *Cunha Lopes*, o figura nascendo ao S. de São Lourenço, calcula, porém, seu curso em cerca de 20 klms. e o do seu tributario em 8 pouco mais ou menos, guiado por *Coi.* e *Nie.*, que tem servido de base a todos os trabalhos de geographos e cartographos, que tem apparecido depois do seu.

6) *Chimbucú*, vide este nome.

7) *Pirajú*, vide este nome.

8) *São Jeronymo*, arroio, corre de N. para S., em um percurso de 13 klms. *Coi.* e *Nie.* o denominam Guarachahy; *Cunha Lopes* o secundou.

9) *Taquaras* ou *Taquarachim*, vide setes nomes.

10) *Guararajú*, vide este nome. *Vell. Silv.* o denominou Guarapacá; *Coi.* e *Nie.* e *Varella*, Guararaha.

11) *Jutuara*, vide este nome.

12) *Joahy*, vide este nome.

São os seguintes os tributarios da m. e., todos no mun. de São Borja, com excepção dos dois primeiros:

13) *Capivara*, nasce nos campos do Espenilho, na vertente N. da serra de São Martinho, e corre de SE. para NNO. em um percurso de 50 klms. aproximadamente, recebendo diversos e pequenos affluentes por ambas as margens. O primeiro mappa que o registou, com os dados acima, foi o de *Coi.* e *Nie.*, em 1876. O *C. Eng.* o confundiu com o *Inhacapetum* e calculou em 60 klms. o seu curso.

14) *Inhacapetum*, vide este nome.

15) *Pecegueiro*, correndo de S. para N. em um percurso de 8 klms. até sua barra pouco acima da fóz do *Chimbucú*.

16) *Poço Fundo*, pequeno curso d'agua, corre de N. para S.

17) *Timbauba*, vide este nome.

18) *Santa Maria*, pequeno curso d'agua, corre de N. para S.

19) *Jaguarão*, desce da Cochilha do Espinilho, rumo do N.; seu curso é de 15 klms. *Vell. Silv.* o denominou *Jaguarão Mirim*.

O *Piratiny* do Norte serve, como ficou dito, de limite entre os municipios de São Borja e São Luiz Gonzaga, desde a barra do *Inhacapetum* até sua fóz. No mappa de *DOP.*, porém, figura, por engano, como lindeiro desses municipios o *Camaquam* do Norte.

PIRATINY DA ORQUETA — rio, nasce na encosta oriental da Cochilha das Pedras Altas e corre na direcção geral de E., até sua confluencia com o *Piratiny*, depois de um

curso de 80 klms. aproximadamente. Recebe pela m. e. o arroio dos Antunes, que corre na direcção N.—S., em um percurso de 25 klms, e é engrossado pelo Salso servindo ambos de limite entre os municipios de Pinheiro Machado e Piratiny. Recebe tambem o arroio das Alegrias, com 15 klms. de curso, proximo ás suas nascentes. Pela m. d. tambem junto á sua origem, recebe o arroio Passo da Cruz, que corre ao N. do Cerro Chato. Este curso d'agua é que devêra ser considerado como a nascente principal do Piratiny, visto ser de todos os galhos formadores desse rio, o que mais se aproxima da direcção de seu tronco inferior. Cremos que já tenha gosado desses fóros, no seculo XVIII, visto que nas concessões de sesmarias então feitas, figura como o nome de Piratiny Maior, o que evidencia que o tinham então como nascente principal, visto que os outros galhos foram chamados Piratiny Mirim e Piratiny Chico, denominação que ainda conservam.

E' tambem conhecido por Santa Maria e por Orqueta, simplesmente. Serve de limite ao municipio de Piratiny com os de Arroio Grande e São João do Herval e entre este e o de Pinheiro Machado, onde nasce.

PIRATINY DO SARAIVA — arroio, tributario da m. e. do Piratiny do Sul, no mun. de Cangussú, mais conhecido por arroio do Saraiva. Vide sua descripção na hydrographia do mun. citado.

PIRATINY DO SUL — Denominação que julgamos conveniente seja adoptada definitivamente para o Piratiny affluente do São Gonçalo, para evitar confussões com o Piratiny tributario do Uruguay.

PIRATINYZINHO — Palavra hybrida c. *piratiny* (s. guarani) + *zinho* (suf. dim. portuguez). Arroio tributario do Piratiny do Norte, nasce a O. de São Miguel e corre para OSO., em um percurso de 20 klms.

O Piratiny do Sul tem tambem um tributario com a denominação acima e que figura no mappa de *Coi.* e *Nie.* com o nome de Piratiny Chico e nos de *Cunha Lopes*, *Jannasch*, *DOP.* e *C. Eng.* com a dupla denominação de arroio do Meio ou Piratiny Mirim. Corre na direcção geral de E., margeando a encosta norte da Serra das Asperezas, em um percurso de cerca de 42 klms. Ainda com aquelle nome existe um pequeno curso d'agua, no mun. de Pelotas; nasce proximo á ilha das Uvas e corre de SSO. para NNE., em um percurso de 6 klms. até se lançar no arroio Pavão.

PIRAYPÁ — c. *pira-ypa*, a lagôa do peixe. Denominação dada no *Primeiro Mappa do Paraguay* a um tributario do Uruguay, que julgamos ser o actual arroio Sant'Anna, no mun. de São Borja e cuja fóz fica ao N. da barra do Botuhy.

PIRAYTI — c. *pira-y-ti*, rio do peixe branco. Denominação dada por *Olmedilla* a um dos tributarios do Uruguay, que julgamos seja o actual Nonohay.

PIRIRY — c. *pyryri-y*, o rio ligeiro. *Guirá pyryri*, passaro ligeiro; *abapyryri*, homem ligeiro. Póde ser tambem c. de *piriri-y*, o rio que estala ou que dá estalidos. *Opiriri tata*, o fogo dá estalidos.

Denominação de um dos galhos do Botuhy, no mun. de São Borja.

PITAA — c. *pitã-a*, a nascente ou a cabeça vermelha. Arroio tributario do Uruguay, entre o Ibicuhy e o Japejú, conforme se vê da concessão de sesmaria feita, em 1814, a Thomaz Antonio Bittencourt. E' actualmente conhecido por Puitan.

PITANGAS — adj. o mesmo que piranga. Fructa de um arbusto da familia das Myrtaceas, de que ha varias especies. Essa fructa quando bem madura é quasi preta, contem uma a duas sementes brancas envolvidas por uma polpa adocicada e aromatica. Segundo *Martius* as pitangas devem ser contadas entre os mais bellos dons da natureza. (*João Dutra*).

Capão no mun. de Santa Cruz.

PITIM — O mesmo que *petim*. Assim *DAS.* denomina um dos tributarios do arroio Ribeiro, que não nos foi possivel identificar. Cremos que o autor referido fez confusão com o Petim, tributario do Guahyba.

PITUBA — adj. debilidade, desalento, decadencia, fraqueza, definhamento. *Chepitubá*, estou desalentado, fraco, debil. Para *Th. Sampaio*, porém, significa, bafo, alito, sopro, exalação.

Logar no mun. de Taquara do Mundo Novo.

PONXIM — alt. *pochiin*, ruim, mau, feio.

Arroio no mun. de São Borja, citado por *Vell. Silv.* Não nos foi possivel identifica-lo.

PORONGOS — „Nome vulgar de certa cucurbitacea de pequena especie, de que se fazem cuias para matte. No Chile e no Perú chamam porongo a um cantaro de barro de gargallo comprido, nome derivado do quíchua *puruncca*. E' sem duvida a origem do nosso vocabulo.“ (*B. Rhoan*).

Arroio, nasce na vertente occidental da Cochilha Grande e corre na direcção geral E.—O., em um percurso de cerca de 55 klms. até sua fóz no Ijuhy. E' tambem conhecido por Caxambú.

Coi. e *Nie.* o denominam Piranga; *Cunha Lopes*, os copiou. *Vell. Silv.* o chama Piranhas. Na *Planta da Zona Colonizada*, figura com o nome de Corticeira. O *C. Eng.* dá a denominação de Porongos ao Rio da Conceição.

Com aquelle nome existem ainda neste Estado: uma cochilha no mun. de Cruz Alta; um cerro e uma estrada no de Pinheiro Machado e mais três arroios — um é tributario do Sangão no mun. de Guaporé, corre em um percurso de 15 klms. de NE. para SSO.; o outro do Pinheirinho, no mun. do Lageado e o outro do Piratiny, no mun. de Arroio Grande, corre de O. para E., em um percurso de 13 klms. aproximadamente.

PREÁ — alt. *apereá*, que é c. *apé-reá*, o que mora no caminho. Pequeno mamifero da ordem dos roedores subcaudados, da familia Cavideos, genero *cavia* *apérea*. Seu nome tem origem no facto de ser sempre encontrado nas margens dos caminhos, especialmente pela manhã e á tarde, quando sáe em procura das mais tenras gramimeas para seu alimento.

Com o nome acima existe uma ilha no canal do Rio Grande.

PUITAN — alt. de *pitang*, vermelho, rubro etc. Denominação actual do arroio conhecido no começo do seculo XIX por Pitaa. É tributario do Uruguay; corre de E. para O. em um percurso de 15 klms. aproximadamente.

POTINGA — corr. *po-tinga*, mão branca. Arroio tributario do Jacaré no mun. de Encantado e linha colonial no mesmo mun.

PUY — c. *pu-y*, o que faz ruido, o que murmura. Estancia no mun. de Quarahy e passo sobre o Garupá, no mesmo mun.

QUAQUAQUAI — Assim *Olmedilla* escreveu o nome do Vaccacahy.

QUARAHIM — c. *quara-i*, o buraquinho, o pocinho. Assim *S. Leopoldo*, *Gay* e *Camargo* grapharam o nome do Quarahy.

QUARAHY — c. *quara-y*, o rio dos buracos. Importante mun. situado na fronteira O. do Estado com a Republica Oriental do Uruguay e cuja séde é na cidade do mesmo nome, que assenta em uma colina em frente á villa uruguaya de Artigas, a cerca de 100 metros sobre o nivel do mar.

O governo imperial tendo em vista o rapido desenvolvimento que tivéra a povoação de Santo Eugenio mandada fundar em 1852, pelo governo Oriental, á margem esquerda do Quarahy, resolveu, em 1858, fundar na margem opposta, em terras que pertencêra a João Baptista de Castilhos, ahí estabelecido em 1820, uma povoação que deu origem á actual cidade de Quarahy.

Fez a demarcação dos lotes do povoado que se devia iniciar, o 2.º barão de Caçapava, marechal José da Victoria Soares de Andréa, então coronel de Engenheiros.

Afluiram pessoas de diversos pontos do Estado para se estabelecerem no incipiente povoado, que progrediu rapida-

mente e foi elevado á freguezia, com a invocação de São João Baptista do Quarahy, em 15 de dezembro de 1859. Pela lei provincial de 2 de maio de 1871, foi elevada á parochia com a mesma denominação e pela 972, de 9 de abril de 1875, á villa, e á cidade pelo acto estadual n.º 150, de 26 de março de 1890. O territorio do municipio é o que constituia o 5.º distrito de paz de Alegrete.

As divisas do municipio são as seguintes: Ao N. com o municipio de Alegrete, pelo arroio da Restinga, em um percurso de $5\frac{1}{2}$ klms., a partir de sua fóz, depois pela sanga do Salso até receber o ultimo affluente da m. e. que passa a ser o lindeiro até sua nascente e d'ahi por uma linha secca até as cabeceiras do arroio que divide os campos de Serafim Silva com os do dr. Sá Brito e por esse arroio até sua barra no Pay Passo e por este até receber as aguas da Sanga do Matta Olho, que marca a linha de divisa em um percurso de $4\frac{1}{2}$ klms., isto é: até a barra de seu maior tributario pela m. e. o qual passa a lindeiro em todo o seu curso, continua a divisa por uma linha secca até as cabeceiras de um tributario do Inhanduhy e depois por este rio até receber um affluente pela m. e., pouco acima do passo da Armada. A O., com o mun. de Uruguayana, pelo ultimo arroio citado, até as cabeceiras de seu contravertente a sanga do Lageado, que demarca a divisa até sua barra no Garupá e por este até se lançar no Quarahy. Ao S. com a Republica Oriental do Uruguay, desde o ultimo ponto citado até a barra do Caty. A L., com o mun. de Livramento desde a embocadura do Caty até sua nascente principal e em seguida pelo seu contravertente — o arroio do Chapeu, até se lançar no rio Ibirapuitan e por este até a barra do arroio Restinga. Limita tambem com o mun. do Rosario pelo Ibirapuitan a partir da fóz do Ibirapuitan Chico para baixo, até o inicio dos limites com Alegrete.

A estrutura geologica do mun. em apreço é assim descripta pelo dr. Petit: „Nas planicies de alto nivel, como nos valles onde a corrente das aguas tem depositado as terras mantilhosas com a lluvião da robusta vegetação, que arrastou em seus precipitados transbordamentos, mostram-se no geral, capas ligeiras de terra negra vegetal. Por pouco que seja a profundidade que se explore, debaixo della e communmente na superficie apparece o quartzo, o porphyro da especie commum, de côr roxa, notando-se nas fendas, capas delgadas de oxydo de ferro e maganez. Esse porphyro, em certos logares, apparece em massas globulares e no interior se descobre uma textura radical de quartzo crystalisado, assim como em outras, sua qualidade é porosa e menos compacta; esse ultimo é applicado á industria, como pedras de mó. Na parte elevada da

Cochilha, o terreno extratificado por effeito igneo, accusa pertencer ao grupo cretaceo superior e no qual abundam os basaltos porphyricos, duros e muito densos, e em cujas faces predomina a côr roxa escura. Nas vertentes caídas ao Quarahy, encontrarm-se manchas de terrenos cobertos de um pedregulho movel, que os inutilizam para lavouras, sobre corpos ou argilla calcarea, e que são muito proprios para o cultivo da vinha.“ (Citação de *Oct. Far.*).

As terras de Quarahy são quanto a natureza, argillo-calcareas, argillo-silicosas, segundo o Anuario Estatistico do Estado, que assim classifica seus campos: „Subdividem-se em tres classes. As duas primeiras se distinguem por poucos caracteres, sendo excellentes seus campos, havendo a differença em que os da 2.^a possuem manchas pequenas inaproveitaveis, devido á grande abundancia de pedras. Os campos de ruim qualidade pertencem á 3.^a classe, abrangem uma área de 17.500 hectares, no logar denominado Areal. Não obstante encontram-se pequenos tractos de pessimos campos no meio de zonas de ricas pastagens. A zona das pastagens finas está comprehendida principalmente entre o rio Inhanduhy e o arroio Garupá.“

O municipio tem a fórmula de um losango irregular; é ondulado, apresentando extensos chapadões; percorrem-no os ultimos contrafortes da Cochilha de Sant'Anna, que o atravessa de SE. para NO., com altitudes de 200 metros e ahi se esgalha com as denominações de São Raphael, Santa Helena, Pay Passo e Japejú. Conta diversos cerros entre elles os de Jaráu, com 225 e 200 metros de altitude, dos Bois, tambem com 200 metros, no primeiro districto; Cerros Grandes, do Japejú, do Marco, no segundo districto; da Sepultura com 245 metros, dos Touros com 200 e da Tuna, no terceiro districto. O ponto culminante do mun. está nas Tres Vendas, na Cochilha de Sant'Anna.

Posição astronomica — São as seguintes as coordenadas da cidade e de outros pontos do mun.:

Cidade (Igreja) 30° 23' 17" lat. S. e 13° 16' 44" long. O.
Cerro do Jaráu,

o mais alto,	30° 11' 8"	" " "	13° 19' 22"	" "
Japejú	29° 30' 03" 70	" " "	13° 28' 37" 44	" "
Areal	30° 28' 52" 75	" " "	13° 06' 35" 79	" "
Tres Vendas	30° 20' 10" 41	" " "	12° 55' 59" 18	" "
Garupá (fóz)	30° 12' 00"	" " "	13° 32' 59"	" "

Hydrographia — O systema hydrographico do mun. pertence á bacia occidental do Estado, ahi opulentamente repre-

sentada pelo rio Quarahy e grande numero de seus tributarios pela m. d. e por affluentes do Ibicuhy. Sob o ponto de vista de irrigação o mun, tem uma rede hydrographica ideal: cortam-no em todas as direcções arroios margeados de mattos, alimentados por innumerous correjos. Os tributarios do Quarahy no mun. em apreço são os seguintes:

1) *Garupá*, rio, nasce por 2 grandes galhos na Cochilha de Sant'Anna, ao N. das Tres Vendas e corre para septentrião, até a confluencia das suas duas principaes nascentes, ahi toma a direcção geral E.—O. até a barra da sanga do Lageado onde se inflecte para SSO. até sua fóz. Corre em leito firme e tem vegetação em ambas as margens, desde a embocadura da sanga do Japejú para baixo. Recebe pela m. d. alem de outros tributarios, a sanga da Tuna, que desce da Cochilha de Japejú, para O., em um percurso de $7\frac{1}{2}$ klms., com um affluente pela m. d., que nasce a E. do cerro de Japejú e banha a estancia da Tuna; sanga do Japejú, nasce a NO. do cerro de seu nome, e corre para OSO. até sua barra, em um percurso de $3\frac{1}{2}$ klms.; sanga do Lageado, que tambem desce da Cochilha de Japejú, rumo SSO. até sua barra, servindo de limite; em todo seu curso, que é de 24 klms., entre os municipios de Quarahy e Uruguayana. Tem matto em ambas as margens em pequena extensão, a partir de cerca de 3 klms. acima de sua fóz. Nos Relatorios da C. C. G. B. figura erradamente com o nome de Sanga do Lontra.

Os tributarios do Garupá são pela m. e. entre outros de pouca importancia: Sanga dos Cachorros, que nasce a NO. da estrada de Quarahy a Alegrete e corre de ESE. para NO. até sua barra depois de um curso de 10 klms., é alimentada por diversos correjos; sanga do Matta Olho, correndo na mesma direcção da precedente, em um percurso de 13 klms. aproximadamente, cortando a estrada de rodagem de Quarahy a Uruguayana, entre seus tributarios se salienta a sanga da Tuna, com pouco mais de 3 klms. correndo na direcção S.—N.; sanga do Cambahy, nasce por 2 galhos ao N. de um dos cerros do Jarau, o mais baixo, e corre como a precedente, tendo pouco mais ou menos a mesma extensão; sanga dos Molhos, nasce a O. do referido cerro e corre para NO. até sua fóz depois de um curso de $4\frac{1}{2}$ klms.; sanga do Salso, com 13 klms. e pouco, correndo de E. para O.

2) *Irapó*, vide este nome.

3) *Quarahy Mirim*, vide este nome.

4) *Divisa*, sanga, nasce na encosta S. da Serrinha e corre a principio de ENE. para O. e depois se inflecte para SSO., até se lançar no Quarahy, 2 klms. a montante da cidade; seu curso é de cerca de 15 klms., segundo o *Mapa do Municipio*

de Quarahy. Nos Relatorios da C. C. G. B. figura, entretanto, com 10 klms. de extensão, por ter sido tomado certamente como sua principal nascente o galho occidental. Entre seus tributarios figura a sanga do Salso, que nasce em um capão a O. da fazenda das Larangeiras, situada na encosta O. da serra de Santa Helena, e corre na direcção geral do occidente, recebendo diversos tributarios por ambas as margens, salientando-se entre elles a sanga do Lageado, com 10 klms. de curso aproximadamente e que nasce a cerca de 180 metros de altitude a O. da fazenda de Santa Helena e corre a principio para O. e depois para SSO. tendo vegetação em ambas as margens, nesta ultima direcção. O curso da sanga do Salso é de 12 klms. até sua confluencia com a sanga da Divisa e seu volume d'agua é maior que o desta, d'ahi a ser considerada como tributaria do Quarahy, tendo como affluente a Divisa, cuja extesão até a confluencia é de $13\frac{1}{2}$ klms. Não é facil a solução do problema: a mais extensa tem menor volume d'agua; ambas tem a mesma cota de altitude nas nascentes; o tronco inferior é de pouco mais de um klm. e os braços confluentes formam em sua junção um angulo agudo, ficando assim a direcção do eixo inferior correspondente a bissetriz desse angulo. Resta, pois, sómente recorrer á condição antropogeographica e esta decide a favor da Sanga da Divisa, que a encontramos mencionada antes da do Salso, nos mappas mais antigos que consultámos, entre elles o de *Coi.* e *Nie.*, o primeiro em que a encontramos registada.

Oct. Far. menciona a Sanga do Salso como tributaria da da Divisa, mas não regista esta. Nos Relatorios da C. C. G. B. a sanga do Salso figura como o nome de Sanga do Defunto, com 9 klms. de curso e como tributaria da Divisa; o *C. Eng.* dá-lhe tambem esse nome, mas o faz desaguar directamente no Quarahy, depois de um curso de 11 klms. aproximadamente. Ha em tudo isso confusão: o curso d'agua que é tambem conhecido por Sanga dos Defuntos, é a sanga do Lageado, tributaria da m. d. do Salso.

5) *Areal*, arroio, formado pela junção do Quatepe com o Salsal, d'ahi até a fôz corre em terreno baixo e alagadiço. Cremos ser o Quatepe sua vertente principal. No mappa que acompanha os Annaes de *S. Leopoldo*, figura com o nome Areal em toda a sua extensão. Nos trabalhos da C. C. G. B. não existe o Areal e sim o Quatepe como deságuando no Quarahy. Pensamos de modo diverso: o tributario do Quarahy é o Areal, como é conhecido ha mais de um seculo e figura registado em cartas geographicas ha mais de 80 annos, o curso d'agua que nasce ao S. das Tres Vendas e se lança no Quarahy.

No mappa de *Coi.* e *Nie.* o Quatepe está como tributario do Areal, que ahi figura como tendo sua nascente principal ao S. do cerro dos Bois, ou seja o Salsal. O Quatepe tem como tributarios pela m. d. a sanga do Empedrado que corre de N. para S. em um percurso de $4\frac{1}{2}$ klms.; sanga do Lageado, correndo como a precedente, tendo, porém, $7\frac{1}{2}$ klms. de curso; marca em toda essa exensão os limites (parte) entre o 1.º e 2.º districtos municipaes e Inhanduvai, que tambem limita parte dos districtos referidos. O Salsal, um dos galhos formadores do Areal, nasce ao S. do cerro dos Bois, no 1.º districto e corre, em leito cavado entre cochilhas elevadas, na direcção geral N.—S., até sua barra depois de um curso de 12 klms. aproximadamente, segundo o *Mappa do Municipio de Quarahy*. Nos trabalhos da C. C. G. B. figura com $9\frac{1}{2}$ klms. de extensão; é ornado de matto em ambas as margens, predominando o Matta Olho, Pitangueira, Branquinho e Salso.

A sanga do Salso, que é tambem tributaria do Areal, corre como a precedente de N. para S., no 1.º districto; seu curso é de cerca de 11 klms.; tem vegetação em ambas as margens, especialmente na esquerda, onde predomina o Salso. A sanga dos Gomes, tributaria ainda do Areal, tem origem ao N. de Santa Helena, de onde rola para S. até sua barra, tem fraca vegetação, grupada em caponetes, distantes uns dos outros; proximo a barra corre em terreno alagadiço; seu curso é de 12 klms.

6) *Caty*, vide este nome. Nasce a O. do cerro das Catacumbas e corre da direcção geral do poente até sua barra no Quarahy, depois de um curso de $37\frac{1}{2}$ klms., marcando em toda essa extensão parte dos limites entre o mun. de Quarahy e o de Livramento. Muitos confundem-no com o Sarandy, seu confluente e cujo ponto de reunião fica a 2 klms., antes de assim reunidos se lançarem no Quarahy. Nos trabalhos da C. C. G. B. seu curso está calculado em 40 klms. e é considerado em alguns desses trabalhos como tributario do Sarandy, e em outros como tendo sua embocadura no Quarahy e recebendo as aguas daquelle.

O affluente directo do Ibicuhy, no mun. em apreço, é o Ibirapuitan, que marca parte dos limites com Livramento e tem ali os seguintes tributarios:

a) *Chapeu*, arroio, contravertente do Caty, nasce a L. do cerro das Catacumbas e corre na direcção geral NE., em um percurso de 22 klms. até sua fóz. Tem vegetação em ambas as margens. Marca em toda sua extensão parte dos limites entre Quarahy e Livramento.

b) *Restinga*, arroio, nasce na Cochilha de S. Raphael e corre para N. e depois se inflecte para NE. até sua barra; serve

de limite entre Quarahy e Alegrete, função essa que também é desempenhada pela sanga do Salso, que avoluma suas águas pela m. e.; a partir do ponto em que se inflecte para NE. é orlada de matto em ambas as margens; seu curso é de 18 klms.

c) *Pay Passo*, vide este nome.

d) *Inhanduhy*, vide este nome.

Clima — Estando o mun. de Quarahy situado na zona temperada quente, possui, por isso um excellentes clima, como observa Rosendo Wagner, no Relatório apresentado ao intendente municipal, dr. José Conrado Wagner, em 1919.

O município de Quarahy que é parte integrante do Estado do Rio Grande do Sul, pertence ao 5.º Districto Eleitoral, faz parte da diocese de Uruguayana, é sede da comarca de seu nome e é constituído por 3 districtos administrativos e igual numero de judiciarios: 1.º Quarahy, com 11.402 habitantes, creado pela lei provincial n.º 442 de 15—12—1859; 2.º Inhanduhy, com 1596 habitantes e 3.º S. Raphael, com 1712 hab.

O actual territorio do mun. de Quarahy, pela divisão administrativa de 1809, pertencia á zona comprehendida na vasta fronteira de Rio Pardo.

O movimento do registo civil no anno de 1922 foi o seguinte:

População	Nasciment.	Obitos	Casamentos	Natalidade	Nupcialid.	Mortalidade
14770	150	76	24	10,15	1,62	5,14

Sendo a área do mun. de 3177 klms.² a densidade da população era em 1922 de 4,64 por klm.².

Como materia de informação vamos dar em seguida alguns dados sobre a população encontrada neste mun. em diversos recenseamentos:

Em 1890

Districtos	Homens	Mulheres	Total	Analphabetos	Extrangeiros
1.º	2595	2444	5039	3563	203
2.º	856	855	1711	1312	112
3.º	699	639	1338	1055	12
Somma . .	4150	3938	8088	5930	327

Pelo recenseamento de 1848 a população do município, então simples districto, era de 2963 habitantes. Pelo censo de 1872, foram encontrados 4450; em 1900 se elevaram para 11.437.

O mun. figura entre os que não tem prestado informações sobre a estatística das habitações. Segundo *Oct. Far.* a

cidade, em 1886, contava 277 predios, que se elevaram para 389, em 1889; para 439, em 1900; para 515, em 1910 e para 616, em 1913.

O Relatorio da Repartição de Estatistica do Estado para o anno de 1918, consigna 900 predios para o mun., quando tal numero era sómente dos predios urbanos, conforme se vê do Relatorio municipal apresentado em 1919.

Muito tem difficultado o desenvolvimento predial o elevado preço do material de construcção, especialmente da madeira.

Não ha tambem informações sobre o numero de vehiculos existentes no mun.

A população pecuaria do Mun. calculada em 1923, foi a seguinte:

Especie	Quantidade	Valor
Bovinos	150.000	16.200:000\$000
Equinos	18.000	1.170:000\$000
Muares	3.000	300:000\$000
Suinos	4.200	138:600\$000
Ovinos	260.000	5.720:000\$000
Caprinos	1.000	10:000\$000
Total	436.200	23.538:600\$000

Entre os diversos productos agricolas do mun. figuraram na safra de 1923—1924, milho, feijão, arroz e batata ingleza, respectivamente, com 1.000, 400, 40 e 60 toneladas.

No quadro da tributação territorial do Estado em 1921, Quarahy figura entre os municipios do 4.º grupo, isto é, entre os que tem área de 300.000 a 400.000 hectares, da seguinte forma:

Numero de proprietarios	Area em hectares	Valor venal	Valor medio
1.488	317.636	37.156:200\$	116\$977

A receita e despesa do mun. em 1921 foi a seguinte:

Saldo de 1920	Receita		Total	Despeza		Total	Saldo para 1922
	Ordinaria	Extraordin.		Ordinaria	Extraordin.		
1.318\$	239:841\$	16:444\$	257:603\$	258:755\$	30\$	258:785\$	

Vias de comunicação — Os cursos d'agua que banham o mun. não são ahi navegaveis. Diversas estradas de rodagem

cortam-no em todas as direcções, salientando-se as que ligam a séde ás cidades de Livramento, Uruguayana e Alegrete, com muitas ramificações. A primeira se estende para NE., parallelamente á sanga do Salso, cortando todos os tributarios da m. d. desse curso d'agua; atravessa a Cochilha de Santa Helena, deixando ao S. a fazenda desse nome e ao despontar o arroio Salsal, o viandante vê ao N. o cerro dos Bois, que se ostenta sobranceiro em seus 200 metros de altitude, só encontrando rivaes nas elevações das cercanias das Tres Vendas, onde ha altitudes de 250 metros. Proseguindo a estrada faz uma inclinação para SE. e corta proximo ás nascentes as sangas do Lageado e do Empedrado e o arroio Quatepe; ahi faz uma inflexão pronunciada para SSE. e passando o Caty, penetra no mun. de Livramento. Sua extensão é de 132 klms. dos quaes 48 em territorio quarahyense, toda em corredor aramado em ambos os lados.

A *Estrada de Uruguayana*, parte de Quarahy, rumo de NO., córta o Quarahy Mirim logo abaixo da sanga que desce do Posto Branco e depois de deixar os celebres cerros de Jarau a NO. e de atravessar a sanga do Matta Olha, passa sobre o Garupá, no Passo do Puy e penetra no mun. de Uruguayana, tendo feito um percurso de 33 klms. pouco mais ou menos. Sua extensão total é de 119 klms.

Estrada de Alegrete — Quem sáe de Quarahy para Uruguayana ou Alegrete, percorre mil e poucos metros por uma unica via, que depois se biparte — o grande ramo que se dirige para NO., conduz á Uruguayana, e é a estrada acima citada, e o que se estende para NE., leva á Alegrete, depois de cortar os arroios Mancarrão e Quarahy Mirim, entre os quaes marca parte dos limites do 1.º e 2.º districtos e vae depois passar sobre o arroio Inhanduhy e penetra em seguida no territorio alegretense, depois de uma extensão de 54 klms. em territorio quarahyense; sua extensão até Alegrete é de 166 klms. Do ponto em que corta o Quarahy Mirim, junto á foz da sanga dos Botões, parte uma ramificação para NNE., até a fazenda do Puy, onde se liga com a estrada de Uruguayana; esse ramo desprende um galho que passa o Garupá, no passo de Santo Izidro e vem se ligar á estrada de Alegrete; ainda desta estrada e das pontas da sanga dos Cachorros, parte uma ramificação que se liga á estrada de Livramento, por meio de outros galhos, que servem o 2.º districto. E' tambem importante a estrada que corre ao longo da Cochilha de Japejú e córta o 2.º e 3.º districtos de N. a S., desprendendo diversos ramos para O. e L.

A estação do telegrapho em Quarahy, que é de 4.ª classe, dispõe de 2 aparelhos *Morse* simples e pertence ao 18.º Districto Telegraphico, com séde em Porto Alegre.

Em 1923 transmittiu 4290 telegrammas com 91.300 palavras e recebeu 4560 com 93.855 palavras.

A receita foi de 17:466\$138 e a despesa de 9:724\$339. A renda do serviço official attingiu a 9:688\$944.

Em 1923 existiam no mun. 15 estabelecimentos de ensino, sendo um collegio elementar, 11 escolas subvencionadas pelo Estado e 3 escolas municipaes.

Eis um quadro sobre a instrucção no municipio:

População do municipio	População escolar	Alumnos matriculad.	Coefficiente da pop. escolar por 1000 hab.	Alumnos matr. por 1000 hab.	Alumnos matr. para 1000 em idade escolar	Alumnos matr. em relação a área do municipio
14.710	3060	809	208	55	261	0,3

Pelo quadro acima se verifica que o mun. occupa entre seus irmãos o 51.º lugar em numero de alumnos matriculados em relação á população municipal e o 52.º em relação a área superficial do territorio.

Imprensa — São estes os jornaes que sabemos terem sido publicados no mun. em apreço:

Voz do Povo, em 1882; *Imparcial*, de 1882 a 1883; *Popular*, no ultimo anno citado; não conseguimos saber quando deixou de circular; *Echo de Quarahy*, de 1884 a 1885; *Baptistense*, que circulou em 1887, *Situação*, em 1888; *Bouquet*, de 1888 a 1892; *Echo do Povo*, de 1890 a 1891; *Caradura*, *Proletario* e *Quarahyense*, que circularam em 1891. Houve depois um longo interregno, causado pela revolução federalista. Só depois de terminada esta appareceu o *Commercial*, em 1895 e nesse mesmo anno a *Fronteira* que circulou até 1896, anno este em que appareceu o *Farrapo*, de vida ephemera, como todos os outros. Em 1902 eram publicados no Quarahy 2 jornaes — a *Conquista* e *Fronteira*, que depois desapareceram. Em 1908 surgiu o primeiro numero do *Cidadão*, bi-semanal; em 1920 a *Fronteira*, semanal, segundo desse nome. Estes tres ultimos citados continuam a apparecer até esta data.

Existe no Quarahy o Cine Theatro Rio Branco.

O rio Quarahy, que marca os limites de nosso paiz com a Republica Oriental do Uruguay, é formado por 2 nascentes principaes, que descem da Cochilha de Haedo ou Sant'Anna, no municipio de Livramento. São ellas o arroio Espenillo, conhecido em sua origem pelo nome de Capão do Inglez segundo os trabalhos da C. C. G. B. e que desce dos Galpões, com matto abundante em ambas as margens, até sua confluencia

com o Invernada, entre os passos da Sepultura e da Lagôa, depois de um curso de 52 klms. em leito pedregoso. Nasce entre os marcos 44 e 45, hoje conhecidos por marcos dos Galpões e da Meia Agua, plantados ambos sobre a crista da Cochilha de Sant'Anna.

Cunha Lopes, *DOP.* e o *C. Eng.*, calculam o curso do arroio em apreço em 40 klms. *Coi.* e *Nie.* avaliaram em cerca de 38 e dão-lhe como sua nascente principal o curso d'agua que denominam — Chico, com origem a NO. do marco 46, plantado na crista da Cochilha de Haedo, conhecido por Barrios e como seu tributario registam o Capão do Inglez, acima referido.

O outro galho formador do Quarahy é o arroio Invernada, que nasce no marco 49 ou do Massolter, como é hoje conhecido e que está plantado sobre o nó formado pela Cochilha de Haedo e de Belem, conhecida tambem por Cochilha Negra. O Invernada, marca desde sua nascente principal até a confluencia com o Espenillo, os limites entre o Brasil e a Republica Oriental do Uruguay. Em alguns trabalhos antigos sobre este Estado apparece as vezes com o nome de arroio Maneco. Seu curso, segundo a C. C. G. B. é de 37 klms. sempre margeado de matto regular. Recebe pela m. d. o arroio dos Moirões — no mappa do *C. Eng.* está escripto Mourus, erradamente — formado pela confluencia do Trilha e Florencio. Este nasce junto ao marco 47, plantado na crista da Cochilha de Haedo, tambem conhecido por marco do David, nome que certamente tirou de João David, antigo proprietario de uma fazenda localisada nessa região. O *C. Eng.* altera o nome deste marco, chamando-o da Officina; o curso do arroio em referencia é de 19 klms., tendo matto grosso em ambas as margens e em toda a sua extensão. O Florencio nasce proximo ao marco 48, plantado na crista da Cochilha de Sant'Anna ou Haedo e conhecido hoje por marco do Serpa — o *C. Eng.* escreve Serra — tem matto regular em ambas as margens; seu curso é de 15 klms, aproximadamente; corre sempre, como todos os demais acima referidos, na direcção SE.—ONO., em leito profundo.

A confluencia do Espinillo com o Invernada, forma um grande rincão outr'ora conhecido pelo nome de Rincão do Artigas e hoje por Campo Osorio, onde foi sacrificado em 24 de junho de 1895 o inditoso almirante Saldanha da Gama.

Nos trabalhos da C. C. G. B. o Campo Osorio está localisado entre os arroios Moirões e Invernada.

Os tributarios da m. d. do Quarahy são, alem dos já mencionados na Hydrographia do mun. deste nome, mais os seguintes:

Sarandy, *Camoatim*, *Caguete*, *Capivary*, *Guapitanguí*, vide estes nomes.

Sanga do Salso, que desde da Cochilhade Pay Passo, rumo geral do S. Proximo a fôz se biparte para assim se lançar no Quarahy, formando desse modo uma ilha, semelhante á do Guapitangui.

O Quarahy corre a principio de SSE. para ONO., até a fôz do Camoatim, ahi se inflecte para O. até receber o Guapitangui, ponto em que faz uma forte inflexão para SSO. até a barra do Tres Cruzes, retomando d'ahi para baixo a direcção primitiva até se lançar no Uruguay, junto ao povoado da Barra do Quarahy aos 30° 11' 12" de lat. S. e aos 14° 29' 20" de long. O. Rola sobre leito de pedra, em geral baixo; depois da fôz do Caty, augmenta de volume, chegando sua largura a 70 metros proximo á cidade de seu nome.

Coi. e *Nie.* dão o Quarahy como formado pelos arroios Capão Inglez e Quarahy Chico, já referidos, supprimindo assim o Espinilho e dão-lhe como tributario o Invernada. Os autores recem citados calculam o curso do Quarahy em cerca de 217 klms. a partir da confluencia do Espenliho com o Invernada; *DOP.* calcula em 215; *Cunha Lopes, Jannasch* e o *C. Eng.*, em 210 aproximadamente; *W. Men.* em cerca de 220.

Existem no Quarahy os seguintes passos: da Lagôa ou dos Vargas, do Santinho ou Curtino, o *C. Eng.* escreve Saltinho, do Ricardinho — no mun. de Livramento; do Caty, do Pintado, este tira o nome de um tributario da m. e., do Baptista, dos Lemos, dos Ladrões, do Silveira, no mun. de Quarahy; do Juquery, do Ramos, do Cerrito, do Leão, da Cruz, do Pay Passo, no mun. de Uruguayana.

Ainda com o nome de *Quarahy* existe um arroio tributario do S. Domingos no mun. de Guaporé, nasce na divisa desse mun. com o de Passo Fundo e corre de NO. para SE., em um percurso de 12 klms. até sua barra.

QUARAHY CHICO — Palavra hybrida c. *quarahy* (s. guarani) + *chico* (adj. hespanhol). Assim *Camargo, Coi.* e *Nie.*, *Varela, Oct. Far., Resende*, denominam o tributario do Uruguay, tambem conhecido por Quarahyzinho. *Gay*, deu aquelle nome ao Quarahy Mirim, affluente do Quarahy. *Coi.* e *Nie.* tambem denominaram Quarahy Chico á vertente que brota proximo ao marco do Barrios e que os referidos autores consideram como galho principal do Quarahy.

QUARAHY MIRIM c. *quarahy-mirim*, arroio dos buracos. Arroio tributario do Quarahy. Nasce a O. das Tres Vendas no mun. de Quarahy, a cerca de 250 metros de altitude, na Cochilha de Sant'Anna e rola correntoso para O. até sua fôz, depois de um curso de 55½ klms., segundo o *Mappa do Municipio de Quarahy*. Nos Relatorios da C. C. G. B. figura com 58 klms., de curso.

Depois de 12 klms. de curso principia a apparecer matto em ambas as margens até a fóz; corre entre ribanceiras, por ser o leito cavado em cochilhas e entrecortado por pequenos saltos — itaipavas — que impedem em absoluto a navegação.

Entre outros tributarios da m. d. se salientam:

a) *Sanga dos Ratões*, correndo de NNE. para SSO. em um percurso* de 3 klms., no 1.º districto e cuja fóz fica proxima ao ponto em que da estrada de Alegrete se desprende um ramo que se liga á de Uruguayana, na fazenda Puy.

b) *Sanga do Ferrador*, correndo na mesma direcção da precedente em um percurso de 3 klms.

c) *Sanga Grande*, nasce a L. do Posto Branco e corre para S. em um percurso de 6 klms.

d) *Sanga do Nhanduvay*, nasce por diversos galhos ao S. dos cerros de Jarau e corre quasi em linha recta, na direcção S. até sua fóz depois de um curso de 9 klms. tendo matto em ambas as margens, especialmente na esquerda até 3 klms, acima de sua barra. O galho oriental desce de 2 capões proximos ao mais alto dos cerros acima referidos.

Entre os tributarios da m. e. figuram o Mancarrão, que nasce junto á estrada de Sant'Anna e ao cerro dos Bois e corre na direcção geral de O., recebendo diversos tributarios, com matto forte em ambas as margens, até 9 klms. acima de sua barra; seu curso é de 26 klms., segundo o *Mappa do Municipio de Quarahy*. No Relatorio desse municipio, relativo ao anno de 1919, figura com 40 klms. de extensão. E' tambem conhecido por *Baiquay*, vide este nome. O C. Eng. escreveu Mancarricão.

QUARAHYZINHO — Palavra hybrida c. *Quarahy* (s. guarani) + *zinho* (suf. dim portuguez). Assim DOP. regista o nome do Quarahy Chico, tributario directo do Uruguay.

QUATEPE — alt. *caatapé*, vide este nome. Póde ser tambem cor. *quati-pé*, o caminho do quati.

Arroio, nasce ao S. das Tres Vendas, na Cochilha de Sant'Anna, a cerca de 250 metros de altitude, na divisa entre o 1.º e o 3.º districto de Quarahy e corre na direcção geral de SO. até se juntar com o Salsal, para assim formarem o Areal, do qual é a nascente principal; seu curso até esse ponto é de 22 klms.; é orlado de matto em ambas as margens. No principio do seculo passado era conhecido por Caatapé, conforme se vê da concessão de sesmaria feita, em 1811, a João Pereira Monteiro.

QUATY — c. *qua-ti*, (riscado, que têm riscos ou sulcos, em allusão ao rabo do quati) + *y*, agua, rio. O rio do quati. O quati é um pequeno mamifero, pertencente á ordem dos carnivoros da familia subursos ou procyonideos, de que ha duas

especies: quati de bando ou quati de vara, como é vulgarmente conhecido (*Nasua socialis*) e quati mondeo (*Nasua solitaris*). Este, segundo *Gliesch*, „não é senão o macho velho da mesma especie, que vive desgarrado da vara.“ *Max. Maciel*, assim descreve as duas especies: „Os nossos quatis (*nasua*) exhibem cabeça analogá á da raposa, com enorme focinho pontudo; a cauda é longa e aureolada de anneis escuros alternados; não tendo os quatis solitarios, vulgo mundéo, as pintas brancas no nariz, assemelhando-se no mais aos outros.“

Com o nome de *quaty* existe um pequeno curso d'agua, que se lança no Cambayzinho, no mun. de São Gabriel.

SABOYATI — Está assim escripto o nome do Cebolaty no *Mappa de Chagas Santos*.

SACARIBU — c. *caca-r-ibu*, olho d'agua transparente, vertente de agua clara ou crystalina. Pequeno arroio tributario da lagôa Saquarema, mais conhecida hoje por Mangueira. Esse curso d'agua é tambem denominado Pedro Martins.

SAICAN — corr. *ica-y-can*, o arroio do tronco secco. Vide Saycan.

SAIQUY — corr. *ica-y-qui*, o arroio da arvore da Chuva. Arroio tributario do Santa Cruz corre de SSE. para NNO. em um percurso de 3 klms. servindo em toda essa extensão de limite entre os municipios de Taquara e S. Francisco de Paula.

SAMBURÁ — corr, *ça-bora-á*, o colhido dentro do olho, o que se retira do centro ou do interior (*Th. Sampaio*). Especie de cesto feito de cipó, em que os pescadores conduzem a isca. Existem tambem feitos de taquara, para conducção de flôres, fructas e até de aves. Quando o vocabulo em apreço significa a comida das abelhas, isto é, o polen das flôres, é corr. de *teborá*, o que vae ser mel. (*B. Caetano*).

Nome de um lugar no mun. de S. Borja.

SANANDUVA — alt, de *sauva*, que é corr. de *ica-yba*, a formiga das plantas, isto é: que ataca as plantas. Nome vulgar da *Oecodoma cephalotes*. Povoador, séde do 4.º districto municipal de Lagôa Vermelha, creado por acto n.º 42, de 1.º—11—1907. Sua população em 1922 era de 4661 almas e sendo a área superficial de 832 klms.², a media dos habitantes era, portanto de 5,6 por klm.². Existe ahi o importante nucleo colonial de seu nome, fundado em 1.º de julho de 1902. Sua apreciavel producção agricola é exportada pela estrada de rodagem, que o liga a estação de Erebangó e á de Erechim, passado pelo povoado deste nome, em um percurso de 36 klms.

SAPÉ — corr. *eça-pé*, ver caminho, alumiar; graminea de que se fazem fachos (*Th. Sampaio*). É a saccharum Sapé de *Saint Hil*. Segundo *Florencio Vera*, é a voz usada para espantar o gato.

Linha colonial no mun. de Venancio Ayres.

SAPUCAIA — corr. *çapucaí*, s. grito, voz: *Açapucaí*, eu grito; *uruguaçú çapucaí*, o canto do gallo. Póde ser também *çapucaia*, s. o gallo, a gallinha: *çapucaia nheénga ramé*, de madrugada, ao cantar do gallo; *çapucaia çopia oame*, gallinha poedeira; *çapucaia roca*, gallinheiro.

Pelo nome Sapucaia é também conhecida uma arvore da familia das Myrtaceas (*Lecytes ollaria*), a qual, como observa *Al. Pinto*, „é uma das celebres arvores do Brasil pela singularidade de seu fructo, que se asemelha a um coco de fôrma oval, com um resalto annular, que naturalmente dá abertura ao fructo.“

Arroio tributario do Cahy, nasce no mun. de Gravatahy, a O. do morro Itacolomy e corre para o occidente; passa sob o leito da via ferrea entre a estação de seu nome e a de Canôas e marca os limites do mun. onde nasce, com os de S. Leopoldo, desde a barra do arroio do Moinho até sua embocadura; seu curso é segundo o *Mappa do Municipio de S. Leopoldo*, de 19½ klms. *DOP.* dá-lhe apenas 10 klms. e o figura nascendo no mun. de S. Leopoldo; *Selbach*, menciona sua origem na divisa desse mun. com o de Gravatahy, cujos limites figura marcando em toda a extensão de seu curso, que calcula em 21 klms. aproximadamente.

Ainda com o nome de *Sapucaia*, existem: uma estação da estrada de ferro, no povoado do mesmo nome, como ficou dito, e que é a séde do 7.º districto municipal de S. Leopoldo, e um morro nesse mun. O districto foi creado por acto n.º 114 de 17 de julho de 1912, sua população em 1922 era de 1684 almas.

SAPOPEMBA — corr. *çapó-peba*, raiz chata, cipó chato. Linha colonial no mun. de Lageado.

SAPYRANGA — corr. *ça-piranga*, os olhos vermelhos ou inflammados. Molestia de olhos — Blepharite ciliar. *João Ribeiro*, diz que na lingua tupi a locução *sa-piranga* ou antes *ecá-pirang* (isto é, *ceça* na forma absoluta *teça*) que significa literalmente *olhos vermelhos* ou *sanguineos*. O epitheto *piranga* quer dizer: côr de sangue, avermelhado; *olhos sapiranga*, representa, pois, como dissemos, uma redundancia pela repetição de *olhos* e *sá* que tem o mesmo sentido.“

Com o nome acima existe um arroio tributario do Itapuhy (Rio do Sino) no mun. de S. Leopoldo, nasce a O. do morro Ferra Braz e corre para S. até sua barra, depois de um curso de 12 klms. passa sob o leito da via ferrea.

Povoado, séde do 5.º districto municipal de S. Leopoldo, creado em 28 de março de 1890; sua população em 1922 era de 5224 almas. Estação do ramal ferreo de Taquara, junto ao

povoado acima referido. Estrada no mun. de S. Leopoldo, paralela ao arroio citado.

SAQUARAMBÚ — corr. *socorembo*, que o é por sua vez de *çoo-co-r-yembó*, o arroio dos socós.

Antiga denominação da lagôa hoje conhecida por Mangueira e também por Albardão. E' um bellissimo lago e banha em quasi toda a sua extensão de N. a S. o mun. de Santa Victoria do Palmar. Fica na costa do Albardão, proximo ao Atlantico. E' navegavel por embarcações de pequeno calado; é piscosa e margeada por abundante vegetação e, como observa *Tanc. Mello*, um curioso viveiro de bellas aves aquaticas.

Montenegro calcula seu comprimento em 120 klms. por 19, em sua maior largura; *Varela* em 130×12 ; *Tanc. Mello* em 120×6 ; *Jannasch* e *Selbach*, em 105×6 ; *Cunha Lopes* e *DOP.* em 100×6 e o *C. Eng.* em 100×10 .

SAQUAREMA — c. *çocó-rema*, o mau cheiro, a catinga dos socós. Assim *Dreys* escreveu o nome da lagôa Saquarambú.

SAQUAREMBÓ — Assim alguns autores grapham o nome da lagôa Saquarambú.

SAQUARUMBÓ — Assim *Silv. Peixoto*, *S. Leopoldo* e *Varela*, grapharam o nome da lagôa Saquarambú.

SARANDY — corr. *çarã-ti*, o rio dos Sarans. Existem com esse nome 8 arroios neste Estado: um delles é tributario do Rio Passo Fundo no mun. deste nome, corre de S. para N. em um percurso de 20 klms., recebe no inicio de seu curso um pequeno tributario pela m. d., segundo *DOP.* e a *Planta da Zona Colonial*. No mappa que acompanha o trabalho de *AXO.*, figura com 4 tributarios sendo 2 em cada margem e com cerca de 13 klms. *Jannasch* o regista correndo de OSO. para NE. em um percurso de 19 klms. aproximadamente; *Selbach* o figura correndo para L. até receber o tributario da m. d. e d'ahi para N. até sua fóz e calcula seu curso em 22 klms.

O outro Sarandy, mais conhecido hoje por Arenal e outr'ora por arroio das Canoinhas, conforme se vê da concessão de sesmaria feita, em 1799, a Bernardo Cardoso, é tributario do Vaccacahy, no mun. de Santa Maria; corre a principio na direcção geral NNO.—SSE. e depois se inflecte para L. e conserva essa direcção até se lançar no Vaccacahy, seu curso é de 41 klms., segundo *DOP.*, *Selbach*, calcula em 60 e o figura nascendo ao S. do leito da via ferrea P. A. U. sob a qual passa proximo á estação da Bocca do Monte, confundindo-o assim com o Fereiro, seu tributario. *Coi.* e *Nie.*, calculam o curso do arroio em apreço em 45 klms. Conta entre os tributarios da

margem direita o Ferreiro e o Passo da Areia, correndo ambos de N. para S., o primeiro com 11 klms. de curso e o segundo com cerca de 13, e pela m. d., recebe o Taquara, com 25 klms. de curso e que tem origem na lagôa da Larangeira e corre de NNO. para SSE.

O terceiro arroio com o nome de *Sarandy*, é tributario do Cambahyzinho, no mun. de S. Gabriel; o 4.º, rega o mun. de São Lourenço, segundo *Oct. Far.*, não conseguimos identifica-lo; o 5.º, é tributario do Caty, com o qual muitos confundem-no, a differença, porém, entre ambos, é bem notavel: o Caty é contravertente do arroio Chapeu, nasce, portanto, na divisa dos municípios de Quarahy e Livramento, e o Sarandy tem origem neste ultimo mun., a cerca de 6 klms. ao N. dos limites citados, segundo *DOP.* e 24, segundo *Selbach*, que o figura correndo na direcção geral de O. até sua confluencia com o Caty, depois de um curso de 56 klms. Essa extensão também lhe é dada pelo *C. Eng. DOP.* a calcula porém, em 25 klms. apenas e *Cunha Lopes*, em 11 aproximadamente, por se ter utilizado, sem duvida, das informações de *Coi* e *Nie.* *DAS.* o menciona como tributario directo do Quarahy, erro em que incorrem outros autores, levados, certamente pelo facto do arroio em referencia reunir suas aguas ás do Caty a cerca de 600 metros da barra deste.

Nos Relatorios da C. C. G. B. figura com 44 klms., quando tributario do Caty e com 63, quando o fazem se lançar no Quarahy.

E' orlado de matto em ambas as margens, ahi, porém, não se encontram madeiras de lei, isto é, proprias para construcção ou obras de marcenaria e sim sómente para combustivel.

O 6.º arroio *Sarandy*, é tributario do Ibirapuitan, nasce na Cochilha de Japejú e corre em leito raso, ornado de matto em ambas as margens. E' mais conhecido por Sarandy dos Ribeiros e já foi outr'ora, segundo *Oct. Far.*, denominado Itacambuzy. Encontramo-lo mencionado em 1814, na concessão de sesmaria feita a Balthazar Machado de Souza, como Sarandy, simplesmente.

O 7.º é tributario do Jaguarão, segundo *Camargo*, repetido por *Varela*, *Oct. Far.* e pelo autor da *Monographia de Jaguarão*. Não nos foi possivel identificar esse arroio.

O 8.º finalmente, é tributario da Lagôa Mirim, segundo os trabalhos da C. C. G. B., que dão sua barra ao N. do pontal de S. Miguel.

SAYCAN — O mesmo que *Saican*, vide este nome. Arroio tributario da m. e. do Santa Maria, no mun. do Rosario, nasce na Serra do Caverá, a cerca de 200 metros de altitude e rola para NNE., passando sob a via ferrea a L. da estação de seu nome. *Montenegro* o mencionou como desaguardo na m. e. do Ibicuhy, incorrendo assim em erro, e calculou seu curso em 65 klms. dos quaes, segundo o mesmo autor, 30 se prestam a navegacão. Rola vagaroso, em terreno baixo; suas aguas são pardacentas e suas margens alagadiças. *Coi. e Nie., DOP., Cunha Lopes e Jannasch*, tambem calculam o curso do Saycan em 65 klms.; o *C. Eng.* em 50; *Selbach*, em 60; *Resende* em 35.

Pela denominação acima são conhecidos os campos (rinção de 11 legoas) da Coudelaria da Fazenda Nacional de Saycan; uma estação da via ferrea P. A. U., a 87 metros sobre o nivel do mar e inaugurada em 22 de dezembro de 1907, e um povoado no mun. do Rosario, séde da Coudelaria referida e do 3.º districto administrativo daquelle mun., creado por acto 45, de 5 de agosto de 1897: sua população em 1922 era de 1832 almas.

SEBOLATY — Assim *S. Leopoldo, Gay* e *DAS.*, grapharamo nome do Cebolaty.

SINIMBÚ — corr. *çoo-nymbú*, o animal que cospe. Reptil verde do genero iguana, cuja carne é muito apreciada. Denominação de dois arroios — um é tributario do Rio Pardo, no mun. de Santa Cruz, corre de N. para S. em um percurso de 30 klms.; *Selbach*, calcula em 26. Nasce a pouco mais de 300 metros de altitude e desliza em seguida em terreno variando entre 300 e 200 metros sobre o nivel do mar, baixando para cerca de 100 nas proximidades de sua fóz. Essas continuas variações de altitude, fazem-no descrever em seu curso quasi uma linha recta. O outro é affluente do Cahy, no mun. de S. Sebastião do Cahy.

TABAQUÃ — c. *taba-qua*, o buraco da aldeia. Está assim registado o Camaquam do Sul na concessão de sesmaria feita, em 1792, a Matheus Simões Pires.

TABATINGA — c. *taba-tinga*, aldeia branca. Póde ser tambem, segundo *Th. Sampaio*, corr. *tava-tinga*, o barro branco, o barreiro de argilla branca. Assim o *C. Eng.* escreveu o nome do Tabatingahy.

TABATINGAHY — c. *taba-tinga-y*, o rio da aldeia ou do barro branco. Arroio tributario do Jacuhy, no mun. de Rio Pardo; nasce por 2 galhos ao N. do cerro Agudo, do lado occidental da estrada que liga Rio Pardo á Encruzilhada e corre para NNO., em leito estreito e barrancoso, margeado

de matto pelos dois lados, até sua fôz, depois de um curso que *DOP.* e *Jannasch* calculam em 17 klms.; *Cunha Lopes*, em 14; *Selbach*, em 26; o *C. Eng.*, em 35 e nos trabalhos da C. C. G. B. figura com 58 e tendo como tributarios a Sanga do Fernandes, com 5 klms., a do Pantano Grande, com 8 e a Funda, com 3. *DAS.* o menciona como tributario do Jaguarão e *DOP.* o localisa no mun. de S. Jeronymo, por determinar erradamente as divisas desse mun. com o de Rio Pardo.

TABATY — c. *taba-ty*, o rio da aldeia. Denominação dada ao actual Comandahy, antes de 1722. E' o Yguarape dos Jesuitas (mappas de 1722 e 1732) e o Itapua, dos hespanhoes, em 1759.

TAÇÁ — lista raio etc. *Quaraci açá*, raio de sol que entra por uma fenda. Cousa atravessada: *Curuçú raçapába*, o braço da cruz. *Taçapába*, travessa. Pequeno curso d'agua, tributario do arroio Grande no mun. de Cachoeira.

TACAPIO — *Reyes* dá esse nome a um pequeno tributario do Caverá e a este chama Carrera.

TACUARI — Assim *Hil. Ribeiro*, graphou o nome do rio Taquary.

TACURÚ — alt. *itacuruba*, que é c. *ita-curuba*, pedra aspera ou granulada; especie de pedra preta e porosa. No Estado de S. Paulo chamam *tacurú*, um fogão improvisado, com tres pedras ou tijolos. (*A. Amaral*).

Banhado no mun. de S. Gabriel, á m. e. do Vaccacahy, tem cerca de 25 klms. de comprimento por 7 de largura. *Selbach*, o figura ligado ao banhado Santa Catharina, no mun. de Santa Maria, tendo assim um perimetro de 105 klms. *Cunha Lopes* e *Jannasch*, tambem assim o figuram.

TAHYM — corr. *tagi*, o braço ou galho de rio (canal, furo).

São de *Montenegro* as seguintes e interessantes informações sobre o arroio Tahym desaparecido ha 47 annos: „Representando papel importante no regimen das aguas das lagoas Cayuva e Flôres, como canal de descarga, merece que se recordem em seus detalhes as causas que o fizeram desaparecer e que tanto tem prejudicado os campos de criação marginaes.

Em 14 de novembro de 1878, uma chuva torrencial, verdadeira avalanche, desabou sobre o districto de Tahym, no mun. do Rio Grande; as aguas das lagoas Flôres e Cayuva cresceram de maneira descommunal, attingindo em poucas

horas a 4 metros acima do nível ordinario, ligando-se em alguns pontos com a Mirim e cobrindo quasi todo o terreno elevado que as divide.

Algumas familias moradoras nas proximidades foram victimas da inundação, entre ellas a do cidadão José Fernandes Cardoso, composta de esposa e 8 filhos menores, que foi colhida pelas aguas e desappareceram na voragem.

Grande quantidade de gado vaccum, cavallar e lanigero foi arrastada pelo turbilhão, que rolava campo fóra em medonha violencia, destruindo, arrancando tudo que encontrava em sua passagem devastadora.

Cessando a chuva na madrugada de 15, violento SO. começou a represar as aguas das lagôas, cujo nível no entanto baixou rapidamente sob a acção combinada do sol e do vento; no dia 18 grande quantidade de areia, vasa e troncos de arvores, arrastados pela corrente, já obstruia a entrada do escoadouro que dava origem ao arroio o propriamente dito, que desde esse dia não foi mais alimentado pelos dois lagos.

A acção dos ventos sobre os vastos areiaes que cobrem grande parte daquella região, obstruiu totalmente o leito do arroio em pouco menos de 8 annos e hoje as proprias arvores que cresciam ao longo do antigo curso estão cobertas pelos comoros ali formados, alguns dos quaes attingem a 16 metros de altura.

O arroio Tahym tinha a sua origem na margem occidental da lagôa do Flôres; corria na direcção de E. para O. e com um percurso de 6 klms. lançava-se na Lagôa Mirim aos 32° 32' 00" de lat. austral e a 9° 28' 9" de longitude (meridional do Rio de Janeiro), formando assim um canal de ligação entre os dois lagos.

Na estiagem a profundidade era de 0,^m80 nos passos e de 1,^m50 a 2 m. no resto do curso ao longo do qual erguiam-se barrancas de 2 m. de altura, sustentadas pelo entrelaçamento das raizes do arvoredado baixo e rachitico que crescia nas margens, favorecido pela humidade.

Durante a época das cheias, sempre occasionadas pelas chuvas, o nível das aguas subia a 4 e 5 metros e de 1 a 1,^m50 nos passos, espalhando-se até fóra da matta carrasquenha; nessas occasiões o arroio dava entrada a hiates que subiam cerca de 5 klms, alem de sua fóz. Depois do soterramento do arroio, que, como dissemos, formava o canal por onde se escoava o excesso das aguas das duas lagôas, os campos circumvisinhos ficaram inutilizados para a industria pastoril, em consequencia do represamento das aguas, que, não encontrando sahida durante a época das chuvas, alagam esses cam-

pos, onde em tempos anteriores se ostentavam soberbas pastagens que tornavam o districto um dos mais prosperos do mun.

Hoje as duas lagôas estão cercadas por terrenos encharcados^a formando em todo seu perimetro uma cinta de 6 a 8 klms. de banhados transitaveis e cobertos de macega.

Desses banhados formou-se um pequeno correjo que se dirige para a lagôa Mirim, ao qual os moradores da localidade deram o nome de Figueira Torta, devido a uma arvore dessa especie que existe junto á sua fóz. Essa pequena sanga, porém, não pôde dar vazão as aguas das duas lagôas, em consequencia do nivel superior do seu curso em referencia ao das lagôas; o seu papel restringe-se ao escoamento dos banhados que se formam a oeste dos lagos e isso mesmo durante as cheias, pois secca durante a maior parte do anno.

O outro pequeno correjo, o Aguirre, formou-se após o soterramento do Tahym, dando escoamento ás aguas do banhado existente a O. do Rincão do Tigre, que dista cerca de 1 km. da lagôa Mirim."

Com a denominação *Tahym*, existe um povoado no mun. de Rio Grande, séde do 4.º districto municipal, creado por decreto imperial de 24 de outubro de 1832. A população desse districto em 31 de dezembro de 1922 era de 1505 almas. No recenseamento de 1900, foram registados ahi 1799 habitantes, sendo 958 homens e 841 mulheres. Com a criação do 5.º districto, perdeu o Tahym grande parte de sua população e eis por que hoje é ella inferior á de 1900.

TAIMBÉ — corr. *itaimbé*, que é c. de *ita-aimbé*, pedra aspera, afiada, penedo. E' mais usado para designar precipicio, barranco alto e cheio de pedras, nos arroios margeados de matos, como é commum em Santa Catharina, no Paraná e neste Estado, especialmente na região do Planalto, vulgarmente conhecida pelo nome de Região Serrana.

Arroio tributario do Ibicuihy, no mun. de Santa Maria, proximo á S. Martinho, segundo *Oct. Far.* Logar no 6.º districto de S. Leopoldo, existe ahi uma escola primaria.

TAIMBEZINHO — Palavra hybrida c. *taimbé* (s. guarani) + *zinho* (suf. dim. portuguez). Arroio no mun. de Vaccaria, citado por *Oct. Far.* Não conseguimos identifica-lo.

TAJACÚ — c. *taya-açú*, taja grande. Taja é a planta herbacea da familia das aroideas, mais conhecida por Tayoba (*caladium esculentum*). Chamam-no tambem jarro. *Oct.*

Far. dá também essa denominação ao Itajassú, que elle chama Itajasse.

TAMANDARÉ — corr. *tamandua-ré*, o que imita, o que se assemelha ao Tamandua. Nome de duas lagôas, uns dellas fica situada na estancia Carolina, no mun. de Jaguarão e a outra no mun. de Cruz Alta.

TAMANDUA — corr. *ta-mandoara*, que, segundo *Th. Sampaio*, se contrae para *ta-mandoa*, o caçador de formigas. Antiga denominação de um copão no districto de Mostardas, em S. José do Norte, conforme se vê da concessão de sesmaria feita, em 1778, a Antonio Gomes de Carvalho. Arroio no mun. de Piratiny, alguns autores confundem-no com o arroio Antunes. Aquella denominação existe ha mais de um seculo, conforme se vê da concessão de sesmaria feita, em 1795, a Paulino Rodrigues Chaves Prates e, em 1814, a Francisco de Souza Maia.

Coi. e Nie. e Cunha Lopes, também assim o registam. Nasce esse arroio ao S. da Serra das Asprezas, a cerca de 200 metros de altitude e penetra em seguida em terreno que baixa para 100 metros, e corre vagaroso, na direcção geral NNO.—SSE. até sua fôz no Piratiny da Orqueta, depois de um curso de 40 klms.

Ainda com o nome de *Tamandua* existem mais dois arroios, citados por *Oct. Far.*: um no mun. da Soledade e que é tributario do Serrinha, e o outro no mun. de Lageado, onde existe com a referida denominação uma linha colonial.

TAPEBI — Assim *Reyes* escreveu o nome do Itapevy.

TAPEBUY — Está assim escripto o nome do Itapevy na concessão de sesmaria feita, em 1816, a Feliciano Pereira Fortes.

TAPECAI — c. *tape-cai*, caminho queimado; pôde ser também caminho dos macacos. Assim *Reyes* escreve o nome de um affluente do Uruguay, que supponhamos seja o actual Sanchory.

TAPECHAI — corr. *tapichain*, o crespo, o enrugado, o encaracolado. Assim *S. Leopoldo* graphou o nome do rio que *Reyes* chamou Tapecai.

TAPEGUY — Está assim escripto o nome do Itapevy nas concessões de sesmarias feitas, em 1814, a Antonio do Couto Pereira e a Albino Pereira Lima; em 1815, a Florencio Antonio de Araujo e, em 1816, a Antonio José da Motta.

TAPERA — corr. *tab-era*, aldeia extincta, ruina (*Th. Sampaio*). Empregado geralmente com o sentido de casa em ruínas, abandonada, deserta.

Nome de 4 arroios — um delles é affluente do Jaguarão, segundo *Camargo*, repetido por *Varela* e *Oct. Far.*; o outro é tributario do Vaccacahy, no mun. de S. Gabriel, segundo *Oct. Far.* que cita ainda com esse nome um outro arroio no mun. de S. Lourenço, que não nos foi possível identificar e o outro é affluente do Colorado, no mun. de Passo Fundo, rega a Colonia Alto Jacuhy; corre de N. para S. em um percurso de $7\frac{1}{2}$ klms. Povoação no referido mun. á m. e. do Colorado. Cerro no mun. de Rio Pardo aos $29^{\circ} 59' 03'' 99$ de lat. S. e $9^{\circ} 19' 05'' 76$ de long. O. Morro em Porto Alegre; linha colonial em Guarani e logar no mun. de Taquara, citado por *Oct. Far.*

TAPES — c. *tab*, aldeia, povo; pôde ser tambem corr. *ta-pe*, na aldeia, no povoado ou ainda caminho da aldeia. Nome de uma nação ou tribu selvagem do Rio Grande do Sul, descendente dos Tapuias ou os proprios Tapuias guaranisados. Ha quem os considere da estirpe guaranítica.

„O Rio Grande do Sul, bella terra disputada e invejada desde seculos, tem passado sempre por um paiz de guerreiros e grande parte de sua historia tece-se de guerras e combates. Que esta se estendia á altura dos meados do seculo 17, poucos o suspeitaram.

„Desde 1638 em diante é repetido um nome, celebrado em todas as Reducções entre os soldados hespanhoes; é o dos antigos Riograndenses, dos indios Tapes que occuparam o Rio Grande central e oriental. Tape tornou-se finalmente nome generico em sentido de militar, de sorte que tambem os Guaranis foram nelle comprehendidos.“ (*Teschauer*).

Serra dos Tapes, é a denominação que toma neste Estado uma das ramificações da Cadeia Oriental do Brasil, que aqui penetra com o nome de Serra do Herval e depois de dar passagem ao Jacuhy, na parte denominada Guahyba, continua na direcção geral NNE.—SSO. até a margem esquerda do Camaquã, ahí se biparte — um dos galhos, sem solução de continuidade, se estende para O. e o outro se baixa e deixa sobre elle rolar as aguas daquelle rio, em cuja margem direita se alteia e toma o nome de *Tapes*, e em seu prolongamento o de Velleda e se esgalha para SSE. com a denominação de Serra das Asperezas e para SSO. com o nome de Cochilha das Pedras Altas.

A Serra dos Tapes pertence, pois, ao systema da do Herval, que é, segundo já referimos, prolongamento da Cadeia Oriental do Brasil ou Serra do Mar, como evidencia sua constituição geologica: granitos e gneiss juntamente com porphyros antigos.

Não pertence, pois, á Cochilha Grande, como consta de todos os livros didacticos adoptados em nossas escolas.

A Cochilha Grande faz parte do Planalto Brasileiro, que depois de percorrer os Estados de Goyaz, Minas Geraes e Matto Grosso, se estende para o S., vindo morrer abruptamente neste Estado. A prova de que a referida Cochilha pertence ao Planalto, temo-la na paridade da constituição geologica de ambos. O Planalto é de formação posterior á Serra do Mar, é de origem terciaria, como attesta a sua formação que é a mesma de toda a região deste Estado „comprehendida entre os rios Uruguay, Ibicuihy, Jacuihy, Gravatahy. Neste vasto territorio, qualquer que seja o ponto examinado, com ligeiras variantes locais, apresentam-se-nos os trachytos, os phonolytos e os basaltos. Estes constituem especialmente as rochas caracteristicas do valle do Uruguay. Como póde, pois, a Serra do Mar, Granitica-Gneissica, mudar bruscamente de direcção transformada em Serra Geral, constituída de trachytos, rochas amygdaloides e gres?“ (*Simch*).

Com o nome de *Tapes*, existe um districto no mun. de Dôres de Camaquã — o 2.º, cuja séde é na povoação do mesmo nome. Esse districto que tem uma área superficial de 612 kms.² contava 2557 habitantes em 1922. O povoado que tinha em 1914 cerca de 80 predios, onde se alojavam 400 habitantes, fica á m. e. da Lagôa dos Patos e no porto de seu nome, junto á fôz do arroio Passo Grande. Está ligado á Capital do Estado por uma linha de navegação, onde é empregado o vapor *Montenegro*, que sae de Porto Alegre do trapiche de Edmundo Dreher & Cia., todas as segundas feiras e regressa ás quintas feiras.

Enseada junto ao porto, que offerece excellente abrigo e onde se refugiam os navios quando acossados pelos ventos do N.

TAPETUCAI — Assim *Reyes* escreveu o nome do Itapetucay.

TAPEVY — Assim *S. Leopoldo*, *Camargo* e *DAS.*, grapharam o nome do Itapevy.

TAPITANGUI — Assim *Gay* e *DAS.* registam o nome do Itapitanguy. No *Mappa Demonstrativo da Linha de Operações do Exercito Imperial*, em 1841, está tambem assim escripto.

TAPITICAY — Assim *Gay* registou o nome do Itapitocay.

TAPITOCAY — Está assim escripto o nome do Itapitocay na concessão de sesmaria feita, em 1815, a Simão Gonçalves da Camara.

TAPITUCAY — Assim *DAS.* escreveu o nome do Itapitocay.

TAQUAINCHY — Assim *DOP.* escreveu o nome do arroio Taquarachim, affluente do Toropy, no mun. de S. Vicente.

TAQUARA — canna ôca. Importante municipio do qual uma parte está situada na Depressão Central do Estado e a outra parte no Planalto, na zona geral e erroneamente conhecida pela denominação de Região Serrana. A séde fica na cidade do mesmo nome, situada a 28 metros de altitude, no valle do Itapuhy e á margem esquerda do arroio seu homonimo, aos 28° 48' 53" de lat. S. e 70° 34' 32" de long. O. Foi fundada em 1846, com o estabelecimento dos primeiros colonos, que eram de origem allemã e que ahi chegaram em 16 de maio. Em 27 de março de 1882, foi elevada á freguezia, com a invocação de Taquara do Mundo Novo. Pela lei provincial n.º 1568, de 17 de abril de 1886, foi elevada á categoria de villa com o mesmo nome, e á de cidade, pelo decreto estadual n.º 1404, de 18 de dezembro de 1908.

O municipio está comprehendido entre os paralelos de 29° 30' e 29° 55' de lat. S. e entre os meridianos de 7° 25' e o de 7° 48' de long. O. Pelo alvará de 27 de abril de 1809, que dividiu o Rio Grande do Sul em 4 municipios, o actual territorio de Taquara ficou pertencendo ao mun. de Porto Alegre. Fez parte depois do municipio de Santa Christina do Pinhal, creado em 14 de dezembro de 1880 e extinto em 1.º de setembro de 1892 e cujo povoado é hoje a séde do 2.º districto administrativo de Taquara. Os limites do mun. são actualmente os seguintes: Com S. Francisco de Paula pela linha divisoria que parte do ponto de intersecção da linha divisoria de Santo Antonio da Patrulha e o Rio Rolante, seguindo por este até encontrar os Campos de Cima da Serra, d'ahi pelos referidos campos em rumo aproximado de oeste, até encontrar o arroio Saiquy, por este abaixo até sua fóz no rio Santa Cruz (Cahy) e por este descendo até encontrar a linha divisoria de São Sebastião do Cahy, á margem direita do mesmo rio. Com Gravatahy, conforme já ficou descripto ao tratarmos deste municipio. Com São Leopoldo: A partir da divisa de Gravatahy, no arroio Butiá, segue por este abaixo até sua fóz no rio dos Sinos (Itapuhy) e em seguida por este até encontrar o marco extremo S. do travessão L. da linha do Padre Eterno; por este travessão até seu extremo N.; desse ponto, em linha recta, até encontrar o extremo marco S. da linha da face L. das integrações; dahi pela referida linha até a vertente do arroio Levy, a qual se encontra a 100 metros do cemiterio de Rhenania, cincoenta e oito metros da estrada e 875 metros aquem do marco norte-

leste das integrações; do ponto de encontro da linha da face L. das integrações com a citada vertente Levy, por este abaixo até sua fóz no arroio Tapera; por este acima 987 metros a encontrar um marco de tarumã, na m. d. do mesmo arroio; deste ponto, rumo de 32° 20' noroeste, 3142 metros a encontrar um marco de pedra na testada da undecima colonia do nucleo Marcondes até o marco sul-leste da mesma, d'ahi pela face sul do dito nucleo até encontrar o marco norte-leste da Linha Dois Irmãos; d'ahi pela face norte desta linha, até encontrar a divisa de S. Sebastião do Cahy com S. Leopoldo, no ponto extremo S. da linha que separa a Marcondes da Imperial.

Com S. Sebastião do Cahy: a partir do Piahy, perimetro da linha Faria Lemos, até encontrar o perimetro da linha Gonzaga e por ella até o rio Cahy, descendo este até a barra do Arroio Grande e seguindo por este até a confluencia do arroio Bonito; subindo por este até a divisa occidental da linha Marcondes e por esta divisa até seu extremo na picada Dois Irmãos, seguindo pelo fundo dessa picada a rumo mais ou menos de 91° 30' leste até o marco da alludida picada Dois Irmãos, ficando pertencendo a este mun. os territorios das linhas Marcondes e Henrique d'Avila, parte da linha Araripe, situada á m. d. do arroio Bonito e ao de S. Sebastião do Cahy a linha Faria Lemos, na forma dos limites acima traçados. Com Santo Antonio da Patrulha: a partir das divisas na estrada geral que vae do Passo Grande para o Entrepellado, seguindo por essa estrada atravessando o Arroio Grande da Guarda até o cemiterio dos Mineiros, deixando á esquerda a estrada que vae para o Passo das Tropas; partindo do referido cemiterio em linha recta até encontrar a pedra ou taimbé que fica abaixo da casa de Jacob Knoblauch, na face meridional do morro dos Ilhéos; partindo dessa pedra ou taimbé, seguindo pela encosta daquelle morro e encontrando-se até chegar-se ao marco de pedra collocado no correjo secco proximo á antiga moradia da finada Bernardina da Guarda e desse marco por uma recta até o Rio dos Sinos, no lugar onde faz barra o Rio da Ilha; continua a divisa por este ultimo rio, invariavelmente até suas nascentes, a encontrar o marco levantado na extremidade occidental das linhas de medição judicial requerida por Francisco Alves dos Santos e José Maria Vidal; daquelle marco segue a divisa pelas linhas judiciaes que delimitam ao S. a área da referida medição, cortando respectivamente os arroios Rolantinho, Pinhal e outros, até o marco levantado no vertice do angulo sueste da mencionada medição judicial, desse ponto seguindo para L. por uma linha de prolongamento da anterior, até a margem direita do Rio Rolante e, finalmente por este rio

acima até as divisas com o antigo município de S. Francisco de Paula de Cima da Serra. Todos estes dados foram colhidos no Relatório de *Bard*.

O território do mun. é accidentado; ao N. estão suas maiores altitudes que ahi attigem até 900 metros. Os pontos mais baixos ficam no valle do Itapuhy e no do Santa Maria. No extremo S., nas divisas com Gravatahy, mantem em toda linha de limites a altitude de 300 metros com pequenas differenças para mais e para menos.

São do dr. Luiz Flôres de Moraes Rego as seguintes e interessantes observações sobre a geologia do mun. em aprego: „Na cidade afloram camadas de arenito vermelho ou roseo com leitos de argilla, pertencentes á serie do Rio do Rastro, collocadas no topo do systema permeano.

Esse arenito tem tres caracteres notaveis:

A — Fragmentos de quartzo completamente arredondados.

B — Falsa stratificação notavel, denunciando a acção do vento durante a sedimentação, de sorte que a sedimentação póde ser considerada sub-aérea.

C — Presença não frequente de cimento calcareo.

A granulação do arenito é bastante variada.

Devido á falsa stratificação é facil dizer a orientação do arenito, devendo entretanto ser a inclinação pequena e dirigida no quadrante WN.—NE.

Como pontos em que o arenito está exposto citaremos:

1 — Ladeira atraz da Intendencia Municipal.

2 — Pedreira da fabrica de gazozas.

3 — Pedreira do sr. Ernesto Berghold.

4 — Pedreira da intendencia.

Mesmo na cidade e particularmente nos pontos 2, 3 e 4 as camadas de arenito são capeadas por um lençol de rocha fresca. Vê-se entretanto que é provavelmente um angito porphyrito com uma estrutura amygdaloidal, sendo amygdalas cheias por zeolythos e viriditas. Na pedreira da intendencia é particularmente notavel o contacto entre a eruptiva e arenito, vendo-se claramente que a lava espelhou-se sobre a superficie de arenito, por vezes nelle penetrando, de sorte a formar lombas. De outro lado no eruptiva, vêm-se verdadeiras veias de arenito mostrando que a sedimentação sub-aérea continuou

mesmo depois da erupção. Corollacionando as diferentes manchas da eruptiva encontradas, conclue-se que a superficie antiga logo depois da deposição do arenito era ondulada, isto mesmo devido á natureza do sedimento, e que a lava, espraizando sobre a superficie, encheu primeiramente os valles.

Seguindo de Taquara pela estrada que vae a S. Francisco de Paula de Cima da Serra, começa-se a galgar as escarpas do grande planalto.

De Taquara, cota 30, até o klm. 3, anda-se sobre o arenito Rio do Rastro, que é bem exposto nos córtes da estrada, apresentando as feições já notadas. Adeante deste ponto encontra-se a eruptiva cobrindo o arenito. E' uma rocha amygdaloidal com zeolythos.

O mais importante na secção é a evidencia da successão de varios derrames, vendo-se claramente os planos de separação, tubos nas proximidades desses planos e nas camadas superiores, provenientes de gazes das camadas inferiores e mesmo diques que foram as chaminés, por onde passaram magmas cortando outros já consolidados.

No klm. 4, intercalado na eruptiva ha um banco de arenito com as feições dos já citados, e que foi penetrado pela rocha eruptiva, transformando-se em verdadeiro tufo.

Resumindo estas notas diremos que os terrenos dos arredores de Taquara são constituídos pela serie Rio do Rastro, de idade permiana superior ou quiçá triassica inferior e eruptivas amygdaloidaes triassicas que formam um verdadeiro trappa. E' notavel a ausencia do arenito Botucatu, communmente entre o trappa e a serie Rio do Rastro. E' possível a existencia em profundidade, das camadas inferiores do permiano, talvez com leitos de carvão."

Quanto ao ponto de vista agrologico as terras de Taquara são argillo-calcareo-humosas, argillo-selicosas, excellentes para a agricultura, ahi em franco desenvolvimento, com resultados magnificos. Não dispõe de campos para criação a não serem os do districto do Pinhal, com pastagens regulares.

Na zona colonial são cultivadas diversas forrageiras exoticas.

Existem no mun. os seguintes morros: no 1.º districto da Fortaleza, a O. das nascentes do arroio dos Tucanos; do Lageadinho, ao S. do ponto de emergencia do correjo Kamp; do Lamp, de cuja encosta oriental desce o arroio Wilhe, e do

Mico, a L. do rio Santa Maria e 2 klms. acima da barra do arroio da Volutaria.

No 2.º districto — Santa Barbara, na divisa com o mun. de Santo Antonio, á m. e. do Arroio Grande da Guarda; do Gonzaga, do Meio e dos Ilheos, grupados no centro do rincão formado pela confluencia do Arroio Grande da Guarda com o Itapuhy; da Bôa Vista e Pellado, á m. d. do Butiá, proximo a divisa com o mun. de S. Leopoldo. No 3.º districto: Redondo, da Canôa, á m. d. do Santa Maria e ao S. do leito da estrada de ferro; do Leão, á m. d. do arroio da Areia Branca, todos no valle do Itapuhy e com cerca de 100 metros de altura; da Volutaria, proximo ás nascentes do arroio desse nome, e o da picada Hartz, á m. e. do Arroio Grande e proximo ás suas nascentes. No 4.º districto: da Ceroula, á m. d. do arroio Lavrado e na divisa como o 3.º districto. Agudo, entre os dois galhos de um tributario do arroio da Canastra e á m. e. do arroio dos Bugres, na divisa com o municipio de S. Francisco de Paula de Cima da Serra. No 5.º districto: da Musica, á m. d. do arroio Moreira e proximo á fôz do Campello; Pellado — segundo deste nome — proximo á divisa com o 4.º districto e á m. d. do arroio S. João.

Hydrographia — O systema hydrographico do mun. pertence á bacia oriental do Estado, ahi opulentamente representada pelo Itapuhy (Rio dos Sinos) e seus affluentes e confluents e por um pequeno trecho do curso do Santa Cruz, nome com que nasce o Cahy, e pelos seus tributarios na m. e. Ao Itapuhy affluem ahi, pela m. d.:

1) *Rio Rolante*, nasce a cerca de 900 metros no Planalto e na divisa com o mun. de S. Francisco e corre precipitado para o S. até penetrar no mun. de Santo Antonio da Patrulha, ahi se inflecte para SSE. até sua barra, correndo em um valle de menos de 100 metros de altitude *Coi. e Nie., Jannasch e Selbach*, calculam seu curso em 60 klms. *DOP. e Cunha Lopes*, em 55 e o *C. Eng.*, em 50. E' avolumado por diversos tributarios, por ambas as margens; entre os da margem direita, têm origem no mun. em apreço o Sumidouro, que corre no Planalto, de NO. para SE. até sua barra, em um percurso de $14\frac{1}{2}$ klms., o Rolantinho da Areia, que tambem nasce no Planalto a cerca de 600 metros de altitude e corre na direcção geral de NE. para SO., em um percurso de 24 klms., recebendo pela m. d. o arroio do Pinhal e o do Cedro com a mesma origem, este com 15 klms. de curso e correndo a principio torrentosamente para o S. até penetrar no mun. de Santo Antonio, ahi se inflecte para SSO. e aquelle com 5 klms. correndo para S. até sua barra proxima com a divisa do mun. citado.

2) *Rio da Ilha*, nasce no Planalto a mais de 600 metros de altitude e marca em toda sua extensão os limites entre este mun. e o de Santo Antonio. Corre para O. até a barra do arroio Tres Irmãos, ahi, formando um angulo recto, se inflecte para S. até se lançar no Itapuhy. *DOP.* calcula seu curso em 23 klms.; *Bard*, em 29; *Cunha Lopes*, em 30; *Selbach*, em 37½ e *Jannasch*, em cerca de 49, por considera-lo nascendo a 2 klms. a L. da villa de São Francisco. *Coi.* e *Nie.* o mencionam como arroio com pouco mais de 5 klms. de extensão. Conta os seguintes tributarios no mun. em apreço: a) *Bôa Vista*, correndo de NE. para SSO., em um percurso de 9 klms.; b) *Cruzinha*, correndo na mesma direcção, em uma extensão de 5½ klms.; c) *Padilha*, nasce como os demais no Planalto, na divisa com o mun. de S. Francisco de Paula e como elles corre para SSO., recebendo pela m. d. o arroio do Feixo, que nasce a cerca de 600 metros sobre o nivel do mar a O. de Recosta e corre de NO. para SSE. em um percurso de 7½ klms. O curso do Padilha é de 15 klms. *DOP.* considera este curso d'agua como tributario directo do Itapuhy e como seu tributario o Rio da Ilha, que elle classifica de arroio. Assim effectivamente devia ser se tivesse sido observado o principio universalmente aceito para a determinação da nascente principal de um rio, visto que o Padilha é o que menos se afasta da direcção do tronco inferior da caudal por elle e pelo Rio da Ilha formada, com sua confluencia.

3) *Tucanos*, vide este nome.

4) *Sonda*, pequeno curso d'agua, correndo de N. para S. em uma extensão de 2½ klms.

5) *Santa Maria*, rio, nasce no Planalto na divisa com S. Francisco de Paula e corre precipitado para S. até sua barra, junto ao Passo do Mundo Novo. Descreve uma grande curva proximo á séde do 3.º districto. Seu curso, segundo *Jannasch* e *Bard*, é de 40 klms., *Coi.* e *Nie.* calculam em cerca de 33; *Cunha Lopes* e o . *Eng.*, em 35, e *DOP.*, em 27 apenas. Tem como tributarios pela m. d.: a) *S. João*, correndo de NO. para SSE., em um percurso de 5½ klms., com um tributario pela m. d., banha o 5.º districto; b) *Amoreira*, no 4.º districto, correndo na mesma direcção do precedente, em uma extensão de 7 klms.; c) *Quilombo*, nasce no 5.º districto e corre para SSE. até sua embocadura, depois de banhar o 4.º districto, tem como tributario pela m. e. o Taboão, com um curso de 4 klms. correndo no 5.º districto de N. para S. e pela m. d. o Moreira. *Cunha Lopes* o denomina Forqueta — que nasce a O. de Varzea Grande no 5.º districto e corre na direcção geral NO.—SSE.,

em um percurso de $13\frac{1}{2}$ klms., recebendo pela m. e. o Maquiné, cuja barra fica na divisa dos limites entre o 4.º e 5.º districtos, e pela m. d. o Campello, que nasce junto á divisa com S. Leopoldo e corre de O. para L. em um percurso de 5 klms.; d) *Caboclo*, que tem como afluentes o Chachim e o Jacutinga; e) *Lavrado*, que *Jannasch* chama Lavrador, e que corre de O. para L. em um percurso de $9\frac{1}{2}$ klms., banhando o povoado do Mundo Novo, séde do 3.º districto; f) *Voluntaria*, *DOP.* o chama Neveira e *Jannasch* Povo Novo, correndo de ONO. para L., em um percurso de $7\frac{1}{2}$ klms.; g) *Solitaria*, correndo a principio de O. para L. e depois de receber o Arroio Grande, seu tributario pela margem esquerda, se inflecte para SSE. até sua barra, depois de um curso de $7\frac{1}{2}$ klms.

Jannasch considera o Arroio Grande como tributario directo do Santa Maria, tendo como afluente o Solitaria, dada a direcção do curso inferior da caudal formada pelos arroios citados, é acceitavel esse modo de vêr.

Pela m. e. entram no Santa Maria: h) *Arroio dos Bugres*, que nasce nas divisas com o mun. de S. Francisco de Paula e corre para S. até sua barra, depois de um curso de 7 klms. i) *Canastra*, com $7\frac{1}{2}$ klms. de extensão, correndo de NNE. para SSO., com um tributario pela m. e. o Lageado; j) *José Velho*, que corre para ONO. até receber o arroio Cachoeira, ahi se inflecte para SO. até sua barra depois de um curso de $13\frac{1}{2}$ klms., tendo ainda como tributario pela m. d. o Divisa e pela e. o Saquareira; k) *Furna*, pequeno correço com mais de 1 km. correndo de L. para O.; l) *Agua Branca*, tambem pequeno curso d'agua, com a mesma extensão do precedente, marca parte dos limites entre o 1.º e o 4.º districto; m) *Ludwig*, nasce na parte meridional do Rochedo e corre para S. até a confluencia do Kamp, que desce do lado N. do morro do Mico e assim reunidos se lançam no Santa Maria; n) *Taquara*, vide este nome.

6) *Funil*, arroio, rega o 3.º districto, corre de N. para S. em um percurso de 11 klms.

7) *Areia Branca*, corre como o precedente, em um percurso de 4 klms.

8) *Arroio Grande*, nasce ao N. do morro da Picada Hartz e corre para o septentrião até sua barra depois de um curso de $5\frac{1}{2}$ klms., serve de limite entre este mun. e o de S. Leopoldo, recebe pela m. d. o arroio da Bicca e pela esquerda o Fuzil, correndo de NNE. para SSO., 3 klms., recebe tambem as aguas do Tigre, que corre como o precedente, em uma extensão de

4 klms. aproximadamente e que é engrossado pelo arroio das Bombas. O Campo Vicente, é, também tributario do Arroio Grande, corre de L. para O., 4 klms.

Os tributarios do Itapuhy pela m. e. no mun. do Taquara, são os seguintes arroios:

9) *Guarda*, nasce no mun. de Santo Antonio e depois de 4 klms de curso penetra no de Taquara; corre de L. para O. até receber pela m. d. o Gerivá, ahi se inflecte para ONO., até sua embocadura, depois de um curso de 13 klms. Recebe pela m. e. o Lageado, pequeno curso d'agua que rola de S. para N.

10) *Cavillos*, corre a principio para ONO. e depois se inflecte para NNO., seu curso é de 6 klms.

11) *Escolar*, corre de S. para N. em um percurso de cerca de 9 klms.

12) *Morro Negro*, corre parallelamente ao precedente em uma extensão de 8 klms., desagua quasi em frente a barra do Funil.

13) *Zeferino Paz*, corre de SE. para NO., em um percurso de 5½ klms.

14) *Raposa*, corre como o precedente até sua barra, proxima ao morro Pellado, depois de um percurso de 13½ klms.

15) *Butiá*, corre parallelamente ao precedente, servindo de limite em toda sua extensão, que é de 12 klms., entre este mun. e o de S. Leopoldo. Todos regam e fertilizam as terras do 2.º districto.

Os tributarios do Santa Cruz no mun. da Taquara, são os seguintes: a) *Saiquy*, arroio, contravertente do rio Santa Maria, corre para NO. em um percurso de 6 klms., marcando em toda essa extensão os limites entre Taquara e S. Francisco de Paula.

b) *Caçador*, arroio, corre para ONO., seu curso é de 8½ klms.

c) *Tiririca*, vide este nome.

d) *Porteira Velha*, arroio, corre a principio para ONO. e depois para NO., seu curso é de 5 klms. recebe pela m. d. o arroio da Forquilha.

e) *Furna*, arroio, corre como o precedente, em um percurso de 3½ klms.

f) *Arroio Bonito*, tem como tributarios pela m. d.:

g) *Serraria*, arroio, corre de L. para O., seu curso é de 5 klms.

h) *Roca*, arroio, corre de SSE. para ONO., em um percurso de $6\frac{1}{2}$ klms.

i) *Grande*, nasce por 2 galhos a O. do povoado de Gramado, séde do 5.º districto e corre parallelamente ao precedente, em um percurso de 9 klms.

j) *Ypiranga*, vide este nome.

O *Arroio Bonito*, marca parte dos limites entre S. Sebastião do Cahy, corre na direcção geral S. N., descrevendo grandes curvas.

O municipio é dotado de bom clima, especialmente na parte situada no Planalto.

O municipio de Taquara que é parte integrante do Estado do Rio Grande do Sul, pertence ao 1.º Districto eleitoral, segundo a recente organização; faz parte da archidiocese de Porto Alegre, constitue uma comarca ecclesiastica, composta das seguintes parochias foraneas: Barra do Ouro, Rolante, Santa Christina, S. Francisco de Cima da Serra. Constitue com o mun. de S. Francisco uma comarca judiciaria, creada por acto estadual n.º 301, de 1.º de setembro de 1892. E' constituído por 5 districtos administrativos e outros tantos judiciarios: 1.º Districto Taquara, com 13.710 habitantes e a área superficial de 357 klms.², 2.º Santa Christina, com 6772 hab. e a área de 216 klms.² creados ambos pelo acto municipal n.º 26, de 20 de maio de 1893; 3.º Fazenda Martins (Parobé) com 5291 hab. e a área de 174 klms.²; 4.º Santa Maria, com 5192 hab. e a área de 276 klms.², creados ambos pelo acto municipal n.º 86 de 10 de novembro de 1904; 5.º Gramado, antigo Arroio Grande, com 7725 hab. e a área de 345 klms.², creado por acto municipal n.º 110 de 5 de março de 1908.

O movimento do registo civil no anno de 1922 foi o seguinte:

População	Nasciment.	Obitos	Casamentos	Natalidade	Nupcialid.	Mortalidade
38.690	1.450	293	257	37,47	6,12	7,52

Sendo a área do mun. de 1367 klms.², a densidade da população era, portanto, em 1922, de 28,30 por klm.², occupando assim o 9.º lugar entre os 72 municipios então existentes.

Foi o seguinte o recenseamento de sua população humana em 1890:

Districtos	Homens	Mulheres	Total	Analphabetos	Extrangeiros
1.º	1.115	1.045	2.160	1.048	10
2.º	1.122	941	2.063	1.067	25
3.º	328	383	711	424	—
4.º	1.257	1.237	2.494	1.172	25
Somma . .	3.822	3.606	7.428	3.711	60

No recenseamento de 1900 foi constatada a população de 27.146 almas, assim descriminadas:

BRASILEIROS				EXTRANGEIROS												Total	
Natos		Natura- lizados		Alle- mães		Ameri- canos		Argen- tinos		Austro- Hungar.		Itali- anos		Diver- sos			
H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M		
13.104	12.374	35	11	105	86	1	—	10	16	7	4	348	278	74	3	14.049	13.097

Essa população estava assim distribuida:

Districtos	Homens	Mulheres	Total
1.º	4.148	3.808	7.956
2.º	2.028	1.960	3.988
3.º	2.452	2.304	4.756
4.º	2.803	2.633	4.436
5.º	2.618	2.392	5.010

O numero de predios existentes no munu. em 1920 era de 5774, assim distribuidos:

1.º districto	{ cidade	1.000	{ 1894
	{ ruraes	894	
2.º	"		1037
3.º	"		850
4.º	"		849
5.º	"		1144
Somma:			5774

Sendo nesse anno a população de cerca de 37.400 habitantes, existia portanto, em media, 6,47 hab. por predio.

O numero de vehiculos existentes em 1922 era de 1410, assim descriminados:

Carretas	{ de 2 rodas	455
	{ de 4 rodas	743
Automoveis de passageiros		11
Deligencia de 2 rodas		2
Breacks		17
Aranhas		183

A população pecuaria do mun. calculada em 1923 foi a seguinte:

Especie	Quantidade	Valor
Bovinos	33.000	3.696:000\$000
Equinos	10.400	1.144:000\$000
Muare	3.960	475:200\$000
Suinos	168.000	6.105:000\$000
Ovinos	1.150	20:700\$000
Caprinos	1.000	10:000\$000
Total	217.510	11.450:900\$000

Entre os diversos productos agricolas do mun. figuraram na safra de 1923—1924, milho, feijão, arroz, trigo e batata inglesa, respectivamente, com 25.500, 3400, 1000, 150 e 4000 toneladas.

No quadro da tributação territorial do Estado em 1921, Taquara figura entre os municipios do 6.º grupo, isto é, entre os que tem área de 100.000 a 200.000 hectares, da seguinte forma:

Numero de proprietarios	Area em hectares	Valor venal	Valor medio
4.533	137.540	15.082:800\$	109\$661

A receita e a despesa do municipio foi a seguinte em 1921:

Saldo de 1920	Receita		Total	Despesa		Total	Saldo para 1922
	Ordinaria	Extraordin.		Ordinaria	Extraordin.		
21:047\$	340:043\$	12:000\$	373:090\$	358:538\$	12:358\$	370:896\$	2:194\$

Vias de comunicação — O mun. é cortado pela estrada de ferro de Porto Alegre á Taquara de O. para L. até a séde e d'ahi para o N. até Canella, em um percurso de 51 klms. e ao longo de importante zona colonial, cujos productos escôa para Porto Alegre. Percorrem-no em todas as direcções excellentes estradas de rodagem, um dos grandes beneficios da fecunda administração do ex- intendente — sr. Armando da Costa Bard. Somente no 1.º districto existem 21 estradas carroçaveis, com 147 klms. de extensão.

Pelo Itapuhý tambem se escôam os productos agricolas deste municipio, servindo de vehiculo dessa exportação para a capital do Estado: 2 barcos a vapor, 7 gazolinas, diversas lanchas e outras embarcações menores.

A séde do mun. está ligada ás de S. Francisco de Paula e Santo Antonio por estradas de rodagem com 39 e 47 klms. de extensão, respectivamente.

A estação do telegrapho em Taquara que é de 4.^a classe, dispõe de um aparelho *Morse* simples e pertence ao 18.^o Districto Telegraphico. Em 1923 transmittiu 13.251 telegrammas com 216.105 palavras e recebeu 4596 com 59.123 palavras. A receita foi de 12:112\$249 e a despesa de 9:688\$860. A renda do serviço official importou em 2:895\$000.

Em 1923 existiam no mun. 107 estabelecimentos de ensino, sendo um collegio elementar, 21 escolas isoladas, 20 subvencionadas pelo governo do Estado, 15 municipaes, 12 subvencionadas pelo governo Federal e 38 particulares.

Eis um quadro sobre a instrucção no municipio:

População do municipio	População escolar	Alumnos matriculad.	Coefficiente da pop. escolar por 1000 hab.	Alumnos matr. por 1000 hab.	Alumnos matr. para 1000 em idade escolar	Alumnos matr. em relação a área do municipio
38.690	7.893	3.703	204	96	470	2,7

Pela quadro acima se verifica que este mun. occupa o 17.^o lugar, entre seus irmãos, em numero de alumnos matriculados por 1000 habitantes, o 14.^o em relação a área municipal. A receita do mun. é de 685:696\$220 e a despesa com a instrucção publica é de 6:000\$000.

Imprensa — Sobre a imprensa deste municipio a unica noticia que temos é dos jornaes: *O Mundo Novo*, bi-semanal, que appareceu em 1904 e ainda é publicado e o *Correio da Taquara*, que ali circula.

Existe na cidade de Taquara o *Theatro 15 de Novembro*, com lotação para 400 pessoas, inaugurado em 15 de novembro de 1915.

Ainda com o nome de Taquara existem 6 arroios: um delles é tributario do Santa Maria e banha a cidade de seu nome e tem como affluente pela m. d. o Sapateiro; seu curso é de 7 klms. corre de NNE para SSO.; outro, é tributario do Carreiro, no mun. de Guaporé, corre de ONO. para SSE., em um percurso de 19 klms. nasce a O. da estrada que liga a villa de Guaporé á cidade de Passo Fundo; outro, é affluente do Gravatahy, no mun. deste nome, corre de N. para S., em um percurso de 17 klms. aproximadamente; outro, é tributario do Taquary Mirim, no mun. de Santo Amaro, corre de NO. para NE., seu curso é de 7 klms.; outro, é um dos galhos formadores do arroio Diluvio, no mun. de Porto Alegre, corre de S. para N. em um percurso de 4½ klms., servindo de limite em toda essa extensão entre o mun. citado e o de Viamão e o outro, finalmente, é

tributario do Candiota nas divisas dos municipios de Pinheiro Machado e S. João do Herval, corre de NNE. para SSO., em um percurso de cerca de 9 klms. O documento mais antigo em que o encontramos citado foi a concessão de sesmaria feita, em 1814, a Antonio Pinto da Costa. *DOP.* e *Oct. Far.* o citam como banhado, visto tomarem por guia, sem duvida, a lei n.º 596, de 2 de janeiro de 1867, que dividiu o mun. de Jaguarão em 5 districtos administrativos e que assim o classifica, e menciona ainda com esse nome uma cochilha. Ao Taquarachim, tributario do Piratiny do Norte, alguns autores chamam tambem de Taquara.

TAQUARACHIM — c. *taquara-chim*, a taquara fina. Arroio tributario do Toropy, no mun. de S. Vicente, nasce nos campos de Cavajuretan, a 200 metros de altitude, ao S. da estação de seu nome, no ramal ferreo de Dilermando de Aguiar a Jaguaray e corre na direcção de SE. até sua barra, depois de um curso de cerca de 16 klms. O *C. Eng.* calcula em 19 e *Selbach* em 15 e localisa erradamente sua nascente ao N. da estação da Matta, no referido ramal e como banhando essa estação pela face occidental. *Cunha Lopes*, o denomina Taquaryrachim; *DOP.*, Taquainchim; *Oct. Far.* Taquaranxim e o localisa no mun. de Santa Maria, erradamente; *Coi.* e *Nie.* Taquaranchy e dá-lhe cerca de 19 klms. de curso e *Montenegro*, 25. Ainda com a denominação acima são conhecidos mais dois arroios: um delles é tributario do Piratiny do Norte, no mun. de S. Luiz Gonzaga; é mais conhecido por Guarachaim, segundo *Coi.* e *Nie* e *Cunha Lopes*. *Varela* o denomina Itaquarachim e *Vel. Silv.* Taquaranxim. O outro é tributario do Ijuhy, banha a villa de Santo Angelo, pela face occidental, corre de N. para S. em um percurso de 12 klms. até sua fóz. Na *Planta da Zona Colonizada*, figura com 16 klms. e com o nome de Taquara. *DOP.* o regista só em legenda, com 25 klms. de curso e correndo pelo lado oriental da villa referida; o *C. Eng.* tambem assim o regista, porém com menos extensão — 20 klms. Com o nome acima, como ficou dito, existe uma estação do ramal ferreo de Dilermando de Aguiar a Jaguaray. O *C. Eng.* escreveu Jaguaryxina.

TAQUARAL — O correto é *taquaretá*, visto que o suf. *eté*, tem no tupi o mesmo valor do *al* portuguez. Pequeno curso d'agua tributario do Arroio Grande, no mun. de S. Lourenço, corre de NNO. para SSE. em um percurso de 6 klms. *Oct. Far.* menciona uma ilha no Uruguay com esse nome.

TAQUARANXIM — Assim *Vel. Silv.*, *Oct. Far.* grapham o nome dos arroios Taquarachim, tributarios: um do Piratiny do Norte e o outro do Ijuhy.

TAQUARECHIM — Assim figura no *Mappa das Estradas*, o nome da estação Taquarachim, do ramal Dilermando de Aguiar — Jaguary.

TAQUARENCHIM — Assim *Selbach* graphou o nome da estação acima mencionada e dá, erradamente, esse nome ao Divisa, tributario do Jaguary, no mun. de S. Vicente.

TAQUARICHIM — Está assim escripto o nome da supra-citada estação no folheto intitulado — *Distancias kilometricas entre as estações* —, edição de 1921. E' publicação de origem official, como o é também o *Mappa das Estradas*, e em ambas está graphado de modo differente e errado o nome daquella estação.

TAQUARUSSÚ — c. *taçuara-uçú*, taquara grande, grossa, o bambú. Logar no mun. de S. Sepé.

TAQUAREMBÓ — c. *taquara-iembó*, o riacho das taquaras. Nome de 3 arroios — um delles é tributario da m. d. do Guassupy, no mun. de Julio de Castilhos, nasce proximo á estação de seu nome, na Estrada de ferro Santa Maria a Marcellino Ramos e corre para ONO. O *C. Eng.* calcula seu curso em 20 klms.; *Jannasch* também dá-lhe essa extensão mas o localisa muito para o S. tendo suas nascentes em ponto equidistante entre as estações da Colonia e Taquarembó. *Cunha Lopes* e *Selbach*, calculam o curso do arroio em apreço em cerca de 16 klms. e *DOP.*, em 10 apenas

O outro *Taquarembó*, é tributario do Camaquam do Norte; nasce na divisa do mun. de São Borja com o de Santiago do Boqueirão, na vertente occidental da Serra de Santiago, a cerca de 300 metros de altitude e corre na direcção SSE.—NO. até sua barra, depois de um curso de cerca de 59 klms., segundo o *C. Eng.* Para *DOP.* esse curso é de 67 klms.; *Cunha Lopes* o calcula em 55; *Selbach*, em 52½; *Coi.* e *Nie.* em 48 e *Jannasch*, em 45.

O outro *Taquarembó* é tributario do Santa Maria; nasce a O. da estação de S. Sebastião, na via ferrea Rio Grande—Santa Maria, e d'ahi desce correntoso e profundo na direcção geral ONO. até sua barra, entre a fóz do rio Jaguary e a do arroio Sant'Anna, depois de um curso de 55 klms., segundo *Coi.* e *Nie.*, secundado por *Cunha Lopes* e *Jannasch*; *Montenegro* e *W. Men.* o calculam em 45; *DOP.*, em 60 e o *C. Eng.* em 35 e o localisa mal. *Reyes*, dá aquella denominação ao actual Jaguary, antigo Jaguarahy. O arroio em referencia, serve, em toda sua extensão, de limite entre os municipios de Lavras e D. Pedrito. Ainda com o nome de *Taquarembó* existem: uma cochilha entre os dois municipios recém citados e uma estação na Estrada de ferro, como acima já foi referido.

TAQUAREMBÓ CHICO — Palavra hybrida c. *taquarembó* (s. tupi) + *chico* (adj. hespanhol). Arroio, affluente do Taquarembó, conforme se vê da concessão de sesmaria feita, em 1814, a Jacintho Ignacio da Costa. Corre para NO. em um percurso de cerca de 18 klms. Nos trabalhos da C. C. G. B. figura com a denominação acima o arroio que *DOP.* regista com o nome de Sant'Anna. O *C. Eng.* dá a denominação de Taquarembó Chico ao Taquarembó e transportou o nome deste para um affluente que traçou para o Santa Maria.

TAQUAREMBÓ PEQUENO — Palavra hybrida c. *taquarembó* (s. tupi) + *pequeno* (adj. portuguez). Denominação por que era tambem conhecido no principio do seculo passado o Taquarembó Chico, conforme se vê da concessão de sesmaria feita, em 1815, a José Jacintho Pereira.

TAQUAREMBÓZINHO — Palavra hybrida c. *taquarembó* (s. tupi) + *zinho* (suf. dim. portuguez). Nos trabalhos da C. C. G. B. figura com este nome o Taquarembó Chico.

TAQUARY — c. *taquara-y*, o rio das taquaras. Importante municipio situado na Depressão Central do Estado e no valle do rio seu homonymo e á m. e. deste. A séde fica na cidade do mesmo nome, que assenta em uma colina. Esse terreno foi cedido pelo governo portuguez, em 1760, para fundação de um povoado, que teve inicio com o estabelecimento de 7 casaes de açorianos. O povoado, que tomou o nome de S. José, em memoria de El Rei D. José I, progrediu a tal ponto que 4 annos depois, isto é, em 11 de maio de 1764, foi elevado a capella e no anno seguinte — a 7 de maio — á freguezia. A pedra fundamental da actual igreja de S. José foi lançada em 10 de janeiro de 1868. Pela lei provincial n.º 160, de 4 de agosto de 1849, foi a freguezia elevada á categoria de villa, com o nome de Taquary e creado assim o municipio que ficou constituido pelo territorio desmembrado do Triumpho. A 3 de dezembro do mesmo anno foi installado. Por acto estadual 529 de 9 de julho de 1891 foi elevada á categoria de cidade.

O municipio está comprehendido entre os parallelos de 29º 32' e 29º 51' de lat. S. e entre os meridianos 8º 31' e 8º 54' de long. O., do Rio de Janeiro. A cidade fica aos 29º 48' 15" de lat. S. e 8º 39' 37" de long. O.

Pelo alvará de 27 de abril de 1809, que dividiu o Rio Grande do Sul em 4 municipios, o territorio do actual mun. de Taquary, ficou pertencendo ao do Rio Pardo.

Os limites de Taquary são actualmente os seguintes: Com o mun. de Triumpho, pelo arroio Santa Cruz em toda a extensão deste; com S. João do Montenegro, por uma linha secca, recta, que principia na cabeceira do arroio referido até

encontrar pelo lado S. o primeiro morrete e d'ahi em diante até encontrar as divisas da sesmaria de D. Joanna; com o da Estrella, pelo Bom Retiro, desde sua barra até encontrar o travessão da colonia do mesmo nome e por esta até encontrar a estrada geral que vae á Teutonia e pela continuação dessa estrada até a ponte das posses, no Arroio Grande e ainda pela referida via até a colonia n.º 1 da Teutonia e seguindo pelas divisas desta colonia pelas terras de Franklim Praia & Martins a encontrar a estrada geral e divisas de Montenegro; com o de Venancio Ayres, pelo Taquary, desde a fóz do Castelhana até á do Taquary Mirim, e com o de Santo Amaro, pelo referido Taquary, desde o ultimo ponto citado até a barra do Santa Cruz, na volta do Barreto.

O territorio que constitue o mun. está situado na Depressão Central do Estado, com pequenas elevações, consituidas por cochilhas; divide-se em tres zonas: a dos Mattos, onde estão localisados os colonos, em sua maioria descendentes de allemães. Essa zona foi riquissima em madeiras de construção, infelizmente devastadas; zona dos Campos, onde existem estabelecimentos agricolas pastoris e predomina o elemento genuinamente nacional; a zona Beira Rio, que participa das duas acima referidas; é das mais povoadas e de grande produção agricola.

As terras de Taquary são sob o ponto de vista agrologico argillo-calcareo humosas, sellico-argillo-ferruginosas. Seus campos, excluidos os da m. d. do arroio Santa Cruz, regulares, são de inferior qualidade para a criação.

Existem no mun. os seguintes montes: Bom Retiro, junto ao povoado de seu nome, séde do 2.º districto administrativo; Morro Bonito, no 1.º districto e na estrada que conduz á Colonia Santa Manoela; Morro Azul, situado nas divisas com Montenegro, fica em suas proximidades o nucleo colonial de seu nome; Cerro do Mello, no 2.º districto; Morro da Carapuça, á 9 klms. da cidade e na estrada que a põe em communicação com a colonia Arroio Grande; Morro Pellado, a O. do precedente e proximo á margem do Taquary; Morro da Pedreira, proximo ao povoado de Bom Retiro e entre o Taquary e o arroio Ribeiro; Morro da Caetana, situado no 1.º districto; Morro da Capivara, entre o Taquary e o arroio de seu nome; Morro do Souza, nas divisas de Montenegro e na costa do arroio Santa Cruz; Morro das Mutucas, situado no 1.º districto; Morro do Meio, idem; Morro do Cantagallo, no 3.º districto; Morro dos Cavallos, tambem conhecido por dos Azeredos, á margem do arroio Santa Cruz; Morro da Cabriuva, a 9 klms. do nucleo colonial Morro Azul; Morro de Santa Manuela, na colonia de seu nome e nesta mesma colonia o do Taboleiro; Morro dos

Gomes, no 2.º districto e ahi tambem o do Gurupú e o do Maia. Estes dados foram colhidos no interessante trabalho de Oct. Far. sobre o municipio em apreço.

Hydrographia — O systema hydrographico do mun. pertence á bacia oriental do Estado ahi representada pelo caudaloso Taquary. As opiniões sobre a nascente principal deste rio se dividem em tres grupos: S. Leopoldo, Dreys, Varela, Oct. Far. e outros, consideram como a nascente principal da caudal em apreço o *Rio das Antas*, que tem origem em um banhado do Planalto, no actual mun. de Bom Jesus; para Camargo e DAS., porém, essa nascente é formada pelo rio *Tainhas* e *Camisas*, por considerarem, erradamente, como sendo esses dois galhos os formadores do *Rio das Antas*, quando são deste simples affluentes. Outros pretendem que seja o Guaporé a nascente principal do Taquary, não obstante, como pondera Oct. Faria, ser „pouco aceita esta origem para o magestoso manancial“. Formamos ao lado dos que opinam pelo Guaporé.

Essas controversias tem como causa o facto de não se ter adoptado um criterio uniforme para o estabelecimento das nascentes principaes de nossos rios, que tem sido determinadas ao acaso, como já notámos ao tratarmos do Jacuhy.

De accôrdo com a condição universalmente aceita para se eleger a nascente principal de um rio, entendemos que é o Guaporé o que deve como tal ser eleito no caso, visto que é entre os citados, o que mantem perfeitamente a direcção do curso inferior do Taquary, desde sua confluencia com o Rio das Antas. Nem a idade deste sobre a dâquelle se póde allegar, porque ambos, na procura pertinaz de uma vasante, cavaram, em seculos de erosão incessante, um profundo leito no Planalto, onde ambos tem origem e, sem duvida, a mesma idade. A estrutura geologica do valle de um, é a do valle do outro. O Rio das Antas só preenche duas condições bem definidas — a de maior extensão e a de maior volume d'agua, mas ambas são secundarias e se subordinam a da direcção do tronco inferior do rio. A dictatorial condição antropogeographica não prevalece neste caso como no do Jacuhy, porque os habitantes desta região sempre consideram como rios distinctos o das Antas, o Guaporé e o Taquary, sabendo apenas que este é formado por aquelles.

O Taquary figura no *Primeiro Mappa do Paraguay* com o nome de Tibiquari e como sendo formado pelo Mbocariray, actual Guaporé e que é o Santa Rita de S. Leopoldo e por um outro que só figura em legenda e que tem a situação approximadamente do hodierno Carreiro — o Rio de Julio de S. Leopoldo. No *Segundo* e no *Terceiro Mappa do Paraguay*, continua o nome de Tebiquari, porém, desde suas nascentes, que

ahi são as do Guaporé. No Mappa de *D'Anville*, continua ainda como Tibiquari, formado, porém, pela confluencia de 3 rios: Mboapiari, que no primeiro mappa citado figura como seu affluente, mas com o nome — Mboapuari; pelo Caapigui, que nos mappas acima referidos está registado como tributario do Mbocariray, e por este finalmente.

No mappa de *Millau*, persiste ainda o nome — Tebiquari e em toda a extensão, correndo sempre em linha recta, de N. para S. tendo, porém, as nascentes a cerca de 27° 10' e portanto em territorio catharinense, alem do Uruguay.

No *Mappa de los Confines de las dos Coronas de España y Portugal en la America Meridional*, encontramos-lo ainda com o nome que vinha conservando, tendo, porém, a situação do actual Rio das Antas. No mappa de *Olmedilla*, tambem assim figura, porém, com o nome de Teviquari em seu curso superior e Mboapiari, no curso inferior, até se lançar no Rio Grande. Na *Carta de Moré*, figura como nascendo entre os meridianos de 54° e 52°, portano, como o Guaporé. No mappa de *Dreys* está registado com o nome de Tacuari, desde suas nascentes, nos Campos da Vaccaria, até se lançar no Jacuhy.

O Taquary, depois da confluencia do Guaporé com o Rio das Antas, tem os seguintes tributarios:

Na margem direita:

- 1) *Jacaré*, vide este nome.
- 2) *Putinga*, vide este nome. E' tambem conhecido por Lambary.
- 3) *Palmas*, arroio, corre de NO. para L., em um percurso de 12 klms.; banha a linha colonial de seu nome e marca parte dos limites entre os municipios de Lageado e Encantado.
- 4) *Bicudo*, pequeno curso d'agua, no mun. de Lageado, corre de O. para L., em um percurso de 5 klms.
- 5) *Arroio Grande*, rega o mun. de Lageado, seu curso é de 15 klms, na direcção geral NO.—SE.
- 6) *Arroio do Meio*, corre parallelamente ao precedente em um percurso de cerca de 13 klms.; banha a importante colonia S. Caetano e o povoado de seu nome no mun. de Lageado.
- 7) *Forqueta*, rio, nasce a mais de 600 metros de altitude, no mun. da Soledade, cujos limites com os de Encantado marca desde o ponto em que terminam as divisas de norte, entre os mesmos, até o em que passa a ser lindeiro entre o referido Encantado e Lageado, até penetrar no territorio deste

ultimo. Corre na direcção geral NNO.—SSE. E' correntoso no inicio de seu curso; ao entrar, porém, na zona de compensação corre mais calmo e finalmente preguiçoso e placido na zona de deposito. Seu curso é de 90 klms. aproximadamente, segundo *DOP.* e o *C. Eng.*; *Selbach*, calcula em cerca de 83; *Cunha Lopes*, em 100; *Jannasch*, em 75; *W. e Men.*, em cerca de 66; *Coï.* e *Nie.*, em 74. Banha uma importante zona colonial.

Tem 2 grandes tributarios na m. d.: um delles é o Rio Fão, que nasce a O da villa da Soledade no mun. deste nome e corre para SSE. até sua barra, depois de um curso de 45 klms., segundo *DOP.* *Selbach* calcula esse curso em 22½ klms.; *Cunha Lopes* em 40; O *C. Eng.* em 50 e o regista como nascendo ao N. da villa acima referida. *Varela* o denomina Atalho. O outro tributario do Forqueta é o Forquetinha, que nasce nas divisas do municipio da Soledade com o de Lageado e atravessa este de NNO. para SSE. até sua barra, depois de um percurso de 35 klms., segundo *DOP.* *Selbach* e o *C. Eng.*, calculam em 30 aproximadamente; recebe pela m. d. o arroio da Abelha, que *Jannasch* chama Pinheiros e que banha a colonia Nova Berlim. Pela m. e. o Forqueta recebe o Santo Antonio, correndo de N. para S. e com 15 klms. de curso.

8) *Lageado*, arroio, nasce no mun. de seu nome e banha a séde pelo N.; corre de O. para L. até sua barra, junto ao porto seu homonimo, depois de um curso de 8 klms.

9) *Moinhos*, corre de O. para L., banha a parte S. da villa do Lageado, seu curso é de 12 klms.

10) *São Gabriel*, arroio, corre como o precedente, banha o povoado de seu nome, séde do 6.º districto administrativo de Lageado, seu curso é de cerca de 9 klms.

11) *Sampaio*, nasce a cerca de 300 metros de altitude e corre a principio de NNO. para SSE. até receber o Sampainho, ahi se inflecte para L. até sua embocadura, depois de um curso de 37 klms., marcando em toda essa extensão os limites entre Lageado e Venancio Ayres. Entre seus tributarios figura o Sampainho, já citado e que banha o mun. de Lageado.

12) *Castelhano*, nasce a cerca de 200 metros de altitude, nas divisas dos mun. de Santa Cruz e Alfredo Chaves e corre para S. marcandô a linha divisoria daquelles municipios em um percurso de 25 klms., d'ahi em aiante se inflecte para O. até sua barra depois de banhar a villa de Alfredo Chaves; seu curso é de 60 klms., segundo *DOP.* e o *C. Eng.*; *Selbach* o chama Castelhana e calcula seu curso em cerca de 53 klms. e *Cunha Lopes* em 55. Entre seus tributarios figura o Arroio Grande, pela m. e., que é por sua vez engrossado pelo Chaco.

13) *Chafariz*, pequeno curso d'agua, corre de O. para E. até sua barra, em uma extensão de 8 klms. aproximadamente.

14) *Taquary Mirim*, vide este nome.

15) *D. Felicia*, este arroio rega o mun. de Santo Amaro. Pela m. e. affluem ao Taquary:

16) *Encantado*, arroio, nasce no 3.º districto do mun. da Estrella e corre de NNE. para SO. em um percurso de 5 klms. até sua barra, junto ao povoado Marquez do Herval; banha a linha colonial deste nome e a Fernando Abbott.

17) *Augusto*, nasce tambem no 3.º districto administrativo da Estrella e corre a principio para S. e depois para O. até sua barra, depois de regar as linhas Bom Principio, Marechal Floriano e Rio Branco; seu curso é de cerca de 13 klms. *DOP.* o figura correndo sempre de L. para O. *Selbach* tambem assim o regista, porém, com 53 klms., por localisar suas nascentes quasi no extremo L. do mun. de Garibaldi.

18) *Conventos Vermelho*, nasce proximo ás divisas da Estrella com Garibaldi e corre na direcção geral L.—O. até sua barra junto ao povoado de Rocca Salles, depois de um curso de 11 klms., segundo o *Mappa da Estrella* e o de *Selbach*. *DOP.*, porém, calcula esse curso em 13 klms. aproximadamente.

19) *Theodoro*, arroio, nasce na linha Borges de Medeiros e corre na direcção geral L.—O., até sua barra depois de um curso de 8 klms.

20) *Arroio da Secca*, nasce no 3.º districto administrativo do mun. da Estrella e atravessa este em toda sua extensão, de L. para O., em um percurso de 20 klms.

21) *Corvo*, banha o 4.º districto administrativo do mun. da Estrella, corre de L. para O., seu curso é de 10 klms.

22) *Bôa Vista*, nasce no mun. de Garibaldi e corre para SSO. até receber o Poço das Antas, ahi se volta para O. até sua barra, depois de um curso de 50 klms. segundo *DOP.* e *Cunha Lopes*; *Coi* e *Nie* e o *C. Eng.* calculám esse curso em 45 klms. *W.* e *Men.* em 33 e o figuram nascendo no mun. da Estrella; *Selbach*, em 31 e como tendo origem no mun. de Montenegro, por confundi-lo com o Poço das Antas, já citado. Este, que no mappa de *Coi.* e *Nie.* figura com a denominação de Rancho Grande, tem como tributario o Santa Catharina, que maraca os limites N. de Taquary com Montenegro. No

mun. da Estrella o Boa Vista marca, em toda a extensão, os limites N. do 2.º districto administrativo com os do S. do 4.º.

23) *Arroio da Estrella*, nasce no mun. deste nome e corre para O., em percurso de 21 klms. segundo o mappa desse mun. *DOP.* o calcula, porém, em 15 aproximadamente e *Selbach* e *Cunha Lopes*, em 16 e pouco. E' tambem conhecido por Arroio Grande; seu maior tributario pela m. e. é o Gloria, que nasce proximo ao povoado deste nome no mun. de Taquary e corre para NO. em um percurso de 6 klms. E' orlado de matto em ambas as margens.

24) *Arroio do Ouro*, pequeno curso d'agua corre para O., em uma extensão de 5 klms., segundo o *Mappa da Estrella. DOP.*, calcula esse curso em pouco mais de 8 klms.

25) *Areia*, arroio, corre a principio para O. e depois de 5 klms., descrevendo um angulo recto, se inflecte para S. até sua barra. Seu curso total é de $9\frac{1}{2}$ klms.; *DOP.* o calcula em 8 aproximadamente e o dá como marcando parte dos limites N. de Taquary com a Estrella, o que não é verdade, pois, tem todo o seu curso dentro do ultimo mun. citado, affastado 2 klms. daquelles limites, no ponto em que delles mais se aproxima e que é na fóz.

26) *Engenho*, hoje mais conhecido por Bom Retiro, banha o povoado deste nome, séde do 2.º districto administrativo de Taquary; seu curso é de 12 klms.

27) *Ribeiro*, pequeno curso d'agua, banha o nucleo colonial de Bom Retiro.

28) *Sanga da Ursula*, corre proxima ao precedente.

29) *Arroio do Silva*, rega o mun. de Taquary, corre de L. para O. até sua barra, em frente á do Castelhana, depois de 5 klms. de curso.

30) *Sanga dos Marias*, rega o 2.º districto administrativo do mun. acima citado e corre na direcção do precedente.

31) *Tigre*, corre tambem no districto recém referido, de NE. para SO., em um percurso de cerca de 13 klms.

32) *Capivara*, rega o mun. de Taquary, corre de NNE. para SSO., em um percurso de 25 klms., segundo *DOP.* e o *C. Eng. Selbach* o calcula em cerca de 23. E' avolumado pelos arroios: a) Carapuça, que desce do cerro de seu nome, no 1.º districto; b) Herval, que *Varela* e *Oct. Far.* chamam Herva, que rega o 2.º districto e recebe por sua vez os arroios

Pau e Cardosos; c) Saca Ceroulas; d) Potreiro, que desce do Morro das Mutucas e é engrossado pelo Meia Agua, que lhe entra pela m. e.; rega o 1.º districto é orlado de matto em ambas as margens.

33) *Tingueté*, vide este nome.

34) *Caieira*, sanga, corre proximo á cidade de Taquary e cuja fóz fica no porto de seu nome.

35) *Pinheiros*, tambem conhecido por Fonte Grande, nasce, segundo *Oct. Far.*, nos banhados situados na estrada que liga a cidade de Taquary ao Passo do Meio, no arroio Santa Cruz, a cerca de uma legoa da referida cidade, tendo a fóz proxima ao Asylo Pella.

36) *Passo da Aldeia*, corre ao S. da cidade de Taquary e corta a estrada que a liga ao Asylo Pella.

37) *Santa Cruz*, nasce nas divisas dos municipios de Montenegro, Taquary e Triumpho e corre a principio de NE. para OSO. e depois para S., marcando os limites entre os dois ultimos municipios citados, em toda sua extensão que é de 35 klms. Tem como tributarios os arroios Rodrigues, S. José, este desce do Morro das Mutucas no 1.º districto e tem cerca de 8 klms. de curso; Volta Grande, que tem origem na Cochilha das Figueiras; Morro Azul, que dimana dos banhados juntos ao morro desse nome e desagua proximo ao passo do Menna Schuler, no Santa Cruz, depois de banhar o nucleo colonial seu homonymo e de receber as aguas dos arroios dos Vicentes, do Pereira, do Cafundó, Costa Ventura, Manoel de Oliveira, Carlos Kussler e outros insignificantes. Affluem ainda ao Santa Cruz os arroios Rodrigues, Fazenda dos Paulos, Areal, Arraial, Pedro Rosa e das Pedras, com seu tributario o Leão.

38) *Pantano Grande*, corre de N. para S. em um percurso de 15 klms., no mun. de Triumpho.

39) *Estiva*, pequeno curso d'agua, rega o mun. de Triumpho, corre de N. para S. em uma extensão de 6 klms.

O curso do Taquary, desde a confluencia do Rio das Antas com o Guaporé, é de 105 klms. segundo *Coi.* e *Nie.*, *DOP.* e o *C. Eng.*; *Selbach*, o calcula em 120; *Cunha Lopes* e *Jannasch*, em 115; *W.* e *Men.*, em 83 aproximadamente. Serve de limite entre os municipios de Encantado e Lageado e o de Estrella; entre o de Taquary com os de Venancio Ayres e Santo Amaro e entre este e o de Triumpho. Ao longo de suas margens se encontram grandes centros agricolas e industriaes;

pelas suas aguas se escoam para a capital do Estado a grande producção desses centros de vida, progresso e fartura. E' facilmente navegavel até a cidade de seu nome; nas aguas medias até a villa da Estrella e nas cheias até a confluencia do Guaporé com o Rio das Antas, por gazolinas e outras embarcações pequenas.

Nas cheias, não só por ser sua bacia de caracter impermiavel, como principalmente pela grande affluencia das aguas que descem do Planalto trazidas pelos dois grandes rios que o formam, as suas aguas attingem até 14 metros acima do nivel commum, inundando as suas margens até se lançar no seu grande reservatorio — o Jacuhy.

Portos — Existem no mun. de Taquary os seguintes:

1) *Porto Grande*, situado no extremo S. e proximo á volta do Barreto.

2) *Fazenda Lengler*, proximo ao Asylo Pella, servindo o estabelecimento deste nome.

3) *Asylo Pella*, servindo ao estabelecimento deste nome.

4) *Caieira*, nas proximidades da cidade de Taquary.

5) *Taquary*, servindo a cidade de seu nome, da qual fica a 1 klms. de distancia.

6) *Volta do Freitas*, a cerca de 6 klms. de Taquary e proximo ao da Viuva Guedes.

7) *Josephino Teixeira*, logo acima do precedente.

8) *Porto Novo* ou do Becker, como tambem é conhecido.

9) *Fazenda Hespanhola*, servindo o estabelecimento de seu nome.

10) *Capitão Miguel*.

11) *Porto da Barca*.

12) *Pedreira*, proximo ao povoado de Bom Retiro.

13) *Bom Retiro*, situado no extremo N. do mun. e junto ao povoado de seu nome.

Passos — Existem os seguintes neste municipio: Real, junto ao porto de Taquary; Taquary Mirim, junto á barra do arroio deste nome; Chafariz, servindo os municipios de Taquary e Venancio Ayres; Santarem, Pedreira, Bom Retiro, Itaipava das Flôres, todos no rio Taquary; Domingos Gravina,

Capitão Teixeira, Duarte Dutra, Valeriano, Serafim Praia, no Capivara; de Cima, do Meio, de Baixo, S. Lourenço, Souza e do Menna Schuler, no arroio Santa Cruz.

Pontes — Existem as seguintes no mun. em apreço: Sobre o arroio Santa Cruz, no Passo do Souza, na divisa com o mun. de Montenegro; sobre o arroio Potreiro, a 6 klms. da cidade de Taquary e no lugar denominado Amoras; sobre o Arroio Grande no lugar denominado Posses, na divisa com o mun. da Estrella; sobre o Capivara, no passo de Domingos Gravina, no passo do Serafim Praia, ainda sobre o Capivara e sobre a fôz deste uma terceira; no arroio Ribeiro, junto ao Bom Retiro; no arroio Silva, proximo á sua barra; no Tigre, junto á barra; no Potreiro, tambem proximo á barra; sobre o Concordia; sobre o Ismeria e arroio do Ouro; sobre o Santa Cruz, no passo de Baixo, sobre o arroio Bom Retiro; sobre o Monte Bonito e finalmente sobre o Morro Azul.

Limnographia — Possui este mun. 4 lagôas: a) Armenia, nas cercanias da cidade, riquissimo viveiro de aves aquaticas (*Oct. Far.*); b) Cemiterio, proxima ao cemiterio evangelico; c) dos Ramos e finalmente de João Horacio.

Banhados — Entre outros existem no mun. o Grande, Pantano Grande, ambos no 1.º districto; Pinheiros e Morro Azul, junto aos quaes nascem os arroios desses nomes.

Ilhas — São as seguintes no rio Taquary e pertencentes a este mun. segundo *Oct. Far.*:

1) *Padre José*, abaixo da cidade de Taquary e proxima á Volta do Barreto, de terras ferteis.

2) *Bizarros*, tambem fertil e situada em frente ao Porto de Taquary.

3) *Capivara*, situada acima da cidade de Taquary e quasi em frente á barra do arroio de seu nome.

4) *Macacos*, ilha, um pouco abaixo da cidade.

5) *Cabritos*, em frente ao Porto de Taquary.

Clima — O clima deste mun. é excellente. A temperatura maxima absoluta observada no decennio de 1912 a 1921 foi de 39,6 em 14 de dezembro de 1917 e a minima de — 2,5 em 8 de junho de 1915 e em 21 do mesmo mez, em 1921. Os maiores calores foram registados de novembro a janeiro e os frios mais intensos nos mezes de junho e julho. A media no verão foi de 23,7; no outono de 18,4; no inverno 13,5; na primavera 18,2, o que dá para o anno 18,4.

A media da altura das chuvas no referido decennio, segundo as observações pluviometricas, foi em m/m. de 367,4 no verão; 398,4 no outono; 440 no inverno; 337,5 na primavera ou seja a media annual de 1543,3.

O municipio de Taquary, que é parte integrante do Estado do Rio Grande do Sul, pertence ao 1.º districto eleitoral; faz parte da archidiocese de Porto Alegre, constitue uma comarca ecclesiastica, composta das seguintes parochias foraneas: Santo Amaro, S. Jeronymo e Triumpho. E' séde da Comarca judiciaria de seu nome, creada pela lei provincial n.º 799 de 25 de outubro de 1872 e alem do territorio deste mun. comprehende tambem o de Venancio Ayres. E' constituido por 3 districtos administrativos e igual numero de judicarios: 1.º districto Taquary, com 17.058 habitantes e a área superficial de 302 klms.², creado por provisão de 20 de outubro de 1775, occupa o 7.º lugar na ordem chronologica dos districtos riograndenses; 2.º, Bom Retiro, com 6558 hab. e a área de 264 klms.², creado por acto municipal n.º 11, de 15 de dezembro de 1895, fica no extremo N. do mun. com excellente porto na m. e. do Taquary, por onde se escoam para Porto Alegre os productos da Colonia Teutonia e de parte do mun. da Estrella, especialmente na época das seccas, pertence-lhe o povoado Burgo da Gloria; 3.º, Arroio Grande, com 5584 hab. e a área de 186 klms.², creado pelo acto municipal n.º 110, de 5 de maio de 1908.

O movimento do registo civil no anno de 1922 foi o seguinte:

População	Nasciment.	Obitos	Casamentos	Natalidade	Nupcialid.	Mortalidade
29.200	1.114	212	162	38,04	5,54	7,26

Sendo a área do mun. de 752 klms.², a densidade da população era, portanto, em 1922, de 38,56, occupando assim o 2.º lugar entre os 72 municipios do Estado, então existentes.

No primeiro recenseamento do Rio Grande do Sul, feito em 1803, a então freguezia de S. José do Taquary, figura com 916 habitantes.

Nos recenseamentos de 1814, 1847 e 1858 foi encontrada a seguinte população:

Annos	População	Branços	Indije-nos	Libertos	Escra-vos	Recem-nascid.	Livres
1814	1.714	1.092	42	67	433	80	—
1847	4.964	—	—	—	2.621	—	2.343
1858	6.334	—	—	160	1.160	—	4.528

No recenseamento de 1.º de agosto de 1872 foram encontrados:

População	Nacionais	Africanos	Allemaes	Diversos	Alphabetos	Analphabet.
9.001	8.189	29	711	72	1.951	7.350

Recenseamento de 1890:

População	Nacion.	Extran-geiros	Homens	Mulheres	Branços	Caboclos	Pretos	Mestiços	Alpha-betos	Anal-pha-betos
11.103	10.917	186	5.345	7.558	8.713	102	979	1.282	2.241	8.862

A população encontrada em 1900 estava assim distribuída:

Districtos	Homens	Mulheres	Total	Alphabetos	Analphabetos
1.º	5020	5.124	10.148		
2.º	2.158	2.092	4.250		
Somma . .	7.182	7.216	14.398	3.753	10.645

Essa população foi assim discriminada:

BRASILEIROS						EXTRANGEIROS									
Natos		Naturalizados		Alle-mães		Argen-tino	Austro-Hungaros		Itali-anos		Portug.		Diver-sos		
H	M	H	M	H	M	H	H	M	H	M	H	M	H	M	
6.999	7.123	17	2	52	21	2	8	7	14	6	14	3	71	5	

A população para 1910 foi calculada em 19.327 habitantes.

Pelos dados acima chega-se ao seguinte resultado sobre a ethnographia neste mun.:

	1814	1872	1890
Elemento branco	68,4%	72,2%	78,7%
„ indigena	2,5%	2,0%	1,0%
„ preto	29,1%	27,8%	29,3%

Os dados relativos á cultura intellectual são os seguintes:

1872 —	alphabetos 18,3;	analphabetos 81,7
1890 —	„ 20,9;	„ 79,1
1900 —	„ 26,9;	„ 73,1

Vê-se, com alegria, que a porcentagem dos analphabetos decresce. E' de notar que estão incluídos no numero dos que não sabem ler as creanças em idade escolar e as abaixo dessa idade. Somente estas attingem a cerca de 13% da população. Abatida essa porcentagem teremos respectivamente 68,7; 66,1, isto é, 10% apenas mais da metade da população, incluídos os de idade escolar.

O mun. não tem prestado informações sobre a estatística das habitações. O que sobre o assumpto sabemos é o que consta no trabalho de *Oct. Far.* e é que na cidade existiam, em 31 de dezembro de 1910, segundo o recenseamento então feito, 421 predios, sendo 387 terreos, 29 assobradados e 5 sobrados.

O numero de vehiculos existentes em 1922 era de 1103, sendo um automovel de passageiro, 516 carretas de 2 rodas, 4 carros de 4 rodas, 440 carretas de 2 rodas, 56 carroças de 4 rodas e 86 aranhas.

A população pecuaria do mun. calculada em 1923 foi a seguinte:

Especie	Quantidade	Valor
Bovinos	165.000	17.820:000\$000
Equinos	12.000	780:000\$000
Muare	4.860	486:000\$000
Suinos	58.000	1.914:000\$000
Ovinos	40.000	800:000\$000
Caprinos	2.400	26:500\$000
Total	282.260	21.826:500\$000

Entre os diversos productos agricolas do mun. figuraram na safra de 1923—1924, milho, feijão, arroz, trigo e batata ingleza, respectivamente, com 10.200, 1960, 300, 60, 1300 toneladas.

No quadro da tributação territorial do Estado em 1921, Taquary figura entre os municipios do 7.º grupo, isto é, entre os que tem menos de 100.000 hectares, do seguinte modo:

Numero de proprietarios	Area em hectares	Valor venal	Valor medio
2.750	74.155	8.710:800\$	117\$467

A receita e a despesa do municipio foi a seguinte em 1921:

Saldo de 1920	Receita		Total	Despesa		Total	Saldo para 1922
	Ordinaria	Extraordin.		Ordinaria	Extraordin.		
4.289\$	101:339\$	67:666\$	173:294\$	89:966\$	82:356\$	172:322\$	972\$

Vias de comunicação — E' neste ponto de vista um municipio privilegiado pela sua situação geographica em relação á capital do Estado, para onde exporta sua grande produção e bem assim com os centros productores. Além da estrada de ferro de Porto Alegre á Uruguayana que o atravessa de NE. para SO., é cortado por diversas estradas de rodagem e servido por excellente via fluvial, onde navegam diversos vapores, gazolinas, chatas e lanchas, da importante companhia de Navegação Arnt, e diversas embarcações de outras companhias.

A estação do telegrapho, que é de 5.^a classe e dispõe de um aparelho *Morse*, pertence ao 18.^o Districto Telegraphico. Em 1923 transmittiu 1068 telegrammas com 31.597 palavras e recebeu 1296 com 20.463 palavras.

No referido anno de 1923 existiam no mun. 60 estabelecimentos de ensino, sendo 1 collegio elementar, 10 escolas isoladas, 25 subvencionadas pelo governo estadual, 9 municipaes e 25 particulares.

Eis um quadro da instrucção ministrada no mun.:

População do municipio	População escolar	Alumnos matriculad.	Coefficiente da pop. escolar por 1000 hab.	Alumnos matr. por 1000 hab.	Alumnos matr. para 1000 em idade escolar	Alumnos matr. em relação a área do municipio
29.200	5.752	3.262	193.5	112	567	4

Pelo quadro acima se vê que o mun. occupa o 10.^o lugar em numero de alumnos matriculados por 1000 habitantes, o 6.^o em relação a área municipal.

A receita do mun. é superior a 120:000\$000 e a despesa com a instrucção é de 6:000\$000.

Imprensa — O primeiro jornal que nos consta ter sido publicado neste mun. é o *Taquariense*, em sua primeira phase. Reappareceu em 31 de dezembro de 1887 e é publicado até hoje; o 2.^o a *Restauração*, que appareceu em 1886; 3.^o a *Gazeta de Taquary*, tambem de 1886 e que desapareceu no anno seguinte; 4.^o o *Peroba*, cujo primeiro numero é de 30 de janeiro de 1887; 5.^o o *Petit*, de vida ephemera; 6.^o o *Perscrutador*, que circulou de 1893 a 1894; 7.^o o *Rosiclér*, cujo primeiro numero appareceu em 11 de junho de 1905 e o ultimo em 17 de março de 1907.

Existe na cidade de Taquary o *Theatro S. João*, inaugurado em 7 de setembro de 1874, de construcção mixta e com lotação para 350 espectadores.

Ainda com o nome de Taquary existe um rio tributario directo do Ibicuihy. *Montenegro*, dá esse nome a um pequeno arroio tributario do Salso. O rio acima referido nasce a mais de 200 metros de altitude, no mun. de S. Francisco de Assis e corre de NE. para OSO., até sua barra, depois de um curso que *Selbach* calcula em 67 klms. *Coi.* e *Nie.* em 51 aproximadamente; *Cunha Lopes* em 50; *Jannasch* em 45; o *C. Eng.* em 40; *DOP.* em 38 e a *C. C. G. B.* em 25. E' correntoso, tem sempre muita agua e é orlado por estreita facha de matto em ambas as margens. Tem como tributarios os arroios Taquarizinho, Ribeirão, Sanga do Areal, banhado dos Pachecos e do Jacaré.

TAQUARY MIRIM — c. *taquara-y-mirim*, o arroio das Taquaras ou o riozinho das Taquaras. No caso o diminutivo serve apenas para indicar a existencia de outra caudal maior.

Rio, nasce no mun. de Santa Cruz e o corta de N. para S., fertilizando suas terras, depois se inflecte para L. e nessa direcção corre até sua barra, servindo de limite entre o mun. de Venancio Ayres e os de Santa Cruz, Rio Pardo e Santo Amaro. Marca tambem as divisas entre o 1.º e o 5.º districto do mun. em que tem origem e ahí conta como tributarios os arroios Bussenmuker, pela m. e. e o da Arena, tambem conhecido por Schmitt e o Pinhal, pela m. d., marcando este ultimo parte dos limites entre Santa Cruz e Rio Pardo, em toda sua extensão que é de 12 klms., correndo sempre de SO. para NE. Os outros tributarios ainda pela m. d. são: Cria, que serve de limite entre o Rio Pardo e Santo Amaro, corre de SO. para NE. em um percurso de 10 klms.; Pinheirinho, que corre como o precedente, em uma extensão de 9 klms.; Sanga Funfa, com 6 klms. de curso e Taquara, com 7 klms., correndo ambos como os precedentes. O curso do Taquary Mirim é de 72 klms., segundo *DOP.*, *Cunha Lopes* e *Selbach*, o *C. Eng.* calcula em 65 e *Oct. Far.* em 132.

Ainda com o nomes acima existe um nucleo colonial em Venancio Ayres.

TAQUARYRANCHY — Assim *Cunha Lopes* escreveu o nome do Taquarachim.

TAQUARYZINHO — Palavra hybrida c. *taquary* (s. tupi) + *zinho* (suf. dim. portuguez). Arroio affluente do Taquary, tributario do Ibicuihy.

TARAMANDAHÚ — c. *tara-manda-y* o rio do atilho de milho. Daquelle modo D'Anville graphou o nome do Taramandahy, visto a pronuncia do *y* na lingua indigena ser parecida com a do *u* francez.

Silv. Peixoto, repetiu essa graphia.

TARAMANDAHY — E' a graphia correcta no nome do rio hoje conhecido por Tramandahy. Vide este nome.

TARUMÃ — Arvore da familia das verbenaceas. *Vitex Taruman*, Mart. Suas flôres são de um lindo azul claro; perde as folhas no inverno; dá fructo mui semelhante a azeitona, é procurada pelos passaros. A arvore dá tóros de 5 a 7 metros com um diametro variando entre 40 e 60 cm.; é de côr esbranquiçada, sendo o cerne mais escuro; fibras finas, tecido unido, talho duro. Tem grande applicação como dormentes de estrada de ferro, especialmente nos logares humidos, onde resiste até 10 annos. Serve tambem para rodas hydraulicas; a media de sua densidade é de 0,897 e da resistencia a compressão 695 kilogrammos por cm².

Arroio affluente do Ibiçuhy da Aramada no mun. de Livramento. Denominação antiga de uma cochilha entre o Vaccacahy e o Jaguary tributario do Santa Maria, conforme se vê das concessões de sesmaria feitas, em 1815, a Manoel Gomes de Camargo e, em 1816, a Bento José Martins. Fanzendo no mun. de S. Gabriel.

TEABAUBA — Está assim escripto o nome do Camaquam do Norte no Mappa de *Millau*.

TEBIQUERA — c. *tebi-coera*, o assento ou nadegas do velhaco; pôde ser tambem simplesmente as nadegas, visto que *coera*, alem de significar velhaco; extinto, *pastado* = *ex* do latim, é tambem indice de plural. Antiga denominação da Lagôa dos Patos.

TEBIQUARI — corr. *tibi-qua-r-y*, o rio das sepulturas. Denominação dada ao actual rio Taquary no *Segundo Mappa do Paraguay*. Assim *Millau* denominou um dos affluentes do Jacuhy, que pela posição em que foi traçado nos parece que é o actual Itapuhy. Esse mesmo autor em seu segundo mappa de 1770 dá aquella denominação ao hodierno Rio das Antas.

TEVIQUARI — Assim *Olmedilla* escreveu o nome do Taquary.

TEBIQUACIM — Figura com esse nome no *Primeiro Mappa do Paraguay*, um tributario do Ibiçuhy que nos parece o actual Jaguary.

TIBIQUARI — Rio das sepulturas. Assim está graphado o nome do actual rio Taquary no *Primeiro Mappa do Paraguay* e no de D'Anville de 1733. Na edição allemã do *Segundo*

Mappa do Paraguay a denominação acima é dada a um affluente do Jacuhy, que nos parece, pela posição em que está traçado, que é o Itapuhy. Na concessão de sesmaria feita, em 1814, ao padre José Fernandes do Valle, está também escripto como acima se regista, o nome do actual rio Taquary.

TICABAQUÃ — c. *ti-cabãquã*, rio correntoso, que corre com força, torrencialmente, com velocidade. Antiga denominação do Camaquã do Sul e que traduz perfeitamente o seu modo de ser, especialmente no inicio de seu curso, em que corre impetuosamente, como todos os rios que descem de serras ou de grandes elevações.

TIJUCO — corr. *ty-yuc*, lama, brejo, paul, agua podre. E' alt. de *tuyu*, o *u* no guarani designa quasi sempre corpos molles, brandos; significa também desfeito' podre. *Tuyu*, traduz lodo, barro. Contem esta palavra, como observa *Martinez*, duas metonymias, visto que o *t* indica a pressão, a força que faz o pé na masa branda (*u*) e o *y* a fricção do pé e da perna ao penetrar no lodo, isto é na substancia branda (*u*).

Lageado affluente do rio do Peixe no mun. de Passo Fundo, citado por *Oct. Far.*

TIMBAUBA — corr. *timbo-uba*, a arvore da espuma. As vagens da timbauba são ricas em saponina, prestando-se até para serem empregadas como sabão. Vem dahi, sem duvida sua denominação. Ha duas especies de timbauba: a *Quillaja brasiliensis* Mart. da familia das Rosaceas e a *Enterolobium timbauba* Mart. da familia das Leguminosas e sub-familia das Mimoseas. E' desta ultima especie a existente neste Estado. E' uma arvore frondosa e de grande desenvolvimento. Sua existencia assignala terreno fertil, pois só nestes vegeta. „Nas mattas cresce mais ou menos a prumo, produzindo toradas de grandes dimensões, utilizadas sobre tudo para canoas, visto para isso se prestar admiravelmente por ter um cerne muito grosso e muito leve.“ (*J. Dutra*). O tecido desta arvore é frouxo, poroso, porém muito duravel.

Nome de tres logares: um em Montenegro, outro em Alegrete e o outro em S. Sepé. Antiga estrada que partindo de S. Miguel vae á S. Borja, depois de cortar o Passo Fundo, proximo á foz do arroio desse nome no Inhacapedum.

TIMBAUVA — O mesmo que timbauba. Nome de dois arroios: um é tributario da m. e. do Itapuhy e o outro do Piratiny do Norte, tem sua barra entre a do Passo Fundo e a do Pecegueiro. Antigo rincão entre o Vaccacahy e o S. Sepé, conforme se vê da concessão de sesmaria feita, em 1816, a Innocencia Umbelina de Jesus.

TIMBÉ — corr. *tì-peb*, nariz chato; póde ser também arroio raso e talvez corr. de tembé, o labio inferior. Arroio tributario do Juquinha no mun. de Guaporé, corre de N. para S. em um percurso de 7klms. aproximadamente. Nasce no vertice do angulo formado pela estrada que saindo do povoado Brasil, vae se unir á que liga S. Luiz da Casca com Passo Fundo e Soledade.

TIMOHA — corr. *ty-moe*, a agua posta. Assim o *C. Eng.* regista o nome do Imbaha.

TINGUITÉ — corr. *ty-gui-ete*, o liquido verdadeiro que vem, a espuma verdadeira, grande, forte, o verdadeiro tingui. *Tingui* é nome commum a diversas especies de vegetaes dos generos *Phaecarpus*, *Mogonia*, e *Jaequina*, os quaes lançados no rio tem a propriedade de matar o peixe. Corresponde ao nosso Timbó e ao trovisco de Portugal. (*B. Rhoan*).

Arroio tributario do Taquary, banha a face N. da cidade deste nome e desagua com o nome de Riacho; corre de L. para O., seu curso é de 11 klms, aproximadamente.

TIRIRICA — a cortante, a que vibra, vibrante, do verbo *tiriri*, brandir, cortar, vibrar. Planta — *scleria reflexa*, da familia das Cyperacias, de que se extrae cellulose para o fabrico de papel translucido. E' a maior Cyperacia da America. (*Pio Correa*).

Arroio no mun. de S. Leopoldo, nasce no 6.º districto e corre para NE., até se lançar no Banhado Grande, de onde emerge, com as aguas reunidas ás do Guary e assim desagua no Itapuhy, pouco acima do Porto das Tranqueiras. *S. Leopoldo* menciona esses dois arroios como tributarios directos e isolados do Itapuhy.

TOBAQUÁ — c. *toba-quá*, o buraco ou a cóva do rosto; o rosto esburacado, cheio de covas. Está assim escripto o nome do Camaquam do Norte no *Primeiro Mappa do Paraguay*.

TOBATINGUI — Assim *DAS.* graphou o nome do Tabatingahy.

TOCA — s. abs. *oca*, o refugio, o esconderijo (*Th. Sampaio*). Passo no rio Santa Maria, no mun. da Taquara.

TORAMANDÁ — alt. de *tara-mandá-y*, o rio do feixe ou do atilho de milho. Está assim graphado o nome do Tramanday no *Primeiro Mappa do Paraguay*.

TORAMANDAHU — Assim D'Anville em seu Mappa da America Meridional, graphou o nome do Taramandahy, cer-

tamente porque a pronuncia do *y* na lingua indigena se assemelha com a do *u* francez.

TOROPASSO — Palavra hybrida c. *toro* (tatú, na lingua indigena) + *passo* (s. m. portuguez), passo do tatú. Rio, nasce no mun. de Uruguayana e corre a principio para NO. e depois se inflecte para O. até sua barra no Uruguay, em frente á Ilha Grande; seu curso é de 55 klms., segundo *DOP.* e o *C. Eng.* Nos trabalhos da *C. C. G. B.* figura com 67 klms. *Selbach* o regista como correndo quasi dois terços de seu curso para N., calcula sua extensão em 53 klms. e dá-lhe o esquisito nome de Rio Garumbó. *Cunha Lopes* o figura correndo, erradamente, de S. para N., até se lançar no Ibicuhy. *Jannasch*, incidiu nesse erro. Tem como tributario pela m. e.: a) *Pindahy*, vide este nome; b) *Itajassú*, com 16 klms. de curso, vide este nome. *DOP.* o considera como tributario do Pindahy. Nos trabalhos da *C. C. G. B.* e no Mappa que acompanha os Annaes de *S. Leopoldo*, figura como affluente directo do Toropasso; c) *Pindahy Mirim*, vide este nome. d) *Carumbé*, o *C. Eng.* o menciona como tributario do Toropasso e o denomina *Carumbá*, certamente levado por *Jannasch*, que alterou a graphia de *Cunha Lopes*, que é — *Carumbú*.

Coi. e *Nie.* calculam o curso do Toropasso em cerca de 8 klms. apenas; *C. Jacques*, secundou esses autores.

Ha, por ignorancia da etymologia do nome deste rio, tendencia para o desfigurar, escrevendo-se *Touropasso*, em vez da fórma que acima registamos e que é secular. Encontramo-la sempre assim nas antigas concessões de sesmaria entre outras nas de Custodio Pires Monteiro Bandeira, Francisco de Paula Leal, Jacintho José Goulart, em 1814, e a Rogerio Lopes Lencina, em 1816.

Com o nome acima existem mais: um arroio tributario da m. d. do Caverá, que tem origem na serra deste nome; seu curso é de 21 klms.; duas estações da estrada de ferro, sendo uma na linha P. A. U. entre as de Ibirocay e Carumbé, no mun. de Uruguayana e a outra entre as paradas Embaha e Blaz, na linha de Quarahy a Itaquí.

TOROPY — c. *toro-py*, o pé do tatú. Pode ser tambem corr. *toro-pe-y*, o rio do casco do tatú.

Rio, formado pelos arroios *Celso*, que tem como tributario pela m. d. o Aguapé e pelo *Canaleira*, que nascem no mun. de Julio de Castilhos, a cerca de 300 metros de altitude. Sua nascente principal é o Celso. Alguns entendem que é o Caneleira e outros, que é o tributario deste que nasce a NO. da villa

de Julio de Castilhos. Corre de N. para S. até receber as volumosas aguas do *Guassupy*, ahi, como que influenciado pela direcção deste, se inflecte para SO., e depois, pouco acima da barra do *Taquarachim*, se volta bruscamente para a direcção primitiva até sua embocadura. Limita o mun. de Santa Maria com os de Julio de Castilhos, desde a barra do *Guassupy* até á do *Toropy Mirim* e *Santiago do Boqueirão* desde esse ultimo ponto até a fóz do arroio *Sampaio* e d'ahi até sua barra, com o de S. Vicente.

São seus tributarios pela m. d.:

1) *S. João*, pequeno curso d'agua, no mun. de Julio de Castilhos, corre para SSE.

2) *Monjolo*, arroio, corre como o precedente, com cerca de 15 klms. de curso.

3) *Toropy Mirim*, vide este nome.

4) *Barreiro*, arroio, correndo de N. para S., em um percurso de 10 klms. aproximadamente.

5) *Sampaio*, tem origem no lado meridional do povoado de Jary e corre para S. até sua barra, depois de um curso de 15 klms. DOP. escreveu *Samparo*.

6) *Canôas*, pequeno curso d'agua, contravertente do S. Xavier, corre de ONO. para SE. até sua barra em uma extensão de pouco mais de 10 klms.

7) *Taquarachim*, vide este nome.

Pela m. e.:

8) *Guassupy*, vide este nome. Tem como affluentes o *Divisa* e o *Taquarembó*.

9) *Caneleira*, arroio; é, como acima ficou dito, um dos galhos formadores do *Toropy*. *Jannasch* o denomina *Toropy Mirim*, e considera como nascente principal do *Toropy* o galho que nasce a NO. da villa de Julio de Castilhos.

10) *Pecegueiro*, corre para NE. até sua fóz, pouco abaixo da do *Guassupy*, depois de um curso de cerca de 9 kjlms. O curso do *Toropy* é de 125 klms. segundo *Montenegro*, *Cunha Lopes* e *Oct. Far.* DOP. o calculou em 130; *Jannasch* em cerca de 120; *Coi.* e *Nie.* em 108 e *Selbach* em 90. Ainda com o nome de *Toropy* existe um povoado no mun. de Julio de Castilhos, séde do 6.º districto administrativo, creado por acto municipal n.º 18, de 1.º de agosto de 1912; sua população em 1922 era de 2152 habitantes. Nucleo colonial em *Jaguary*.

TOROPY MIRIM — c. *toropy mirim*, aroio da casca do tatú. Desce este arroio da Serra de S. Martinho rumo do S. até sua barra, depois de um curso que *Cunha Lopes* calcula em 40 klms. aproximadamente; *Selbach* em 34; *DOP.* em cerca de 33; *Montenegro* em 30 e o chama Toropyzinho; o *C. Eng.* em 70, visto o confundir com o Toropy, dando este nome sómente á caudal que rola para O. depois da embocadura do Guassupy. *Jannasch* o confunde com o Caneleira, tributario da m. e. do Toropy e *Oct. Far.* o menciona como correndo no mun. de Santa Maria. Ha engano, o arroio em apreço tem todo seu curso no territorio do mun. de Julio de Castilhos.

TOROPYZINHO — Palavra hybrida c. *toropy* (s. guarani) + *zinho* (suf. dim. portuguez). Assim *Montenegro* denomina o Toropy Mirim.

TOROQUÁ — c. *toro-quá*, o buraco do tatú. Povoado no mun. de S. Francisco de Assis, séde do 2.º districto administrativo, creado por acto municipal n.º 2 de 1.º de janeiro de 1909. Sua população é de 4958 habitantes. Nucleo colonial em Jaguary.

TORORAIPY — c. *toro-rai-py*, o casco do filho do tatú. *Tay*, filho para formar a preposição *de*, muda o *t* em *r*: *Cheray*, meu filho.

Cunha Lopes regista com aquella denominação um arroio que elle figura correndo de NE. para SSO. até se lançar na m. e. do Taquarachim, depois de um curso de 20 klms. Nos trabalhos da C. C. G. B. esse arroio figura como affluente directo do Toropy e como sendo formado pelo Taquarachim e pelo Salso.

TORORORITAMA — corr. *toro-retama*, a região, a terra dos tatús. Antiga denominação da actual ilha Torotama, situada no canal do Rio Grande, confgorme se vê das concessões de sesmaria feitas, em 1738, a José Ferreira Chaves e João da Silva Souza e em 1753 a Antonio Simões.

TOROROTAMA — E' tambem, evidentemente, corr. *toro-retama*. Assim é denominado o S. Gonçalo na concessão de sesmaria feita, em 1757, a Manoel Leite Vieira.

TOROTAMA — corr. *toro-retama*. Ilha no canal do Rio Grande. Nas antigas concessões de sesmaria, figura óra com este nome, óra com o acoma referido. Entre as em que está escripto *Torotama*, encontrámos as feitas, em 1779, a Manoel Marques de Souza (o avô), em 1791, a Antonio Cabral de Mello e, em 1782, a Caetano José Vieira.

TORRETAMA — Figura com esse nome o Povo Novo, entre Rio Grande e Pelotas, em um manuscripto hespanhol, transcripto na Exposição de Rio Branco, sobre as Missões Orientaes.

TORUMANS — alt. de tarumã. Antigo nome de um capão no districto de Bujurú, conforme se vê da concessão de sesmaria feita, em 1778, a Simão Soares da Silva.

TRAIRA — corr. *tarauirá*, que é c. *ta-ra-guira*, o que está de rojo, segundo *Th. Sampaio*. Para *Alf. Carv.* é corr. *tareira-tá-reii*, arranca pello. Peixe vulgar em todos os rios dõ Brasil, da familia *Characinidae*, da especie *Macrodon malabaricus*.

Arroio tributario do Palmas no mun. de Bagé, corre de S. para N. em um percurso de 15 klms. *DAS.* menciona com esse nome uma lagõa no mun. de Santo Antonio da Patrulha, proxima a dos Barros. *Oct. Far.* a localisa no mun. de Conceição do Arroio e diz que com o referido nome existe um braço do Guahyba, no mun. de Porto Alegre.

TRAMANDAHY — O mesmo que *toramandahy*. *Alf. Carv.* diz que é c. *Cityra-manda-y*, e traduz: o rio do morro dos peixes.

O *Tramandahy* tem origem na Lagõa dos Quadros e correndo para o S. põe em ligação as lagõas das Malvas, do Lessa, do Passo, do Marcellino, todas essas por sua vez ligadas umas ás outras e penetra finalmente na do seu nome e ao sair della, no lado do nascente, corre nessa direcção e se lança no Oceano.

Povoado ao S. da barra do rio citado. Existe ahi uma excellente praia de banhos, muito procurada pelos habitantes de Porto Alegre. O povoado está ligado á capital do Estado por uma estrada de rodagem, propria para automoveis, e por via fluvial até Palmares e d'ahi pelo ramal ferreo que conduz á Conceição do Arroio, até Lessim e d'ahi em diante, por deligencia, em pequeno percurso.

TUCANO — corr. *tu-can*, o bico osseo (*Bap. Caetano*). Para *Th. Sampaio*, é corr. *tu-quã*, bico exagerado. Ave trepadora do genero *Ramphastus*.

Arroio, nasce a cerca de 300 metros de altitude entre os morros do Lageadinho e da Fortaleza, no 1.º districto administrativo de Taquara e corre para S. até sua barra no Itapuhy, depois de um curso de 11½ klms. O documento mais antigo em que o encontrámos mencionado, foi a concessão de sesmaria feita, em 1816, a Domingos Francisco Pereira da Silva.

Linha colonial e estrada no mun. citado.

TUPACERETAN — c. *tupã-ci-retan*, a região ou a terra da Mãe de Deus. Existe uma lenda que attribue a origem desse nome á seguinte phrase pronunciada por um companheiro do francez Beauvalet, ao se despedir deste que ahi fixava residencia: *Tu y passeras le temps*, e que foi recolhida por um peão que os acompanhava e que por ignorar a lingua franceza repetiu phoneticamente, segundo seu modo de ouvir, isto é: *tupaceretan*.

Entre os diversos argumentos para desfazer essa invencio-nice existe um decisivo: A existencia daquelle nome antes de Beauvalet chegar á este Estado, que só podia ter sido depois de 1848, pois neste anno fôra posto em liberdade em França, da prisão em que se achava por haver morto em duello o jornalista Dujarier. Entre os documentos antigos em que a referida localidade apparece com a denominação acima, figuram concessões de sesmarias e entre essas a feita, em 1791,, pelo conde de Resende, a Anna Fausta Gertrudes e outra ao alferes José dos Santos Cardoso.

Existem com o nome acima dois povoados, séde de districtos, sendo um de Cruz Alta — o 2.º e o outro, tambem 2.º, de Julio de Castilhos, creados, respectivamente, pela lei provincial 1130 de 7 de abril de 1878 e acto municipal de 27 de outubro de 1901.

Cochilha, corta os municipios de Cruz Alta e Julio de Castilhos. Banhado no primeiro dos municipios citados.

TUPAETUA — corr. *tupã-tuã*, o palmito de Deus. S. Leopoldo dá essa denominação a um dos tributarios da m. e. do Jacuhy, proximo á fóz do Vaccacahy Mirim. DAS. o secundou.

TUPANCY — c. *tupã-cy*, a mãe de Deus. Banhado no mun. de S. Sepé.

TUPARAY — c. *tupã-ray*, o filho de Deus. *Tay*, filho, para formar a preposição *de*, como já observámos, muda o *t* em *r*.

Banhado, cochilha, estação da estrada de ferro e nucleo colonial no mun. de Itaquí.

TURETAMA — Assim DAS. escreveu o nome da ilha Torotama.

TURORETAMA — Assim Olmedilla escreveu o nome do rio S. Gonçalo.

TURERUTAMA — Assim D'Anville registou o nome do S. Gonçalo, em seu mappa de 1748.

TURUMÃ — alt. de *tarumã*. Logar no mun. do Herval.

TURUTAMA — Está assim graphado o nome da ilha Torotama na lei provincial n.º 179, de 16 de outubro de 1850, que creou a capella de S. João Evangelista na ilha dos Marinheiros.

UAPUTAN — E' provavel que seja corr. *ua-pitã*, o talo vermelho. Está assim escripto o nome do Cambuietan, na concessão de sesmaria feita, em 1816, a Ignacio de Jesus Muaria.

UBATUBA — corr. *yba-tyba*, o fructal, o horto; póde ser tambem corr. *uyba-tyba*, as flexas, o canavial bravo, alludindo á graminea *Cynerium saccharoides*, de que os indios fazem suas flexas.

Linha colonial no mun. de Lageado.

UBICUI — Assim Gay escreveu o nome do Ibicuihy.

UGUABOY — corr. *igua-mboy*, a bahia ou lagamar da cobra. Arroio no mun. de Itaqui; nasce na vertente septentrional da Cochilha do Rincão da Cruz e corre para N. até sua barra no Butuhy, depois d eum curso de cerca de 20 klms.

UMBÚ — corr. *y-mbo-ú*, o que faz beber; o que dá a beber. Allusão aos tuberculos grandes do umbú, que segrega agua abundante nas raizes, onde os viajantes se descendentam. *Th. Sampaio*. Pode ser tambem, segundo *B. Caetano*, corr. *ibá-imbú*, fructo que faz vir ou dá agua. As traducções acima tem inteira applicação ao *Spondias popurea* de Linn. que vegeta em o Norte do paiz. A imbuzada ahi tão apreciada é feita com o summo dessa fructa e leite. O Umbú do Rio Grande do Sul é differente do Imbú do Norte. E' uma arvore dioica, folhas ellipticas, da familia *Phytolacaceae* (*Pircunia dioica*). Floresce em novembro, seus fructos são bagas roxas dispostas em espiga, muito apreciados pelos suinos. E' uma excellente arvore de sombra; attinge a grandes dimenções. sua madeira, porém, não tem applicação porque seu tecido lenhoso é muito frouxo, vem d'ahi o nome de *Maria Molle*, que lhe dão no Paraná; contem grande quantidade de saes de potassio e por isso, depois de calcinado é empregado no fabrico do sabão. A casca da raiz, informa *Fran. Araujo*, é considerada purgativa e segundo *Baland*, o succo das bagas contem 14% de assucar, traço de oleo essencial, uma resina molle e um acido organico volatil.

Com o nome acima existem tres arroios: um delles é tributario do rio da Varzea e marca em toda sua extensão, que é de 6 klms., parte dos limites entre Paso Fundo e Palmeira, corre de SSO. para NNE.; o outro rega o mun. de Santa Victoria, segundo *Oct. Far.* e o outro, finalmente, banha o 5.º districto de S. Vicente, corre de N. para S. até se lançar no Ibicuhy, acima do Passo de seu nome, depois de um curso de pouco mais de 6 klms. Povoado, séde do 5.º districto administrativo de S. Vicente, creado por acto municipal n.º 9 de 6 de fevereiro de 1921. Estação da estrada de ferro nesse povoado. Ainda com o nome de *Umbú* existem tres cochilhas: uma no mun. de S. Vicente; outra no Passo Fundo e a outra percorre parte dos municipios de S. Gabriel e Rosario. Parada no Ramal ferreo de Quarahy a Itaquí. Cerro no mun. de S. Vicente; picada, no de Pelotas. Na freguezia do Rio Grande existia em 1748 um capão como a denominação acima, conforme se vê da concessão de sesmaria feita a Pedro Teixeira Cardoso.

UMBUEIRO — Palavra hybrida, c. *umbú* (s. tupi) + *eiro* (suf. portuguez que indica em sua formação erudita individuo que exerce certa profissão e na forma popular nomes de arvores e plantas).

Banhado no mun. de Alegrete.

UNHANDUHY — Está assim escripto o nome do Inhanduhy na concessão de sesmaria feita, em 1814, a José Antonio da Silva Neves.

UPACARAHY — corr. *ypa-caray*, a lagôa santa ou do Santo. Arroio, nasce por tres galhos no mun. de D. Pedrito e corre para NNE. até sua confluencia com o Upamoroty para formarem o Ibicuhy da Armada. *Coi.* e *Nie.* o dão como tributario do Itaquatiá e calculam seu curso em 25 klms. aproximadamente. *Cunha Lopes* e *Montenegro*, se serviram evidentemente dos elementos fornecidos pelos autores recém citados, elevando, porém, o curso do arroio para 30 klms. *Jannasch* o registou como formando o Ibicuhy da Armada em sua confluencia com o Itaquatiá. *DOP.* dá-lhe 35 klms. e traça com imperfeição seu curso; o *C. Eng.* coloca suas nascentes proximo á fronteira, como tambem o faz a C. C. G. B., dá-lhe 50 klms. de curso e acrescenta-lhe um grande tributario pela m. d. *Selbach* põe suas nascentes a NNE. das Tres Vendas, e dá 45 klms. para seu curso e ao seu tributario Vaccahyqua, chama Vaccaquá.

Lagôa e banhado no mun. citado.

UPAMARAHY — Assim o *C. Eng.* regista o nome do Upamoroty.

UPAMOROTY — corr. *ypa-moro-ty*, lagôa de agua muito branca ou cristalina. E' a nascente principal do Ibicuhy da Armada; tem origem proximo ás Tres Vendas, na cochilha de Sant'Anna e corre para S. até a confluencia do Upacarahy, depois de um percurso que a C. C. G. B. calculou em 70 klms. Recebe pela m. e. o Itaquatiá já descripto e pela direita o Goia-beira, que corre em terreno alagadiço de S. para N., servindo de divisa em toda a sua extensão entre os municipios de Livramento e D. Pedrito, segundo *DOP.*, *Selbach* e a C. C. G. B. *Oct. Far.*, porém, diz que esses limites são pelo Upamoroty. O curso do Goia-beira é de 41 klms.; tem matto em ambas as margens. *DOP.* calcula o curso do Upamoroty em 55 klms.

Ainda com o nome acima existe um districto em Sant'Anna do Livramento, o 2.º creado pelo acto estadual n.º 124 de 21 de fevereiro de 1891.

UPICARAY — Assim *Camargo* escreveu o nome do Upacararay.

UPOCAROHY — Está assim escripto o nome da lagôa Upacarahy na concessão de sesmaria feita, em 1814, a Manoel Antonio.

URUBÚ — c. *uru-bú*, a ave negra. Esta ave que pertence á familia dos volturides, é commum na America; é dotado de vista e olphato apuradissimos.

Arroio no mun. de Palmeira citado por *Oct. Far.* Estação da estrada de ferro de Quarahy a Itaquí, a 112 metros de altitude e inaugurada em 20 de agosto de 1887.

URUBUCARU — c. *urubú-caru*, a comida dos urubús. Arroio tributario do Ijuhy, nasce no mun. de Santo Angelo e corre para NO., servindo de divisa entre esse mun. e o de S. Luiz Gonzaga; seu curso é de 35 klms. *Selbach* o calcula em 30; o *C. Eng.* em cerca de 36 e o figura correndo rumo differente isto é, de OSO. para ENE.

URUBUCARUZINHO — Palavra hybrida c. *urubucaru* (s. guarani) + *zinho* (suf. dim. portuguez). *Oct. Far.* regista com esse nome um arroio no mun. de Santo Angelo.

URUCUTAHY — c. *urucu-tay*, o urucu baixo, pequeno. Urucu é a planta geralmente conhecida por vermelhão — *Bixa Orellana*, Lin. da familia das *Bixaceas* cresce de 4 a 5 metros; tronco recto; se esgalha formando copa; a corola das flôres é de côr branca rosea; o fructo é uma capsula eriçada de espinhos de 20 milimetros, contendo muitas sementes vermelhas, as quaes são de muito uso na tinturaria. Em todo

o Brasil usam o Urucú na arte culinaria para dar côr às iguarias (*Meira Penna*). E' empregado medicinalmente contra as affecções do coração. O conego *Gay* deu o nome acima a traducção: gallinha baixa.

Rio nasce na Cochilha do Espinilho, no mun. de S. Borja e corre para ONO. até se lançar no Uruguay, depois de um curso de 60 klms. *Cunha Lopes* o figura correndo para O., calcula seu curso em 50 klms. e colloca sua fóz junto com a do Manoha, isto é, no vertice do angulo formado pela grande curva que descreve o Uruguay entre a ilha de Mercedes e o Passo das Mulas. *Selbach*, o *C. Eng.* e *Jannasch*, se utilizaram dos elementos daquelle autor, que havia por sua vez recorrido a *C. Jacques*.

URUGUAY — c. *urugua-y*, o rio dos caramujos ou dos buzios. Rio, a nascente principal desta magestosa caudal é o rio *Canôas*, entretanto se o considera como tal o *Pelotas*, por se desprezar as condições excenciaes para se eleger a nascente de um rio. O nome *Uruguay* começa na confluencia dos dois cursos d'agua recém citados. O *Pelotas* tem origem na vrtente occidental da Serra do Mar a cerca de 900 metros de altitude e corre na direcção geral de O., descrevendo grandes curvas. São seus tributarios na margem riograndense:

1) *Rio das Contas*, nasce como o *Pelotas* e corre para NNO.; recebe pela m. e. os arroios das Barcas e Pulpito e pela esquerda o Divisa e o Ribeirão; seu curso é de 30 klms, segundo *DOP.* e o *C. Eng.*, *Jannasch* eleva ao dobro, isto é, 60 klms. e dá-lhe como tributario entre outros, os quatro arroios acima citados. *Coi.* e *Nie.* escreveram Rio Cantos e o figuraram como tributario do Cerquinha. *Cunha Lopes* os copiou.

2) *Silveira*, arroio, corre como o precedente, até sua fóz proxima ao Passo da Cadeia; seu curso é de 30 klms. *DOP.* o denomina, por engano, Cerquinha. *Selbach* dá-lhe um tributario pela m. d. que elle denomina Rio Invernadinha.

3) *Cerquinha*, corre tambem na direcção geral ONO. até sua fóz; *DOP.* calcula seu curso em cerca de 60 klms. e o confunde com o Touros. *Selbach* o avalia em 30 klms. e o *C. Eng.* em 28 aproximadamente.

4) *Touros*, corre como os acima referidos até sua fóz, junto ao Passo Santa Victoria. *DOP.* o confunde com o *Silveira* e calcula seu curso em 55 klms. O *C. Eng.* o avalia em 25; *Jannasch* em cerca de 43 e *Selbach* em 37½.

5) *Divisa*, corre tambem para ONO. até sua barra e como todos os acima referidos, rega o mun. de Bom Jesus. *DOP.* o figura nascendo por 2 galhos a cerca de 6 klms. ao N. da villa de Bom Jesus, e calcula seu curso em 62 klms. O *C. Eng.*,

colloca suas nascentes a 35 klms. a NNO. daquella villa e avalia seu curso em 20 klms.

6) *Sant'Anna*. Rio, marca em toda sua extensão parte dos limites entre Bom Jesus e Vaccaria. *DOP.* calcula seu curso em 95 klms. e dá-lhe como tributario pela m. e. o rio Soccorro, que *Jannasch* menciona como nascendo ao N. da villa da Vaccaria e tendo como affluente pela m. d. o Tres Lagões. *Selbach* faz o Soccorro desaguar directamente no Pelotas e calcula o curso do Sant'Anna em 45½ klms. e faz affluir-lhe pela m. d. um tributario que elle chama rio dos Guatis e que *Jannasch* denomina rio Quati e *Coí.* e *Nie* e *Cunha Lopes*, Quarteis. O penultimo autor citado calcula o curso do Sant'Anna em 75 klms. e o *C. Eng.* em 48 aproximadamente e considera o Soccorro como tributario directo do Pelotas.

7) *S. João*, nasce a NO. do povoado de S. Pedro, no mun. de Vaccaria, e corre para N. até sua barra depois de um curso de 22 klms. aproximadamente. *Selbach* o denomina Fachinal.

8) *Leão*, nasce por 2 galhos ao S. do povoado de S. Pedro e corre para N. até sua embocadura, depois de um curso que, o *C. Eng.*, *Selbach* e *Jannasch* calculam em 30 klms. e *DOP.* em 20.

9) *S. Joaquim*, rio, nasce por 3 galhos: Pontão, Pulador e Rabão, a cerca de 25 klms. ao N. da villa de Lagôa Vermelha e corre rumo do septentrião, até se lançar no Pelotas, 40 klms. acima da barra do Canôas. Tem como tributario pela m. d. o rio Bernardo José, contravertente do Santa Rita e que corre para NNE. em um percurso de 55 klms. *Cunha Lopes* o denomina Rio do Canal. *Selbach* o considera como tributario directo do Pelotas, tendo o S. Joaquim como affluente e *Coí.* e *Nie.* dão essas duas denominações ao curso d'agua em apreço e um tributario pela m. d. que elles chamam Lageado do Ruivo. *Jannasch* se utiliza desses dados. O Bernardo José marca parte dos limites entre Vaccaria e Lagôa Vermelha. O curso do S. Joaquim é para *Cunha Lopes* e *DOP.* de 50 klms. *Coí.* e *Nie.* calculam em cerca de 72.

O Uruguay depois da confluencia do Canôas com o Pelotas, corre para O., descrevendo grandes curvas, até o Salto Grande, com a velocidade media de 3 metros por segundo e encachoeirado. Ali se volta para SO. e começa sua zona de compensação bem caracterizada: leito mais largo, arenoso, pontilhado de ilhas, correndo com menos velocidade, as cachoeiras não interrompem de todo a navegação. Conserva a direcção acima até a barra do Quarahy, em que se inflecte para S. até formar com o Paraná o Rio da Prata. Desde o Salto Grande até a fóz do Ibicuihy, corre parallelamente ao Paraná. Serve de limite entre nosso paiz e a Republica Argentina, desde a

fóz do Peperiguassú até á do Quarahy. A extensão do curso do Uruguay em territorio brasileiro e brasileiro-argentino, isto é, desde a confluencia do Canôas com o Pelotas até a barra do Quarahy, ainda não está precisamente determinada. O *C. Eng.*, a calcula em cerca de 1030 klms.; *Selbach*, em 945; *Jannasch*, em 875; *DOP.*, em 865; *Cunha Lopes* e *L. Cunha*, em 860; *Coi.* e *Nie.*, em 855; no *Mappa das Estradas*, está avaliado em 845; *H. Mello*, em 840; *Bento Porto*, 760; *Min. Via.*, 600.

„O character geologico de todo o valle do Uruguay disse o illustre geologo inglez Nathaniel Plant, „que, alem dos depositos sedimentarios, é de grande interesse pelas suas rochas igneas, tem de ser para o futuro centro de grandes operações metallurgicas e mineraes. Os dois maiores depositos sedimentarios são compostos de grés que pertencem a duas épocas geologicas differentes, mostrando o da margem direita pertencer ao *vieux grés rouge* e ter soffrido subversão pela erupção das rochas igneas as quaes em muitas partes o penetrarão e partirão suas camadas, metamorphoseando-o em uma especie de quatrite. Este grés, por sua estrutura semi-crystalina e das contorsões de sua estractificação, não pode ser empregado nas construcções nem aberto em lages. O outro, que se estende mais pelo interior da provincia, é da mesma idade que as camadas de grés do arroio Candiota, podendo ser considerado como equivalente dos depositos triassic ou colitic de Inglaterra. Este grés soffreu pequenas contorsões por ter sido formado posteriormente á erupção das rochas igneas, conservando por isso a sua estratificação, o que permite que seja aberto em lages e empregado nas construcções. As rochas igneas citadas pertencem ás duas divisões das rochas porphyriticas — amphyboliticas, e encontram-se em diversas formas como diorite e trapps ou grundstein dos amphyboliticos e melaphyre, trachyte-porphytico, phenolite e basalto de pi-roxenico.“

Existem no Uruguay as seguintes ilhas pertencentes ao Brasil:

- 1) *Japejú*, na barra do Ibicuhy.
- 2) *Cruz*, proxima á barra do arroio desse nome.
- 3) *Palomas*, a 3 klms. de Itaquí e abaixo da fóz do arroio Pintado Pequeno.
- 4) *Quadrada*, pouco acima do Passo das Pedras.
- 5) *Butuhy Grande* e 6) *Butuhy Pequena*, na barra do Butuhy.
- 7) *Santa Luzia Inferior* ou *Oriental*, acima do Passo de Sant'Anna e do arroio Santa Luzia, e a 14 klms. abaixo do porto de S. Borja.

8) *Mercedes*, ilhas e ilhotas a 6 klms. abaixo da volta de Mercedes e do Passo das Mulas.

9) *Pequena*, acima do arroio de S. Lucas.

10) *Garruchos*, perto da povoação do mesmo nome.

11) *S. Lucas Pequena* ou *Ilha do Cordeiro*, entre o Passo dos Garruchos e a bocca do Piratiny.

12) *Taquaras Superior* ou de *Cima*, na bocca do Piratiny.

13) *Piratiny*, quatro ilhotas em frente a barra do rio deste nome.

14) *Santo Isidro*, grupo de ilhotas, pouco acima do passo desse nome.

15) *Santa Maria*, grupo de 3 ilhas e varias ilhotas na cachoeira do mesmo nome.

16) *Itacaruaré Grande* e seu grupo, a 3 klms. da ilha argentina Itacaruaré Chica.

17) *S. Xavier*, 3 ilhotas acima do Cerro Pellado.

18) *Comandahy*, grupo de ilhas pouco abaixo da fóz do rio desse nome.

19) *Grande* ou *Comprida*, acima da barra do arroio Ferreiro.

20) *Roncador*, recifes na cachoeira do mesmo nome.

21) *Bugres*, grupo de ilhas, a 3 klms. acima da embocadura do arroio dos Bugres.

22) *Biguá*, no rapido desse nome.

23) *Jacaré*, no rapido desse nome.

24) *Saltinho*, ilhotas e recifes na cachoeira desse nome, acima da barra do rio Santa Rosa.

25) *Buricá*, ilhotas na corrédeira desse nome.

Os tributarios na m. e. do Uruguay em territorio brasileiro são os seguintes:

1) *Lageado do Passo*, rega o mun. de Lagôa Vermelha e corre parallelamente á estrada que liga a séde desse mun. á de Campos Novos em Santa Catharina; tem a fóz proxima ao Passo do Barracão. *Selbach* o denomina Marmeleira e calcula seu curso em 33 klms.; *Cunha Lopes* e *DOP.* o avaliam em 40; *Jannasch* em 27; o *C. Eng.* confunde suas nascentes com as do S. Jeronymo e dá-lhe por isso 65 klms. de curso.

2) *Tigre*, nasce a cerca de 600 metros de altitude no mun. de Lagôa Vermelha e corre para N. até sua barra depois de um curso de 28 klms.

3) *Forquilha*, rio, nasce no Matto Portuguez, ao N. do Toldo Casseros, antiga Colonia Militar desse nome, e corre para NNO. até sua barra. Tem como afluentes: o arroio Passo Fundo que desce do lado occidental da villa da Lagôa Vermelha e corre para NNO. em um percurso de 22 klms. aproximadamente e recebe o Lageado Grande, com 18 klms. de exten-

são, correndo para NNO. avolumado pelo Ivo; Arroio Divisa, com o seu affluent Barreiro, correndo ambos para O. até se reunirem. *Jannasch* traça imperfeitamente o curso desses dois arroios e ao que figura como maior — dá o nome de Barreiro. Ao mais volumoso dos afluentes pela m. e. do Forquilha chama Rio do Matto Portuguez e *Selbach* o denomina S. João. *Coi.* e *Nie* calculam o curso do Forquilha em 132 klms.; *Cunha Lopes* em 122; *Jannasch* em 93; o *C. Eng.* em 60 e o figura correndo para N.; *DOP.* em 65; *Selbach* em 86.

4) *Lageado*, rio, nasce no Matto Castelhana com o nome de Lageado José Domingues e corre, precepitado, rumo N. até receber as aguas do arroio *Ligeiro*, que desce rumoroso do Campo do Meio, onde bróta por 2 grandes galhos: lageados *Taipas* e *Santo Antonio* e segue para NO. até sua confluencia com o José Domingues, desse ponto em diante a caudal com o nome de *Lageado*, rola até se lançar no Uruguay. E' mais conhecido hoje pela denominação de *Ligeiro*. *AXÓ.* denomina o José Domingues de — Rio do Peixe e o figura nascendo ao N. do Povinho da Entrada e d'ahi correndo para NNE. até receber o *Ligeiro*, voltando-se nesse ponto para N. até sua barra. Assim tambem figura na *Planta da Zona Colonizada* e na *Planta da Colonia de Erechim*. Marca os limites entre Erechim e Lagôa Vermelha. O *C. Eng.* o considera como nascendo no Campo do Meio e d'ahi correndo com o nome de *Ligeiro* para N. até sua barra. *DOP.* figura o Rio do Peixe como tributario do *Ligeiro*. E' avolumado por diversos e importantes cursos d'agua, figurando entre elles na m. e.:

a) *Rio do Peixe*, antigo José Domingues, que tem como afluentes pela m. d. o *Tijuco Preto*, o *Moinho* e o *Carreteiro*, correndo todos para NNO. e respectivamente com 10, 15 e 20 klms. de extensão. Os da m. e. são: *Butiazinho*, que *DOP.* denomina *Libiano* e o figura correndo de O. para L. em percurso de 10 klms. Na *Planta da Zona Colonizada* a direcção é para NE.; *Invernadinha*, seu curso é de cerca de 10 klms.; é avolumado pelo *Estanislau*, que lhe entra pela m. e.; *Caçador*, corre para L. em um percurso de cerca de 12 klms.; *Divisa*, *Theophilo*, correndo ambos como o precedente, porém, com 2 klms. o primeiro, e com 2½, o segundo; *Acampamento*, *DOP.* o chama, por engano, *Caçador* — bróta do lado oriental da estação Sertão e corre para O. em um percurso de 12 klms. Todos esses cursos d'agua regam o mun. de Passo Fundo; *Rio Bonito*, corre na direcção geral L., descrevendo uma grande volta; seu curso é de 20 klms., marca os limites entre Passo Fundo e Erechim; *Formigas*, corre a principio para NNE. e depois se inflecte para L., seu curso é de cerca de 15 klms.; *Engenho Velho*, corre para L. em um percurso de 4 klms; *Rio*

dos Índios, nasce por diversos galhos a NE. de Erebangó e corre para L. até sua embocadura; entre os galhos que o formam, figura o *Missel*, que desce da Estação de Erechim e banha o povoadó deste nome. O *Rio dos Índios*, a que *Jannasch* chama Herval dos Índios e *Cunha Lopes*, Herval simplesmente, é avolumado pelo *Lageado Branco* e pelo *Licinio*, a este *DOP.* chama Licidino. O curso do rio em referencia é de 25 klms. Este, como os demais mencionados, depois do Rio Bonito, regam o mun. de Erechim.

b) *Capoerê*, corre para N. até receber o arroio Ligeiro ahi se inflecte para NNE. até sua barra. Entre seus tributarios figuram: o *Ligeiro*, já referido, com cerca de 25 klms. e o *Caçador*, que deslisa entre a cochilha das Cobras e o cerro da Balisa, junto á estação deste nome, rumo de L. até sua barra, em um percurso de 15 klms. Recebe pela m. e. o Marcellino. Na *Planta da Colonia de Erechim*, figura sómente com 10 klms. de extensão, por ter sido considerado como tributario do arroio Ligeiro e na *Planta da Zona Colonizada*, seu nome foi substituído pelo de *Toldo*. Cunha Lopes o denomina *Espraiado*.

O curso do rio Lageado ou Ligeiro é de 150 klms. para *Coí.* e *Nie.*; de cerca de 200 para *AXO.*; o *C. Eng.* e *DOP.* calculam em 110; *Selbach*, em 112 aproximadamente e *Jannasch* em 110.

5) *Lageado Teixeira*, corre de SSO. para NNE, na encosta da Cochilha da Balisa, em um percurso de 17 klms.

6) *Lambedor*, vide este nome na descripção do mun. de Erechim. *Jannasch* o denomina Suzanna.

7) *Despraiado*, correndo como o precedente de S. para N.; seu curso é, segundo *DOP.* de 35 klms.; o *C. Eng.* o calcula em cerca de 30. *Selbach*, dá-lhe o nome de Dourado.

8) *Ariranha*, vide este nome na hydrographia de Erechim.

9) *Dourado* vide este nome na hydrographia de Erechim.

10) *Passo Fundo*, rio, nasce entre o Povinho da Entrada e a cidade de seu nome, á qual banha pela face oriental, e deslisa correntoso e apertado em estreito valle, rumo do N., até sua barra, proxima ao Passo do Goyo En, a 200 metros de altitude e aos 27° 16' de lat. S. e 9° 42' de long. O. do Rio de Janeiro. Esse passo raramente é vadeavel. O *Passo Fundo*, que tem matto forte embas as margens, é o *Uruguay Mirim* dos Jesuitas e dos Commissarios hespanhoes. Lozano ao descrever o Uruguay, disse com referencia a este rio: „Nasce con poco caudal y se divide en dos braços, de los cuales al austral llaman Uruguay Mini e al ceptentrional Uruguay Guaçú.“

São diversas as dimenções attribuidas ao seu curso: *AXO.*, dá-lhe cerca de 200 klms.; *Coí.* e *Nie.* calculam em 156 aproximadamente; *DOP.* em 150; *Jannasch* e *Selbach*, em 135;

Cunha Lopes e o *C. Eng.* em 130; *Vel. Silv.* em 127; *Prestes Guimarães*, em 120. O Passo Fundo, marca os limites entre o mun. seu homonymo e o de Erechim. São seus tributários pela m. d.:

a) *Estancia*, um dos galhos que o formam, corre para ONO., em um percurso de 17 klms.

b) *Miranda*, nasce a O. do Povinho do Meio e rumo para ONO. até sua barra, depois de um curso de 35 klms.

c) *Engenho*, pequeno curso d'água. *Jannasch* o figura como tributário do Butiá.

d) *Butiá*, corre para O. em um percurso de 9 klms.

e) *Fachineiro*, corre para ONO.; seu curso é de 10 klms. aproximadamente.

f) *Teixeira*, nasce do lado occidental da estação Sertão e corre para ONO. até sua confluência com o Facão, que desce rumo de O., com ligeira inclinação para OSO. — assim reunidos se lançam no Passo Fundo.

g) *Arroio do Meio*, corre na direcção geral de O.; seu curso é de 20 klms. *Jannasch* o denomina Estancia.

h) *Pinheiros Altos*, corre como o precedente em um percurso de 15 klms.

i) *Curuçú*, corre também de L. para O., seu curso é de 11 klms. aproximadamente. *Jannasch* o denomina Soros.

j) *Erechim*, vide este nome.

Pela m. e. entram no Passo Fundo:

k) *Palhano*, corre para NNE. em um percurso de 10 klms.

l) *Cedro*, corre para L. até sua fóz, depois de um curso de cerca de 10 klms.

m) *Bugre*, pequeno curso d'água correndo como o precedente.

n) *Sarandy*, vide este nome.

o) *Butiazinho*, corre para L. em um percurso de cerca de 7 klms.

p) *Rondinha*, corre para NNE.; seu curso é de 17 klms. aproximadamente.

q) *Divisa*, marca em toda a sua extensão, que é de 8 klms. os limites entre Passo Fundo e Palmeira.

r) *Papudo*, corre para ENE. em um percurso de cerca de 10 klms.

s) *Serrinha*, corre para L.; *DOP.* calcula seu curso em cerca de 9 klms. e *Selbach*, em 15. *Coi.* e *Nie.* o denominam Fundo.

t) *Taboão*, corre como o precedente em um percurso que *DOP.* calcula em 8 klms. aproximadamente. *Coi.* e *Nie.* o denominam Taboca.

u) *Lobo*, corre para L. até sua barra depois de um curso de 9 klms., segundo *DOP.*; *Selbach*, o calcula em 11 e pouco e *Coi.* e *Nie.* em 15 aproximadamente.

v) *Cerro*, pequeno curso d'agua, corre para L. *DOP.* o denomina *Cervo*.

x) *Tigre*, corre para NNE. e banha o Povoado de Nonohay; seu curso é de 20 klms.

11) *Nonohay*. Vide este nome. E' tambem conhecido por Lageado dos Indios.

12) *Iray*, é tambem conhecido por Mel, nasce nos Campos de Nonohay e corre para S. até sua barra, em um percurso de cerca de 80 klms. Em sua m. d. existem as afamadas fontes de seu nome, de aguas sulphurosas.

13) *Tainhas*, é tambem conhecido por Ariranhas; *Moraes Dutra* o denomina Rio Negro. Nasce como o precedente nos Campos de Nonohay, por 2 galhos e corre para N. até sua barra, depois de um curso de 18 klms., segundo *DOP.*; o *C. Eng.* o calcula em 30 aproximadamente. No *Mappa da Comarca de Palmas*, tambem figura com essa extensão. *Coi.* e *Nie.* o avaliam em 36 klms. e o figuram correndo para NNE.

14) *Varzea*, nasce a cerca de 600 metros de altitude a O. da cidade de Passo Fundo e corre para ONO. até o ponto em que recebe o arroio Zainos, em que, formando um angulo recto, se volta para N., direcção essa que conserva até sua barra, aos 27° 14' de lat. S. e aos 10° 12' de long. O. Tem matto abundante em ambas as margens, onde se encontram os mais bellos exemplares de nossa flora. Sua primitiva denominação era *Trigoti*, os Jesuitas e os hespanhoes, chrisamaram-no por *Uruguay Puitan* ou *Pitan*, denominação esta que pertencia ao actual Turvo, mas que aos ultimos convinha baralhar, para complicar as demarcações de limites e tirar partido disso, visto que pretendiam as divisas pelo Chapecó, o Pipiriguaçu de *Oyavird*. Os demarcadores portuguezes em 1789, o denominaram Rio da Picada. Sobre o assumpto diz o immortal *Rio Branco*, em sua erudita *Exposição*, apresentada ao Presidente dos Estados Unidos da America, em defesa dos direitos do Brasil, na questão das Missões; „O Governo brasileiro e a Missão Especial do Brasil não acceitam essa errada applicação do nome de *Mberuy*, inventada pelos commissarios hespanhoes depois de 1789; e não acceitam tambem a de *Uruguay Pitan*, erradamente applicada no mesmo mappa, ao antigo rio *Trigoti*, hoje rio da Varzea. São denominações adoptadas pelos hespanhoes em fins do seculo passado, mas repudiadas então pelos portuguezes e depois por todos os brasileiros que estudaram as demarcações.“

Varias são as dimensões attribuidas ao curso do Varzea: *Cunha Lopes*, o calculou em 190 klms.; o *C. Eng.*, em cerca de 180; *Jannasch*, em 175; *DOP.*, em 170; *Selbach*, em 161; no *Mappa da Comarca de Palmas* figura com 140 e *Coi.* e *Nie.* o avaliam em 138.

Tem como tributarios entre outros pequenos, que o engrossam em suas nascentes:

- a) *Engenho*, pequeno curso d'agua, correndo para O.
- b) *Coqueiros*, corre tambem para O., em um percurso de cerca de 8 klms.; banha a colonia de seu nome.
- c) *Turvo*, rio, corre para O., banhando os fertes terrenos das colonias Sarandy e Coqueiros; seu curso é de 55 klms., segundo *DOP.*; *Selbach* o calculou em 53; *Jannasch* em 33 e o chama Sepultura.
- d) *Tunas*, é o Jacutinga de *AXO.* e o Divisa de *Vel. Silv.* Marca parte dos limites entre Passo Fundo e Palmeira; corre para O. *DOP.* calcula seu curso em 25 klms. e *Selbach* em 30.
- e) *Lageado Grande*, nasce a cerca de 600 metros de altitude, nos Campos do Bugre Morto e corre na direcção geral SSE.—NNO., em um percurso que *Jannasch* calcula em 52 klms. aproximadamente; *DOP.* em 40 e o *C. Eng.* em cerca de 58, por ter tomado para seu galho principal o seu maior tributario pela m. e. *Selbach*, o traça imperfeitamente, fazendo-o descrever um arco, cujas pontas estão voltadas para o N.

Pela m. e. affluem ao Varzea:

- f) *Arroio Grande*, corre para NNE., cerca de 15 klms.
- g) *Engenho*, corre como o precedente; seu curso é de cerca de 20 klms.
- h) *Umbú*, vide este nome.
- i) *Saino*, corre para NNE., em um percurso de 15 klms., segundo *Jannasch*; *DOP.* o denomina Zainos e calcula seu curso em 10 klms.
- j) *Gurys*, vide este nome. *Jannasch* escreveu Goy e *DOP.* Guys.
- k) *Taipa*, corre na direcção geral L. até sua barra pouco acima da do Turvo e proxima á Colonia do Boi Preto, depois de um curso de 16 klms. aproximadamente.
- l) *Macaco*, nasce ao S. da villa da Palmeira e corre a principio para NNE. e depois se volta para L. até se lançar no Varzea; seu curso é de 25 klms. *Oct. Far.* o denomina Engenho.
- m) *Lageado Grande*, corre para NE., em um percurso que contrasta com seu nome, pois attinge apenas a cerca de 10 klms.
- n) *Jaboticaba*, vide este nome.
- o) *Braga*, corre para NNE. até sua fóz, depois de 24 klms. de curso aproximadamente, segundo *Jannasch*; *DOP.* o calcula em 20.

p) *Ourives*, corre como o precedente em um percurso de 15 klms.

15) *S. João*, corre para N. até receber o Despraiado, ahi se inflecte para NNO. até sua barra, proxima ao Passo da Bôa Esperança; seu curso é de 20 klms. *DOP.* o denomina Peixes Mortos e *Moraes Dutra* o chamou Rio da Graça.

16) *Rio Pardo*, corre para N. até sua barra depois de um curso de 30 klms. recebe pela m. d. as aguas do *Deposito*, que na *Planta da Zona Colonizada*, figura como tributario directo do Uruguay. No *Mappa da Comarca de Palmas*, figura com cerca de 95 klms. por se confundirem ahi suas nascentes com as do *Fortaleza*.

17) *Guarita*, nasce a cerca de 600 metros de altitude, nos Olhos d'Agua, 9 klms. a SSO. de Palmira e corre na direcção geral NNO. até sua fôz aos 23° 13' de lat. S. e aos 10° 43' long. O. E' orlado de matto em ambas as margens. *Moraes Dutra*, o denominou Rio dos Macacos. Os demarcadores de 1759 chamarm-no Uruguay Puitan e os hespanhoes, em 1788, de industria, o chrisamaram com o nome de *Mberuy* e não *Albery* como dizem alguns autores.

„O nome *Mberuy*,“ diz *Rio Branco*, „applicado ao Uruguay Pitã dos demarcadores de 1759 e o de *Uruguay Pitã* transferido, para um mais oriental que tinha o nome de *Trigoti*, e a que os portuguezes chamavam *Rio da Picada* — hoje Rio da *Varzea*, são creações dos commissarios hespanhoes muito posteriores ao segundo tratado, de 1777.“

Ao curso do Guarita tambem são attribuidas diversas dimensões: O *C. Eng.* o calcula em cerca de 120 klms.; No *Mappa da Comarca de Palmas*, figura com 110; *DOP.* tambem dá-lhe essa extensão; *Coi.* e *Nie* e *Selbach*, 108; *Cunha Lopes*, 105 e *Jannasch* 102. Tem proximo ás suas nascentes, por uma e outra margem, diversos tributarios de pouca importancia. Entre os da m. d. se salientam o *Antonio José*, correndo para NNE. em um percurso de 15 klms. o *Herval Secco*, com cerca de 13, correndo a principio para N. e depois para O.; forma ao se lançar no Guarita o rincão de seu nome; *Caçador*, corre para NNE. em um percurso de cerca de 12 klms. e o *Rio da Fortaleza* que nasce ao N. da villa da Palmeira e corre rumo geral do Septentrião até receber o Herval, ahi se inflecte para NNE. e em seguida se lança no Guarita, formando o rincão de seu nome. *Coi.* e *Nie.* o registaram, erradamente, como tributario directo do Uruguay e em quasi todos os mappas que depois appareceram assim figura, entre esses mappas se acham o de *C. Jacques*, que se serviu dos dados do primeiro autor citado e o de *Cunha Lopes*, que copiou o segundo autor referido; o que acompanha as *Missões Orientaes* e recente-

mente o do *C. Eng., Jannasch*, não obstante ter reproduzido o mappa de Cunha Lopes, enriquecendo a nomenclatura das zonas colonizadas pelo elemento germanico, o menciona como tributario do Guarita e calcula seu curso em 55 klms. *DOP.* dá-lhe mais 10 klms. e *Selbach* o reduz a cerca de 52. Tem 2 quedas d'agua: uma a 15 klms. depois de suas nascentes e a segunda a cerca de 11 klms. abaixo da primeira. Seu tributario Herval corre para NNE. em um percurso de 8 klms.

Pela m. e. affluem ao Guarita, diversos e pequenos tributarios, visto correr em estreito valle, salientado-se entre elles os arroios *Barreiro* e dos *Indios*, ambos com cerca de 10 klms. de curso.

18) *Pary*, vide este nome.

19) *Calixto*, corre de S. para N. em um percurso de 20 klms.

20) *Turvo*, é tambem conhecido por *Cebolaty* e *Ferro*. Nasce no rincão da guarita a cerca de 600 metros de altitude, aos 27° 59' 13" 8 de lat. S. e aos 10° 22' 30" de long. O. Corre a principio para O. e depois para N., banhando o toldo de Inhacorá e os terrenos de Campos Novos, que lhe ficam na margem occidental e voltando-se novamente para O. se lança no Uruguay. Em seu curso medio sua largura é de 70 metros mais ou menos. *Moraes Dutra* o denominou Rio Claro. E' o antigo *Uruguay Pitán*. Os demarcadores de 1759 o denominaram *Paricay*, ou *Piracay* conforme se vê do *Diario* da Comissão Mixta e os de 1789 chamaram-no *Cebolaty*, como é ainda hoje conhecido.

No mappa de *Bellin*, de 1751, figura com o nome de *Uruguay fosta*. Sobre esta denominação escreveu *Rio Branco*: „O *Uruguay Puitã* do Mappa das Côrtes apparece no de *Bellin* com o nome de *Uruguay fosta* em vez de *Uruguay Puitã*.“

Tem o Turvo duas quedas d'agua: uma a cerca de 37 klms. alem de sua cabeceira e a outra a 15 klms. abaixo da primeira. O curso deste rio foi calculado por *Coi.* e *Nie.* em 126 klms. No *Mappa da Comarca de Palmas* figura com 125, extensão essa que tambem lhe é dada pelo *C. Eng.* e *Cunha Lopes*. *DOP.* e *Jannasch* avaliam em 110 klms.; *C. Jacques* em 108 e *Selbach* em 82 apenas. Tem como tributarios pela m. d. entre outros:

a) *Turvinho*, corre na direcção geral de O., descrevendo grandes curvas em um percurso de 15 klms.

b) *Fanchinal*, correndo na mesma direcção do precedente, porém, com cerca de 10 klms. de extensão.

c) *Braga*, corre como os dois acima referidos, de L. para O., seu curso é de 15 klms.

d) *Gravatá*, vide este nome.

Os tributarios da m. e. são cursos d'água sem nenhuma importancia, salientado-se entre elles o S. Sebastião.

21) *Arroio Franco*, corre de S. para N. em um percurso de 10 klms. aproximadamente.

22) *S. Francisco*, corre para NNO. em um percurso de 15 klms. *Jannasch* o denomina *Arroio Chico*. Tem como tributario o S. João.

23) *Felisbertó*, corre para N.; tem como tributario pela m. e. o Salto.

24) *Herval Grande*, nasce no Campo Novo a NNO. do povoado desse nome e corre para N. até sua barra. *Moraes Dutra* o denominou S. José. E' o Yriboba dos Jesuitas; o Cavacuá Guacú, dos demarcadores de 1759 e 1788. *Coi. e Nie.* e *Cunha Lopes* calculam o curso deste rio em 55 klms. aproximadamente; *C. Jacques* e o *C. Eng.* em 50, extensão esta que figura no *Mappa da Comarca de Palmas*. *DOP.* attribue-lhe 40 klms.; *Selbach* 37 e *Jannasch* 35.

25) *Inhacorá*, vide este nome. *Moraes Dutra* o denominou Rio Negro.

26) *Santa Rosa*, nasce no mun. de Santo Angelo a mais de 250 metros sobre o nivel do mar, proximo ás vertentes do Buricá, corre na direcção geral de N. descrevendo grandes curvas até sua barra, pouco acima da ilha Jacaré. *Moraes Dutra* o denomina Rio dos Cachorros. E' o *Nhacorá* dos Jesuitas e o *Mbutuhy* dos demarcadores de 1759. *DOP.* calcula seu curso em 95 klms.; *Jannasch* em 87. *Coi. e Nie.* em 82; no *Mappa da Comarca de Palmas*, figura com 80; *Cunha Lopes*, *Selbach* e o *C. Eng.* em 70 e *C. Jacques* o avalia em 78 aproximadamente.

Entre seus tributarios figuram os seguintes, segundo Resende, pela m. d.: Tigre, Bordado, Quarahy, Morangueira, Tucunduva, Baptista, Gateadas, Limoeiro e Toros e pela m. e.: Lageado, Binito, Mina Tunas, Tigre, Capim, Capoeira, Candeia, Esperança, Monteiros e Capivara.

27) *Jacaré*, corre para N. até se lançar no Uruguay, em frente á ilha de seu nome, depois de um curso de 25 klms.

28) *Santo Christo*, nasce nos campos de seu nome e corre na direcção geral S.—N. até sua barra. E' o *Pindahy Mini*, dos demarcadores de 1759. Tem como tributarios pela m. d. os arroios Pecegueiro, Portella, Metal, Manoel Antonio, Ponte Alta e Ponte Baixa e pela esquerda diversos insignificantes.

29) *Vacutinga*, corre para NNO. até sua barra, depois de um percurso de 12 klms. aproximadamente, segundo *Jannasch*. *DOP.* o avalia em cerca de 7.

30) *Murcielago*, arroio, insignificante, corre como o precedente em um percurso de 10 klms.

31) *Bôa Vista*, rio, nasce nos campos das Vacas Brancas e corre na direcção geral de NNO. até sua barra. *Selbach* o figura nascendo ao S. do povoado 14 de Julho no mun. de Santo Angelo e calcula seu curso em 56 klms.; o *C. Eng.* dá-lhe também aproximadamente essa extensão. *DOP.* o figura correndo a principio para O. e depois para NNO. e avalia seu curso em 42 klms. *C. Jacques*, dá-lhe 23 klms.; *Cunha Lopes*, 20; *Jannasch*, 32 e *Coi.* e *Nie.* cerca de 19 apenas.

„Logo acima da sua fóz, á m. d. do Uruguay eleva-se o Cerro do Monge, o cero mais alto da região, sobre o qual durante alguns annos civeu um missionario italiano.

Legua e meia abaixo desta bocca o campo apresenta-se em estreita lingua até junto ao rio: forma pela m. e. do rio o remate norte dos campos do Cerro Pellado, que desde ahi até o Passo do Quaresma, forma uma estreita facha de 10 legoas de extensão, parallelamente ao Ijuhy Grande. Ahi fica o Passo de S. Xavier, hoje pouco frequentado caminho para Corrientes, cujo nome foi dado em homenagem á Missão de S. Xavier, situada no territorio argentino, $\frac{1}{2}$ legoa distante da m. d. do Uruguay. O campo estende-se pela m. e., depois de ter desdobrado até a barra do Ijuhy Guassú.“ (*Max. Beschoren*).

32) *Comandahy*, vide este nome. E' o *Iguararapé* dos Jesuitas, o *Tabaty* do seculo XVII e o *Itapúa* dos demarcadores de 1759 e o *Mbutuhy*, do seculo XIX.

33) *S. Xaveir*, arroio, desce do Cerro Pellado, rumo geral do N., até sua barra junto ao porto de seu nome, depois de um curso de 20 klms. Banha o nucleo colonial Cerro Pellado e o povoado de seu nome.

34) *Ijuhy*, vide este nome.

35) *Santa Maria*, arroio, corre na direcção geral de NNO. em um percurso de 20 klms. até sua fóz, pouco abaixo do passo de seu nome, segundo *Jannasch* e *DOP.*; *Cunha Lopes* o figura correndo a principio para N. e depois para NO. e calcula seu curso em cerca de 15 klms. *Coi.* e *Nie.* em 12 aproximadamente.

36) *Piratiny*, vide este nome.

37) *S. Lucas*, corre para O., dividindo os campos de seu nome dos de S. João; seu curso é de 18 klms., segundo *Jannasch*; *Coi.* e *Nie.* avaliam em 13 aproximadamente e o *C. Eng.* em 10.

38) *Manoha*, vide este nome.

39) *Urucutahy*, vide este nome.

40) *Camaquam do Norte*, vide este nome.

41) *Estiva*, corre para O. em percurso de 12 klms. forma com o Camaquam o rincão desse nome.

42) *Santa Luzia*, corre para O. em terreno paludoso até se lançar no Uruguay, pouco acima do passo de seu nome, depois de um percurso de 17 klms.

43) *Sant'Anna*, corre na direcção geral de O. até sua barra, pouco abaixo da ilha de seu nome, depois de um curso de 20 klms.

44) *Juquery*, vide este nome.

45) *Sanga da Olaria*, corre para SO. entre o capão Alto e o do Aguahy, ficando este proximo á sua barra; tem como tributario a sanga do Aguahy.

46) *Sanga Grande*, nasce no capão da Fazenda do Mineca e corre para SO. até a sua barra, depois de um curso de 7 klms.

47) *Butuhy*, vide este nome.

48) *Passo das Pedras*, vide este nome na hydrographia de Itaquí.

49) *S. João*, nasce na Cochilha do Rincão da Cruz e corre para O. em terreno baixo e pantanoso; seu curso é de 12 klms.

50) *Pintado Grande*, 51) *Pintado Pequeno*, vide estes nomes na hydrographia de Itaquí.

52) *Cambahy*, vide este nome.

52) *Cerro*, 54) *Olaria*, 55) *Cruz*, 56) *Sanga da Divisa*, 57) *Restinga*, 58) *Santa Maria*, 59) *Larangito*, 60) *Franquia*. Vide estes nomes na hydrographia do mun. de Itaquí.

61) *Ibicuhy*, vide este nome.

62) *Japejú*, vide este nome.

63) *S. Marcos*, corre para O. em um percurso que *Coi.* e *Nie.* avaliam em cerca de 13 klms.; o *C. Eng.* em 15; *DOP.* em 7 apenas.

64) *Sanchorry*, desce da vertente occidental da Cochilha de Japejú e corre na mesma direcção do precedente, seu curso porém, é de 22 aproximadamente. Supomos que seja o *Tapechai* de *S. Leopoldo*.

65) *Sanga do Carneiro*, nos trabalhos da C. G. G. B. figura como o nome de Palmito; seu curso é de cerca de 8 klms.; corre de L. para O.

66) *Toro Passo*, vide este nome.

67) *Imbaha*, vide este nome.

68) *Riacho*, pequeno curso d'agua, correndo de L. para O. E' o *Yatahy* de *DOP.*

69) *Salso*, correndo como o precedente, tem sua fóz logo acima da cidade de Uruguayana.

70) *Pacú*, corre para O. em um percurso de 6 klms. aproximadamente, segundo *Coi.* e *Nie.* E' o *Mendes* de *DOP.*; tem a fóz em frente á ilha de seu nome que pertence á Republica Argentina.

71) *Itapitocay*, vide este nome.

72) *Bonito*, nasce no paralelo de 29° 50' e corre a principio para N. e ao receber seu segundo tributario pela m. d. se inflecte para NNO. e penetra em seguida em terreno pantanoso, seu curso é de 6 klms., segundo os dados da C. G. G. B. *DOP.* e o *E. Eng.* dão-lhe cerca de 10 klms. de extensão.

73) *Sujo*, é o antigo Ararupá, corre para O. descrevendo curvas até sua fóz; é bordado de matto em ambas as margens, desde o ponto em que recebe o terceiro tributario pela m.d.; seu curso é de 13 klms.

74) *Ibirapuitan*, vide este nome. O *C. Eng.* o denomina Guirapiba e *Coi.* e *Nie.* Sant'Anna Velha. E' conhecido tambem por Guarapuitan.

75) *Mineiro*, corre para NNO. até receber o primeiro tributario pela m. d., ahi se inflecte para O.; tem matto em ambas as margens desde que recebe o primeiro tributario pela m. e.; seu curso é de 5 klms.

76) *Arroio do Tenente Rodrigues*, hoje mais conhecido sómente pelo ultimo nome — *Rodrigues*, corre para O. em um percurso que *DOP.* calcula em cerca de 7 klms.

77) *Guterres*, pequeno curso d'agua, corre como o precedente.

78) *Arroio dos Porcos*, é formado por diversos galhos na Cochilha do Pay Passo, de onde desce, descrevendo curvas rumo de O., até sua barra, depois de um curso de 20 klms.

79) *Estocadeiro*, corre tambem para O.; *Coi.* e *Nie.* calculam seu curso em cerca de 13 klms. e *DOP.* em 5 apenas.

80) *Restinga*, pequeno curso d'agua.

81) *Quarahy Chico*, vide este nome.

URUGUAYANA — Palavra hybrida, c. *urugay* (s. guarani) + *ana* (corr. *Anna*, nome de mulher em portuguez, tirado da primitiva denominação daquella localidade que era Sant'Anna do Uruguay).

Importante municipio situado no valle do Uruguay, entre os parallelos de 29° 32' e 30° 18' de lat. S. e os meridianos de 13° 10' e 14° 15' de long. O., do Rio de Janeiro. Seu territorio pelo alvará de 1809, que dividiu o Rio Grande do Sul em 4 municipios, pertencia ao de Rio Pardo. Com a creação do mun. de Alegrete em 1831, passou a fazer parte desse mun., constituindo seu 2.º districto administrativo. A séde é na cidade do mesmo nome fundada em 1839, pelo Governo da Republica Riograndense, e que assenta em uma colina a cerca de 77 metros de altitude, fronteira á cidade argentina de los Libres.

E' da interessante obra de *Vell. Silv.* „As Missões Orientaes“, o seguinte historico da fundação dessa bella e futura cidade: „Tendo o governo republicano conseguido

assenhorar-se de toda a margem esquerda do Ibicuhy e por vezes sido obrigado a ter seu assento em Bagé ou em Alegrete, tratou de formar uma povoação sobre a margem esquerda do Uruguay, mesmo porque era essa uma estensa linha de fronteira, por onde o contrabando livremente penetrava em territorio brasileiro.

Com effeito nessa margem, e em local proximo á confluencia do arroio Guarapuitan, estabeleceu-se um acampamento militar e uma agremiação de ranxos; quasi nenhuma casa de materiaes. Não havia uma capella mas o povoado chamava-se Sant'Anna. Não é bem certa a data da fundação desse nucleo; mas pôde-se affirmar que era bem novo, quando em 1839, appareceu a idea de transferi-lo para melhor local. Isso não podia fazer-se sem authorisação do governo dominante, o republicano, ao qual o povo fez chegar o seu appello por intermedio do fazendeiro Joaquim dos Santos Prado Lima, chefe de policia de Alegrete. Accumulava as pastas da Fazenda e do Interior o tenente coronel Domingos José de Almeida, um dos caracteres mais integros, que tomaram parte nesse governo e a quem o mencionado Prado Lima officiou, em 30 de janeiro de 1840, indicando o espaço comprehendido entre os arroios Imbaba e Salso, o do Sul da actual cidade.

Sabendo disso o general Bento Manoel Ribeiro dirigiu-se, a um tempo, a Prado e ao ministro Almeida, indicando, como melhor terreno, a parte do rincão de Sant'Anna, na colina proxima á fóz do Itapitocay. Em 13 e 15 de abril desse anno ambos officiarão, no mesmo sentido, ao referido ministro; mas nada foi decidido por causa das operações do exercito, como declarou Almeida em aviso de 23 de maio, expedido de Caçapava.

Entretanto as enchentes do Uruguay e do arroio Guarapuitan obrigaram o inspector José Pinto Cezimbra e o juiz de paz Theodolino de Oliveira Fagundes a representarem de novo áquelle ministro, que, por aviso de 10 de novembro, autorizou áquelle juiz de paz a adquirir meia legoa de terreno, em qualquer dos dois indicados logares, demarcar e distribuir os terrenos para as edificações. Ainda o juiz de paz nada conseguira fazer, quando o ministro Almeida recebeu uma terceira indicação de Bento Manoel, para ser preferido o terreno á margem do Uruguay e fóz do Ibicuhy, do lado do Sul. Era de notar, como vacilava o homem, melhor do que ninguém, conhecedor da campanha e fronteira do Rio Grande do Sul.

Nomeou o ministro uma comissão composta do novo chefe de policia Manoel Ribeiro de Moraes, Luiz Ignacio Jacques, Manoel Joaquim Bueno, Manoel Alves dos Santos (que vieram do Alegrete) João Gomes Jardim, José Rufino dos

Santos Menezes, Leonardo d'Avilla, Francisco José Dias e José Pinto Cezimbra (sob a presidencia do primeiro) para, depois dos exames necessarios, indicarem o local. Fizeram-no opinando pelo extremo Oeste da sesmaria de Manoel Joaquim do Couto e portanto o local da actual cidade. De tudo isso lavrou-se uma acta e esta acompanhou o offlcio ao general Canabarro, em 28 de outubro de 1841.

Levado esse parecer ao conhecimento do ministro Almeida, este pensou logo em ouvir a respeito a opinião de um profissional o engenheiro José Maria Pereira de Campos, a quem expediu aviso e instrucções em 18 de novembro de 1842, pela preferencia da margem do Uruguay e esquerda do Itapitocay, ahi balisou o terreno e levantou a planta da povoação.

Talvez por que isso desgostasse pessoas influentes, que desejavam fosse outra localidade, o governo republicano submetteu essa medida á assembléa legislativa e esta autorizou o governo a fundar a povoação nas terras de Manoel Joaquim do Couto, sendo expedido o decreto n.º 21 de 24 de fevereiro de 1843, que creou, no local actual da cidade, uma capella e marcou as divisas da povoação.

Ao tempo da pacificação a parochia contava mais de 100 casas habitadas, um grande desenvolvimento commercial, chamava-se Sant'Anna do Uruguay, pelo que a primeira assembléa legislativa provincial do Rio Grande do Sul, depois da pacificação da guerra civil, dáva-lhe a categoria de villa, resolução essa que, pelo vice-presidente Patricio Correa da Camara, foi sancionada e publicada como lei sob n.º 59 de 29 de maio de 1846.

Pelo artigo 2.º dessa lei era tambem creada a parochia com o orago já existente, tendo a villa o nome de *Uruguayana*, nome lembrado por Almeida, ex-ministro da revolução.

Os limites do mun. são actualmente os seguintes: Ao N. com o mun. de Itaqui, pelo rio Ibicuhy desde o ponto em que recebe o Ibirocay até sua fóz no Uruguay; a O. com a Republica Argentina, pelo rio Uruguay, desde o ultimo ponto referido até a barra do Quarahy; ao S. com a Republica Oriental do Uruguay, pelo ultimo rio citado desde sua embocadura até o ponto em que recebe as aguas do Garupá e por este rio a L. com o mun. de Quarahy, conforme já ficou referido e com o mun. de Alegrete, pelo Ibirocay, em toda sua extensão.

O territorio de Uruguayana é em geral plano; a Cochilha de Sant'Anna o atravessa de SE. para NO. e desprende dois galhos que tomam as denominações de Japejú e Pay Passo.

„Os terrenos,“ diz *Oct. Far.*, „são compostos de rochas pertencentes ao grupo dos porphyros amphibolicos e pyroxenicos, que appareceram na formação das rochas sedimentarias do

periodo secundario e terciario inferior. As rochas vulcanicas que apparecem como eruptivas e que atravessam os porphyros consistem principalmente em dióritos, basaltos e trachytos. As varzeas são alluviões quaternarias." Quanto ao ponto de vista agrológico as suas terras são selico-argillosas, argillo-calcareas. Seus campos são excellentes e se acham povoados de gados das mais reputadas raças. Sua principal industria é a pecuaria. As teras marginaes do Ibicuhy, são boas para a agricultura que se acha ainda atrasada neste mun., com excepção da cultura da vinha, que vem sendo ha annos tratada com especial cuidado e excellentes resultados.

Posição astronomica — São as seguintes as coordenadas da cidade e de outros pontos do municipio:

Cidade, igreja matriz	29° 45' 22" 62	lat. S. e	13° 54' 51" 34	long. O.
Toro Passo	29° 45' 58" 75	" " "	13° 20' 52" 55	" "
Japejú	29° 30' 03" 70	" " "	13° 28' 37" 44	" "
Bôa Vista	29° 52' 31" 04	" " "	13° 40' 00" 15	" "
Guapitanguy	30° 03' 12" 83	" " "	13° 52' 36" 04	" "
Maximino Machado	29° 55' 17" 49	" " "	14° 00' 04" 92	" "

Hydrographia — O systema hydrographico deste mun. pertence á bacia occidental do Estado ahi representada pelo collecter de todas as aguas dessa bacia e pelos seus affluentes desde o Ibicuhy até o Quarahy, já descriptos e pelos tributarios dos dois ultimos rios citados, tambem já descriptos. Vide seus nomes. Entre as suas lagôas figuram a da Musica e a de Victor Paes.

Passos — Sobre o Quarahy: os do Leão, Juquery e Ramos; no Uruguay: os de Sant'Anna Velha, Aferidor e S. Marcos; no Ibicuhy, o de Santa Maria; no Ibirocahy: o do Vahy, da Lagôa e dos Mouras; no Toro Passo: o Real, da Lagôa e do Cemiterio; no Imbaha: o Real e o dos Coutos; no Garupá: o do Puy; no Cayboate e no Itapitocay, os desses nomes.

Clima — E' este mun. dotado de bom clima, não obstante ser um pouco variavel. A temperatura maxima absoluta observada no decennio de 1912 a 1921 foi de 41 em 22 de janeiro do ultimo anno do decennio referido e a minima de — 2,4 em 22 de junho tambem desse anno. Os maiores calores foram registados nos mezes de janeiro e dezembro e os frios mais intensos de junho a agosto, e em 1912 em setembro. A media no verão, foi de 24,8; no outono, de 20,2; no inverno de 13,4; na primavera de 19,1, o que dá para o anno 19,4.

A media da altura das chuvas no referido decennio foi em m/m. de 359,0 no verão; 485,1 no outono; 241,1 no inverno; 341,1 na primavera, ou seja a media annual de 1399,3.

O municipio de Uruguayana que é parte integrante do Estado do Rio Grande do Sul, pertence ao 5.º Districto Eleitoral; constitue uma comarca judiciaria creada em 29 de março de 1875 e cuja séde é a do mun., que tambem o é da Diocese de Uruguayana, á qual estão subordinados os municipios de Alegrete, D. Pedrito, Itaqui, Livramento, Quarahy, Rosario, Santo Angelo, S. Borja, S. Francisco de Assis, S. Gabriel, S. Luiz, Santiago do Boqueirão, S. Vicente e Uruguayana. E' constituído por 6 districtos administrativos e igual numero de judiciarios: 1.º Uruguayana, creado pela lei provincial n.º 58 de 29 de maio de 1846, em 1922 contava 22.404 habitantes; 2.º Quarahy, com 2903 hab.; 3.º Caiboaté, com 2163 hab.; 4.º Japejú, com 1660 hab., creados, os 3, pelo acto municipal n.º 2 de 30 de outubro de 1901; 5.º Jequiquá, creado pelo acto municipal n.º 3, de 2 de janeiro de 1901, com 1558 hab.; 6.º Ipané, com 1552 hab., creado pelo acto municipal n.º 5 de 2 de janeiro de 1913.

O movimento do registo civil no anno de 1922 foi o seguinte:

População em 31-12-22	Nasciment.	Obitos	Casamentos	Natalidade	Nupcialid.	Mortalidade
32.240	944	517	123	27,91	3,84	16,03

Sendo a área do mun. de 6686 klms.², a densidade da população era, portanto, de 4,83 por klm.².

Esse movimento está assim distribuido pelos districtos administrativos:

Districtos	Nascimentos	Casamentos	Obitos
1.º	654	94	442
2.º	66	8	19
3.º	50	6	17
4.º	82	5	25
5.º	38	6	6
6.º	54	4	8
Somma . .	944	123	517

No recenseamento de 1890 foram encontrados 11.352 habitantes, sendo 5875 homens e 5477 mulheres.

No de 1900, foi constada a existencia de 23.194 habitantes assim distribuidos:

Districtos	Homens	Mulheres	Total
1.º	6.629	7.009	13.638
2.º	1.716	1.532	3.248
3.º	1.490	1.354	2.843
4.º	1.745	1.720	3.465

Essa população foi assim discriminada:

BRASILEIROS				EXTRANGEIROS																Total					
Natos		Naturalizados		Allemaes	Argentinos	Austro-Hungaro	Belga	Francez	Hespanhol	Italiano	Portuguez	Paraguay	Diversos												
H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M								
9.331	9.898	36	4	17	7	577	570	6	4	3	1	57	26	152	85	272	85	24	3	43	33	1032	935	11.580	11.614

O movimento do registo civil em 1900, foi o seguinte:

Districtos	População	Nascimentos	Casamentos	Obitos
1.º	13.638	607	70	386
2.º	3.248	86	11	39
3.º	2.843	76	7	23
4.º	3.465	91	17	42
5.º	0.000	43	6	10
Somma . .	23.194	903	111	490

O numero de predios existentes no mun. em 1920 era de 1580, que se elevou para 1827 em 1921 e para 1870 em 1922 e finalmente em 1923 para 1890, dando assim uma media de 12 habitantes por predio, que é exagerada e evidencia imprecisão na estatistica das habitações.

O numero de vehiculos existentes em 1923 era de 527, assim discriminados:

Automoveis de passageiros	56
Carretas de 4 rodas	47
„ de 2 rodas	18
Carros de 4 rdoas	60
Carroças de 2 rodas	34
Deligencias de 2 rodas	17
Jardineiras	295

A população pecuaria calculada para 1923 foi a seguinte:

Especie	Quantidade	Valor
Bovinos	384.600	41.973:100\$000
Equinos	45.000	2.700:000\$000
Muare	5.000	500:000\$000
Suinos	12.800	422:400\$000
Ovinos	560.200	13.292:400\$000
Caprinos	2.600	26:000\$000
Total	1.010.200	58.913:900\$000

Entre os productos agricolas figuraram na safra de 1923—1924, milho feijão trigo e batata ingleza, respectivamente, com 3600, 600, 600, 20 e 140 toneladas.

No quadro da tributação territorial do Estado em 1921, Uruguayana figura entre os municipios do primeiro grupo, isto é, entre os que tem área de mais de 600.000 hectares, da seguinte forma:

Numero de proprietarios	Area em hectares	Valor venal	Valor medio
1775	664.768	74.568:908\$	112\$172

A receita e a despesa do mun. em 1921 foi a seguinte:

Saldo de 1920	Receita		Total	Despesa		Total	Saldo para 1922
	Ordinaria	Extraordin.		Ordinaria	Extraordin.		
12.481\$	637:925\$	11:400\$	661:806\$	503:947\$		503:947\$	157:859\$

Vias de comunicação — O municipio está ligado por via ferrea á capital do Estado e á S. Borja e ao seu 2.º districto administrativo, cuja séde é no povoado de Quarahy, proximo á barra do rio desse nome. Cortam-no diversas estradas de rodagem. O Uruguay e o Ibicuihy. são ahi navegaveis e põem-no em comunicação com os municipios vizinhos e com as cidades argentinas de Libres, Alvear e Santo Thomé.

A estação do telegrapho em Uruguayana que é de 1.ª classe, dispõe de 1 aparelho Baudot e 2 Morse simples e pertence ao 18.º Distrito Telegraphico.

Em 1923 transmittiu 28.871 telegrammas com 703.272 palavras e recebeu 24.337 com 288.164 palavras. A receita foi de 55:767\$590 e a despesa de 63:233\$093. A renda do serviço official attingiu a 52:734\$120.

Em 1923 existiam no mun. 40 estabelecimentos de ensino, sendo 1 collegio elementar, 4 escolas isoladas, 19 escolas subvencionadas pelo governo do Estado, 8 escolas municipaes e 8 particulares.

Eis um quadro sobre a instrucção no municipio:

População do municipio	População escolar	Alumnos matriculad.	Coefficiente da pop. escolar por 1000 hab.	Alumnos matr. por 1000 hab.	Alumnos matr. para 1000 em idade escolar	Alumnos matr. em relação a área do municipio
32.240	6.416	2.380	197	39	370	0.3 por Klm. ²

Pelo quadro acima se verifica que o mun. occupa o 60.º lugar em numero de alumnos matriculados por 1000 habitantes e o 51.º em relação a área do municipio, isto é, por klm.².

Imprensa — O jornal mais antigo de que temos noticia neste mun. é o *E'co de Uruguayana*, que appareceu em 1876. O *Guarany* é tambem desse anno, desapareceu em 1891. Depois appareceram os seguintes: *Santa Cruz*, em 1877 para desaparecer em 1879; *Commercial*, principiou a circular tambem em 1877, ignoramos quando cessou a publicação; *Ramalhete*, de 1879; *Lirio da Tarde* e *Democracia*, ambos de 1879 e todos os 3 de vida ephemera; *Gazeta de Uruguayana* em 1880; *Commercial*, 2.º desse nome, circulou de 1881 a 1883; *Commercio* em 1882 e que em 1902 ainda era publicado; *Gaúcho*, em 1883; *Gaúchito*, em 1884; *Parafuso*, em 1885; *Fronteira*, em 1888; *Caxeiro Viajante*, com 2 annos de vida, isto é, de 1890 a 1891; *Gazeta do Foro*, em 1890; *Perequito*, tambem de 1890 a 1891; *Federal Democrata*, em 1890; *Ordem*, em 1891; *La Colonia*, em 1891; *Letras*, circulou de 1892 a 1896; *O Povo*, em 1896 e que em 1902 ainda era publicado; *Noticia*, em 1899; *União Caixerai*, que circulava em 1902; *Nação*, fundada em 1903 e que ainda circula; *Rebate*, em 1916; *O Esporte e O Pensamento*, em 1919 e finalmente a *União*, em 1921.

URUPÚ — c. *uru-pu*, o ruido dos passaros. Arroio, nasce na vertente occidental da Cochilha Grande e corre para NO. até se lançar no Ijuhy Mirim, depois de um curso de 40 klms., segundo *Coi.* e *Nie.* e *Jannasch*; *Selbach* o traça imperfeitamente e dá-lhe apenas 22 klms. de extesão. Tem como tributario o Santa Maria.

URUPUÁ — alt. de *rurupú*. Arroio, nasce a NO. de S. Lourenço, no mun. de S. Luiz Gonzaga e corre para NNE. até se lançar no Ijuhy, depois de receber pela m. d. o Resvalador; seu curso é de cerca de 35 klms., segundo *Coi.* e *Nie.* O *C. Eng.* escreveu Uruguá e calcula seu curso em 19 klms. aproximadamente. Na lei provincial 1268, de 8 de abril de 1881, que estabeleceu os limites de S. Luiz Gonzaga, está graphado Uruquá. Assim tambem o registam *Rat.* e *B. Porto*. E' tambem conhecido por Urubúcarú. *Oct. Far.* o regista, por engano, como regando o mun. de Cruz Alta.

URUQUÁ — c. *uru-quá*, o buraco, o esconderijo dos passaros. Está assim escripto o nome do Urupuá, na lei que em 1881 estabeleceu os limites de S. Luiz Gonzaga, como acima referimos.

VACACOA — Assim *Vel. Sil.* grfapha o nome do Vaccaquá.

VACAYGUAÇÚ — Está assim escripto o nome do Vacca-hy no mappa de *Silv. Peixoto*.

VACAYMINI — Está assim escripto o nome do Vacca-hy Mirim no mappa de *Sil. Peixoto*.

VACCACAHY — Palavra hybrida c. *vacca* (s. f. portuguez) + *caá-y* (rio da matta, em guarani), rio da matta da vacca.

Póde ser, como observa *Th. Sampaio*, corr. de *yba-cacai*, o gavião das fructas, especie de ave de rapina. *Gay* diz que é corr. *vacca ray*, o terneiro, o bezerro, o filho da vacca.

Rio, nasce a cerca de 270 metros de altitude no municipio de S. Gabriel e corre a principio de S. para N., até a grande volta onde passa sob o leito da via ferea de Bagé á Cacequy, ahi se inflecte para NNE. até receber as aguas do Salso; desse ponto em diante, descrevendo grandes curvas, segue a direcção geral O.—E., até se lançar no Jacuhy.

Serve de limite entre o mun. de S. Sepé e os de S. Gabriel, Santa Maria e Cachoeira. Ao curso do Vaccacahy, como aos dos nossos rios em geral, são attribuidas diversas extensões: *DOP.* o calcula em 265 klms.; *Selbach* em cerca de 263; *Coi.* e *Nie.* em 252 aproximadamente; *Jannasch* em 250; *Cunha Lopes* e *Rat.* e *B. Porto* em 240; *Vell. Sil.* em 225; o *C. Eng.* em 200.

Tem como tributarios pela m. d.:

1) *Tapera*, tambem conhecido por *Divisa* e que desce da Cochilha do Fidelles.

2) *Arroio das Cannas*, nasce na Cochilha do Bôa Vista e corre para N. a principio e depois se inflecte para NE. e forma o banhado do Cortado e a Lagôa do Tira Bota, antes de sua barra. E' volumoso e as suas aguas são excellentes. Seu curso é de 20 klms., segundo *DOP.*; *Cunha Lopes* o calcula em 23 aproximadamente e *Selbach* em 27.

3) *Mudador*, corre a cerca de 9 klms. da cidade de S. Gabriel.

4) *Passo da Areia*, pequeno curso d'agua.

5) *Salso*, nasce no acampamento Velho e corre, descrevendo curvas, na direcção geral NNO. até sua barra, depois de um curso de 57 klms, aproximadamente.

6) *Cambahyzinho*, vide este nome.

7) *Cambahy*, vide este nome.

8) *S. Sepé*, rio, nasce na Cochilha da Arvore a cerca de 350 metros de altitude e corre a principio para N. e depois para NNE. até sua barra. *DOP.* e *Selbach* calculam seu curso em 110 klms.; *Cunha Lopes* e o *C. Eng.* em 90; *C. C. G. B.* em 48 e dá-lhe como tributarios: o *Lagoão*, o *Passarinho*, ambos com 14 klms. de curso e a Sanga da Ponta do Matto, com 11.

9) *Santa Barbara*, nasce no mun. de Caçapava a cerca de 300 metros sobre o nível do mar e corre na direcção geral de NNE. *DOP.* e o *C. Eng.* calculam seu curso em 95 klms. e *C. C. G. B.* em 74. Tem como trobutarios: arroio S. Raphael com 13 klms. de extensão, pela m. d.; a Sanga da Porteirinha, com 12 e o Salso com 11, ambos pela esquerda.

Os tributarios da m. e. do Vaccacahy são de pouca importancia.

VACCACAHY MIRIM — Rio, formado por diversos galhos que descem da Serra de S. Martinho; corre a principio para S. até em frente á cidade de Santa Maria, d'ahi ruma para SE. Depois de receber diversos tributarios, diz *Aur. Porto*, entra no mun. de Cachoeira, nas immediações do arroio do Só. Recebe pela m. e. até entrar no Jacuhy, no 4.º districto, o arroio Porteirinha, que nasce nas proximidades da ex-colonia Silveira Martins, alem de outras pequenas vertentes, pela m. d. são-lhe tributarios o arroio do Só, que serve de divisa entre Cachoeira e Santa Maria, *Restinga Secca, Estiva, Araçá* e outras pequenas sangas. *Varella* menciona como seus galhos principaes os arroios S. Pedro e Santo Ignacio. *Coi. e Nie.* avaliam seu curso em 87 klms.; *Selbach* em 94; *DOP.* em 82; C. C. G. B. e o C. *Eng.* em 75; *Cunha Lopes* em 70.

VACCACOÁ — Assim *Oct. Far.* grapha o nome do arrecio Vaccaquá.

VACCAQUÁ — Palavra hybrida c. *vacca* (s. f. portuguez) + *cuá* (s. m. guarani, poço, buraco). O poço da vacca. Diz *Th. Sampaio*, que póde ser corr. de *ibaca-quá*, o estrondo do céo, o trovão. Para *Alf. Carv.*, porém, é corr. de *ibá-cã-quá*, o caroço furado.

Arroio, nasce na vertente L. da Serra do Caverá, proximo ao cerro de seu nome no mun. de Rosario e corre para o oriente em um percurso de 25 klms., até sua barra no Ibicuhy da Armada; tem vegetação regular em ambas as margens. *DOP.* escreveu Vaccahy.

VACCAHYQUÁ — Palavra hybrida c. *vacca-y-quá* o poço do rio da Vacca. Banhado, lagôa e arroio no mun. de Livramento. O arroio é tributario do Ibicuhy da Armada. *DOP.* escreveu Bacacahiquá.

VACUTUNGA — Parece-nos alt. de Jacutinga. Arroio tributario do Uruguay.

VOTURO — Nome de um velho cacique Corôado, notavel pelo auxilio prestado para a catechese de seus compatriotas. Aldeamento de indios no mun. de Erechim.

Cez. Jacques escreve Voutouro.

YPIRANGA, vide *Ipiranga*.

(FIM.)

....

BIBLIOGRAPHIA

Alcides Cruz, Estudos sobre os municipios de Gravatahy e Encruzilhada, no Anuario do Rio Grande do Sul.

Alf. Carv., Alfredo de Carvalho, Tuponimias Tupis do Rio Grande do Sul, 1906.

Almeida Pinto, Diccionario de Botanica.

Angelis, Pedro de Angelis, Coleccion de obras impresas y manuseriptas, Buenos Aires, 1853.

Antonina, Barão de Antonina, Vocabulario dos Indios Cayuas, Tomo XIX da R. I. H. B.

A. Porto Alegre, Appolinario Porto Alegre, Diversos trabalhos exparsos.

Au. Porto, Aurelio Porto, Estudo sobre o Municipio de Cachoeira.

AXO, Antonino Xavier de Oliveira, O Municipio de Passo Fundo, Porto Alegre, 1908.

Azara, Felix Azara, Carta Espherica ó reduzida de las Provincias del Paraguay y Misiones Guaranis, con el Distrito de Corrientes, datada de Assumpcion del Paraguay, de 30 de agosto de 1787, fac simile no VI vol. da *Exposição* Rio Branco.

Bard, João da Costa Bard, Mappa do Municipio de Cachoeira.

B. Caetano de Almeida Nogueira, Vocabulario das palavras Guaranis.

B. Souza, Dr. Bernardino J. de Souza, Nomenclatura geographica peculiar ao Brazil, 2.^a edição, Bahia, 1907.

B. Rodrigues, J. Barbosa Rodrigues, Vocabulario Indigina, Rio de Janeiro, 1893.

Bellin, M., Mappa do Paraguay, datado de 1751, no tomo II da Historia do Paraguay, pelo R. P. Pierre François Xavier de Charlevoix, da Companhia de Jesus, no VI vol. da *Exposição* de Rio Branco.

Benicio, Manoel Benicio, Toponymia Indiana Campista.

Bettamio, Sebastião Francisco Bettamio, Noticia Particular do Continente do Rio Grande do Sul, 1780.

Bit. Menezes, J. Bittencourt de Menezes, Municipio de Santa Cruz.

Brabo, Francisco Javier, Atlas de cartas geographicas de los paises en que estuvieron situadas las mas importantes Misiones de los Jesuitas, Madrid, 1872.

Branner, John C. Branner, Geologia Elementar, 2.^a edição, 1915.

B. Penna, Julio Cesar Barbosa Penna, Algumas Madeiras do Brasil, 1923.

Camargo, Antonio Eleutherio de, Quadro Estatistico e Geographico da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1868.

Cabrer, Cópia extrahida nas Obras Publicas da Côrte, em dezembro de 1868, do Grande Mappa do dr. José Maria Cabrer.

Chagas Santos, Mappa manuscripto das Capitánias de S. Pedro do Rio Grande do Sul e de Montevideo, construido e desenhado pelo Coronel, depois general, Francisco das Chagas Santos, fac. simile no VI vol. da *Exposição* de Rio Branco.

Charlevoix, Pierre François Xavier de, Historia do Paraguay, Paris, 1757.

C. C. G. B., Comissão da Carta Geral do Brasil, Levantamentos e Relatorios.

Chrockatt, João Chrokatt de Sá Pereira de Castro, Carta da Republica dos Estados Unidos do Brasil, organizada em 1883 e retificada por ordem do Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas, 1892. P. Robin.

Concessão de sesmarias, na Revista do Archivo Publico do Rio Grande do Sul.

Coi. e Nie., Mappa Geographico da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, organizado na Comissão do Registro Geral e Estatistica das terras publicas e possuidas, sob a presidencia do Conselheiro Bernardo Augusto Nascentes de Azambuja, pelos engenheiros José Ignacio Coimbra e tenente-coronel Conrado Jacob Niemeyer, auxiliados pelo engenheiro geographo Galdino Alves Monteiro, 1876.

Couto de Magalhães, O Selvagem, nova edição, S. Paulo, 1913.

Cunha Lopes, Carta Geographica do Estado do Rio Grande do Sul, organizada pelo engenheiro civil Francisco Braziliense da Cunha Lopes e pelo agrimensor João Luiz Nunes de Azevedo, 1902.

Cez. Jacques, João Cezimbra Jacques, Assumptos do Rio Grande do Sul, 1912.

C. Jacques, João Candido Jacques, Carta Geographica do Estado Federal do Rio Grande do Sul, 1891.

C. Eng., Club d'Engenharia do Rio de Janeiro, Carta Internacional do Mundo, organizada em commemoração do 1.^o centenario da independencia do Brasil.

Coruja, Antonio Alves Pereira Coruja, Collecção de vocabulos e phrases usados na Provincia do Rio Grande do Sul.

C. Tastevin, R. P. Dr. Constantino Tastevin, Grammatica da Lingua Tupy; Vocabulario Tupy-Portuguez, 1923.

D'Anville, Mappa do Paraguay de 1733 e Mappa da America Meridional, 1748, no VI vol. da *Exposição* de Rio Branco.

DAS., Domingos de Araujo e Silva, Diccionario Geographico e Historico da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, 1865.

DOP., Directoria das Obras Publicas, Mappa do Rio Grande do Sul, 1907—1911.

Dreys, Nicolau, Noticia Descritiva da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, 1839.

Du Graty, Alfredo M., La Republica del Paraguay, Besançon, 1862.

E. Castro, Evaristo Antonio de Castro, Noticia Descritiva da Região Missioneira, Cruz Alta, 1887.

Fregeiro, Dr. Clemente L. Fregeiro, La Batalla de Ituzaingó, Buenos Aires, 1919.

Fr. F. Prazeres, Fr. Francisco dos Prazeres, Collecção de etymologias brazilicas, no VIII vol. da Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Fr. Mansueto, Balcarta del val Floriania, Diccionarios Cainjgang-Portuguez e Portuguez-Cainjgang, 1920.

F. Aruajo, Dr. Francisco Araujo, Plantas Medicinaes do Rio Grande do Sul.

Freire Allemão, Questões propostas sobre alguns vocabulos da lingua geral braziliana, 1850.

F. Prestes, Francisco Prestes, Estudo sobre a hydrographia do Municipio da Soledade.

F. Vera, Florencio Vera, Diccionario Gramatical Guarani-Español, Assuncion, 1903.

Gay, conego João Pedro, Historia da Republica Jesuitica do Paraguay, Rio de Janeiro, 1863.

G. Dias, Gonçalves Dias, Diccionario da lingua Tupi, na Revista de Lingua Portugueza.

Guedes Monteiro, Firmino, Novo Mappa Geographico que contem as Provincias de S. Pedro, Cisplatina, Entre Rios, Paraguay; e paizes adjacentes, 1827.

Guevara, José, S. J., Historia de la Conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucuman, Buenos Aires, 1882.

Gliesch, Rudolpho Gliesch, Zoologia, Porto Alegre, 1920.

Gomes de Freitas, Manoel Gomes de Freitas, Estudo sobre o Municipio de Piratiny.

Granada, Daniel Granada, Vocabulario Rioplatense Razonado, Montevideo, 1890.

G. Lima, Noções de Geographia, Porto Alegre, 1911.

H. Martins, Geographia do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1909.

H. Mello, Barão Homem de Mello, Atlas do Brazil.

H. Ribeiro, Hilario Ribeiro, Geographia da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1880.

Ithering, Dr. Hermann von Ithering, Os peixes da Costa do Mar no Estado do Rio Grande do Sul.

J. Daniel, Jesuita João Daniel, Thesouro Descoberto no Maximo Amazonas, na R. I. H. B., Tomo 2.º.

J. Dutra, Dr. João Dutra, As arvores do Rio Grande do Sul.

J. Ribeiro, Dr. João Ribeiro, A Lingua Nacional, 1921.

Jannasch, Dr. R. Jannasch, Carta do Rio Grande do Sul, 1907.

J. Gonsalves, Interpretações da toponymica Brazilica no Rio Grande do Sul.

J. S. Guimarães, conego, Memoria sobre os usos, costumes e lingua dos Apiacás.

LAF., Luiz Araujo Filho, Municipio de Alegrete, 1907.

Lomelino, Claudio Lomelino de Carvalho, Atlas do Imperio do Brazil, segundo dados officiaes e documentos fornecidos pelo Ex.^{mo} Sr. Conselheiro Barão Homem de Mello e tenente-coronel de engenheiros Francisco Antonio Pimenta Bueno, 1882.

Lindman, Prof. Dr. C. A. M. Lindman, a Vegetação no Rio Grande do Sul.

Lozano, P. Pedro, S. J., Historia de la Conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucuman, 1875.

L'Isle, Mappa de 1703, no V vol. da *Exposição* de Rio Branco.

L. Cunha, Dr. Ernesto Antonio Lassance Cunha, O Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, 1908.

Mamiani, P. Luiz Vicencio, da Companhia de Jesus, Arte de Grammatica da Lingua Brazilica da Nação Kiriri, 2.^a edição, Rio de Janeiro, 1877.

Millau, Plano de la Capitanía General de las tres Provincias del Rio de la Plata, Paraguay, Tucuman, del mando del Ex.^{mo} Señor Dn. Fran.^{co} Bvcareli y Vsva. Año de 1768. Echo por el Teniente de navio de la Real Armada Dn. Francisco Millau Maraval, fac simile no VI vol. da *Exposição* de Rio Branco.

— Mapa que comprehende el Pays, que se extiende, por la Costa de el Mar, entre la Ciudad de Montevideo y el Rio

Grande, com demonstracion assi de los parages mas notables. Hecho por orden, de el Ex.^{mo} Señor Dn, Francisco Bvcareli y Vrsua, siendo Capitan General de las Provincias del Rio de la Plata, por el Teniente de naveo de la Real Armada, Dn. Francisco Millau, Cosmographo de S. M. Año 1770. Fac. simile no VI vol. da *Exposição* de Rio Branco.

Milet, J. C. R. Millet de Saint Adolphe, Diccionario Geographico Historico e Descriptivo do Imperio do Brazil, Paris, 1845.

Min, Via., Ministerio da Viação, Mappa das Estradas de Ferro do Rio Grande do Sul, 1913.

Montenegro, J. Arthur, Notas para a Carta Geographica do Rio Grande do Sul, Rio Grande, 1895.

Montoya, Antonio Ruiz de, Arte e Vocabulario y Tesoro de la lengua guarani, ó mas bien tupi, nueva edicion, 1876.

Mor. Pinto, Alfredo, Apontamentos para o Diccionario Geographico do Brazil, Rio de Janeiro, 1893.

Mappa Argentino de 1865, Carta Geographica de la Provincia de Corrientes, construida con los datos que existen en los Archivos del Departamento Topografico de Buenos Aires, fac simile no VI vol. da *Exposição* de Rio Branco.

Mappa das Côrtes, Mappa original manuscripto de que se serviram os Plenipotenciarios de Portugal e Hespanha na discussão dos limites que foram determinados e descriptos no Tratado de Madrid de 13 de janeiro de 1750. Este mappa é vulgarmente chamado „das Côrtes“. Fac simile no VI vol. da *Exposição* de Rio Branco.

Mappa de los confines de las dos Coronas de Hespaña y Portugal en la America Meridional. Este mappa, diz Rio Branco, deve ter sido feito no Rio da Prata e retocado em 1760. Fac simile no VI vol. da *Exposição* de Rio Branco.

Mappa appenso ao Diario Portuguez da Demarcação feita em 1759 e 1760, da bocca do Ibicuhy ao Salto Grande do Paraná. Fac simile na *Exposição* de Rio Branco.

Mappa de 1749, de que se serviram os Plenipotenciarios de Portugal e Hespanha para concluir o Tratado de 1750. Fac simile no VI vol. da *Exposição* de Rio Branco.

Mappa Manuscripto construido pelos Commissarios hespanhoes, depois da segunda demarcação. Fac simile no VI vol. da *Exposição* de Rio Branco.

Mappa demonstrativo da linha de operações do Exercito Imperial no anno de 1841, sob o commando em chefe do Brigadeiro J. P. dos Santos Barreto.

Mappa do Municipio de Estrella, organizado pelo engenheiro Carlos Kurt Flatan, 1922.

Mappa do Municipio de Pelotas, organizado pelo engenheiro Edmundo de Castro Lopes, 1911,

Mappa do Municipio de Quarahy, organizado pelo engenheiro Heitor Wagner, 1920.

Mappa do Municipio de Encruzilhada, organizado pelo Dr. Arminio Silveira, 1922.

Mappa do Municipio de Porto Alegre, 1919.

Martius, Dr. Carlos Fried. Phil. von Martius, Glossaria Linguarum Brasiliensium, 1863.

Max Beschoren, Topographia da Região Missioneira.

Max. Maciel, Maximiniano Maciel, Zoologia Geral e Descriptiva, 1923.

Meira Penna, Notas sobre as Plantas Brasileiras.

Moré, Jean Charles Moré, De la Colonisation dans la province de St. Pierre de Rio Grande do Sul, Hamburg, 1863.

Moraes Dutra, Antonio de Moraes Dutra, Itenerario Resumido da Viagem, embarcado, no Uruguay, desde a fóz do Passo Fundo até o Povo de S. Borja, 1858.

Monographia de Jaguarão, Apontamentos para uma, 1912.

Olmedilla, Juan de la Cruz Cano y, Cosmographo Mór do Reino de Hespanha, Mappa Geographico de America Meridional, 1775. Fac simile no VI vol. de *Exposição* de Rio Branco.

Oyarvide, Andres de, Carta esferica de las provincias septentrionaes del Rio de la Plata.

Oct. Far., Octavio Augusto de Faria, Diccionario Geographico, Historico e Estatistico do Rio Grande do Sul, 2.^a edição, Porto Alegre, 1914.

— Esboço Monographico do Municipio de Itaquí, Porto Alegre, 1919.

— Esboço Monographico do Municipio de S. Gabriel, Porto Alegre, 1919.

— Esboço Economico do Municipio de Julio de Castilhos, Porto Alegre, 1919.

— Monographia de Taquary, Porto Alegre, 1913.

— Historico da divisão administrativa do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1917.

Pacheco Junior, Grammatica da Lingua Portugueza, 2.^a edição, 1894.

Pereira Campos, Exploração dos Rios, Lagos e Bahias da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, 1862.

Pio Correa, Plantas Alimentares, Industriaes e Medicinaes do Brasil, 1914.

Pinto Filho, Monographia do Municipio de S. Jeronymo, 1920.

Pompeu, Thomaz Pompeu de Souza Brasil, Licções de Geographia Geral, 1894.

Prestes Guimarães, Relação dos Rios do Municipio de Passo Fundo.

Planta do Municipio de Rio Pardo, organizada por Pedro Castello Sacarello, 1922.

Planta da Zona Colonizada, com auxilio da União, nos annos de 1907—1913, organizada na Inspectoria Federal do Serviço de Povoamento.

Planta da Colonia de Erechim, organizada na Secretaria das Obras publicas do Estado do Rio Grande do Sul.

Planta da Colonia Guarany, organizada na Secretaria das Obras Publicas do Estado do Rio Grande do Sul.

Petry e Dally, Mappa do Municipio de S. Leopoldo, por Leopoldo Petry e Dally Santos, 1922.

Primeiro Mappa do Paraguay, construido pelos Jesuitas dessa Provincia, 1645—49. Fac simile no VI vol. da *Exposição* de Rio Branco.

Rat. e B. Porto, Francisco Rath e Bento Porto, A Guerra no Rio Grande do Sul (mappa).

Resende, J. Resende Silva, A Fronteira do Sul, Rio de Janeiro, 1922.

R. I. H. B., Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Rio Branco, Barão Rio Branco, Exposição que os Estados Unidos do Brazil apresentam ao Presidente dos Estados Unidos da America, como arbitro, segundo as estipulações do Tratado de 7 de setembro de 1889, concluido entre o Brazil e a Republica Argentina, New York, 1894.

Reyes, José Maria, Carta Topographica do Estado Oriental do Uruguay dedicada „Al Señor Brigatier Don Manoel Oribe, Presidente de la Republica Oriental del Uruguay“, 1846.

R. Garcia, Diccionario de Brasileirismo, no LXXV vol. da Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

— Nomes Geographicos Peculiares ao Brazil, na Revista de Lingua Portugueza.

Rom. Correa, J. Romaguera Correa, Vocabulario Sul-Rio Grandense, Pelotas, 1898.

Rois Cunha, Jacintho Rodrigues da Cunha, Diario da Expedição de Gomes Freire de Andrada, ás Missões do Uruguay, na R. I. H. B., Tomo XVI.

Rogers, J. Ellen Rogers, Tierra y Cielo, versão de Manuel Vallvé.

Rosa da Silva, Capitão João Rosa da Silva, Relatorios apresentados ao Chefe da C. C. G. B.

Rubim, Braz da Costa Rubim, Vocabulos indigenas e outros introduzidos no uso vulgar.

S. Leopoldo, Visconde de S. Leopoldo, Annaes da Província de S. Pedro, 1839, 2.^a edição.

Selbach, Livraria Selbach, Mappa do Estado do Rio Grande do Sul.

Sylv. Peixoto, Mappa Manuscripto da America Meridional, construido em Villa Rica (Minas Geraes) por Sylveira Peixoto, em 1768. Fac simile no VI vol. da *Exposição* de Rio Branco.

Segundo Mappa do Paraguay, construido pelos Jesuitas dessa Provincia em 1722 e gravado em Roma em 1726. Fac simile no VI vol. da *Exposição* de Rio Branco.

Segundo Mappa do Paraguay, da edição allemã, gravado em Augsburg por Matheus Seutter em 1730. Fac simile no VI vol. da *Exposição* de Rio Branco.

Savio, Themistocles Savio, Curso Elementar de Geographia, 1917.

Schupp, Ambrosio Schupp, S. J., As Cobras do Rio Grande do Sul, 1913.

Souza Brito, Manual de Botanica Geral e Applicada, 1920.

Terceiro Mappa do Paraguay, construido pelos Jesuitas dessa Provincia em 1732. Gravado em Roma por Petroschi. Fac simile no VI vol. da *Exposição* de Rio Branco.

T. Mello, Tancredo Fernandes de Mello, O municipio de Santa Victoria do Palmar, Porto Alegre, 1912.

Th. Sampaio, O tupi na Geographia Nacional, 2.^a edição, S. Paulo, 1914.

Teschauer, C., S. J., Historia do Rio Grande do Sul dos Primeiros seculos.

— Porandúba Riograndense, na Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul, II Trimestre, anno I.

— Vida e obras do Veneravel Roque Gonsalez de Santa Cruz, 2.^a edição, Rio Grande, 1913.

Techo, Historia da Provincia do Paraguay.

Varela, Alfredo, O Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1897.

Vel. Silv., Hemeterio José Velloso da Silveira, As Missões Orientaes, Porto Alegre, 1909.

Varnhagen, F. Adolpho de, Breves Commentarios ao Tratado Descriptivo do Brasil de Gabriel Soares de Souza, no tomo XIV da Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil.

W. e Men., Weise e Mennig, Mappa Geographico do Estado do Rio Grande do Sul, Curityba, 1919.

LENDAS RIO-GRANDENSES

Para falar a verdade, o Rio Grande do Sul tem uma unica lenda sua, directamente ligada ao homem e ao solo, expressão typica do ambiente que a gerou. E' a lenda do *Negrinho do Pastoreio*. As demais que hoje conhecemos ou de que ouvimos falar em criança, são de origem guaranítica ou de fundo ibero, para aqui transplantadas pelos primeiros povoadores. Nem mesmo a lenda da *Boi-Tatá* (cobra de fogo) tão conhecida e popular, tão ao vivo descripta nos ingenuos serões da campanha gaúcha, nem mesmo essa pertence ao nosso *folk-lore*. Afóra a primeira, não possuímos, não creámos uma só que se case com o meio ambiente em que vivemos, que diga da nossa formação, do nosso passado, dos nossos costumes, que reflecta, emfim, no symbolo ou no mytho, uma época, uma existencia que fosse propriamente nossa. O que ha em verdade são adaptações, variantes apenas de outras terras e de outros povos.

Portugal e Hespanha, poderosamente auxiliados pelos aborigenes, foram os verdadeiros creadores da mythologia americana. Não ha por isso cunho local nas nossas lendas. Simões Lopes Netto, num interessante trabalho sobre o assumpto, accentuou bem a pobreza dessas ficções anonymas do povo. Com excepção apenas da do *Negrinho do Pastoreio*, as demais são mal disfarçados decalques, argumentos sobre abusões e milagres das regiões do norte do paiz, entremeados por vezes com um que outro facto do periodo das Reducções Orientaes, como é o que se formou em torno da figura do heróe indio Sepé Tiarayú. Sobre essa personagem tão intensamente ligada á historia riograndense, colheu aquelle escriptor uma linda melopéa mystico-romantica denominada *Lunar de Sepé*, que elle proprio, segundo affirma, ouvira em 1902, sofrivelmente recitada por uma velha mestiça, na picada que atravessa o Camaquã, entre os municipios de Cangussú e Eneruzilhada.

Não é propriamente uma lenda; é antes a glorificação do heróe indio, a exaltação do seu valor e dos seus feitos, mesclada de um forte cunho religioso, de um mysticismo profundo, composta, quem sabe, por um dos padres da Companhia.

Está assim perfeitamente accentuada a pobreza da imaginação popular riograndense, que na construcção ideologica dos seus mythos não foi além de uma unica lenda, expressiva e bella, é verdade, mas uma só. Para tão parca contribuição causas innumerables actuaram de um modo decisivo, crestando-lhe de subido o sopro de seus sonhos e da sua fantasia, restringindo aquelles e esta á rasura erna das suas savanas. Um dos ultimos tratos do immenso territorio a ser povoado, o Rio Grande surgiu, além disso, de armas na mão, conquistando palmo a palmo a sua superficie, vivendo e morrendo na defeza constante das suas fronteiras, sem folga para pensar e crear, sem tempo mesmo para glorificar os seus proprios heróes. Facil foi, portanto, adoptar e adaptar ao meio, o que corria sobre lendas e mythos de outras terras e de outros logares.

Nesse numero estão a *Náo Catharineta*, a *Salamanca do Jarau*, *Uboi-Tatá*, *Mãe d'agua* e muitas outras.

Na bella região lacustre, um dos mais pittorescos trechos da natureza do nordeste riograndense, ha um quebro encantamento que a credice do povo vem encontrando no espelho tranquillo das lindas lagôas ali existentes. Não admira, aliás, que naquella successão de lagos, as lendas se multipliquem. O segredo de suas aguas e o mysterio de suas profundidades são propiciatorios a essas ideações populares.

Manoel Fernandes Bastos, um estudioso do *folk-lore* local, possui copioso repositório de assumptos que se prendem ao caso, apanhados na viva tradição oral do povo daquellas paragens. A proposito da pequena *Lagôa Negra*, localisada nos arredores de Conceição do Arroio, conta aquelle patricio a seguinte trama lendaria: — Um escravo muito maltratado pelo seu senhor, depois de um horrivel castigo que este injustamente lhe infligira, desesperado, resolveu fugir. A' beira da lagôa solitaria e á sombra do matto, dias depois o foram encontrar cadaver. Enforcara-se a misera creatura ao galho de uma figueira. E desde então começaram na Lagôa Negra os mysterios e aparições sobrenaturaes que ainda hoje se repetem: são gritos

estranhos; canôas brancas que cruzam as aguas em varios sentidos; cantar de gallos á meia noite, em meio da lagôa; luzes que brilham phosphorescentes nas mattas marginaes; e, sobretudo, dominando, apavorante, a solidão, o fantasma do velho escravo a percorrer aquellas paragens, mysteriosamente, ora cruzando as aguas, ora subindo ás arvores; ás vezes chorando ou dando gritos horriveis e estridentes, outras vezes, cantando commovidas canções da longinqua infancia martyrisada.

Ainda outra existe, creio que na Lagôa dos Barros, na qual, segundo o relato de antigos, apparecem em certas noites, sobre suas aguas, nymphas montando bellos corcéis brancos, emquanto que um rumor estranho québra, nessa occasiões, o silencio, e um vento mysterioso agita a superficie das aguas até que de novo tudo cáe na mais completa quietude.

Como essa, muitas outras são familiares ao conhecimento dos habitantes da região.

Vê-se bem, entretanto, que não existe na documentação oral de taes narrativas o entrecho e a estrutura do que propriamente se póde chamar de lenda. Falta-lhes a ligação precisa de factos ou episodios determinados. São, quando muito, superstições, encantamentos, mysterios e milagres com que ainda hoje a alma ingenua e simples do povo costuma tocar certos acontecimentos da vida. Por este lado sim, possuímos cabedal avultado, creações nossas, da nossa gente, como o *Generoso* e *Fogo Morto*, sem falar em outras historias estranhas ao meio, mas para aqui transplantadas como a *Mula sem cabeça*, o *Lobis-homem*, etc.

A lenda, ou melhor, a superstição do *Fogo Morto*, tive della conhecimento por occasião de demorada viagem através de quasi todo o Rio Grande. Certa vez, nesse longo jornadaear, notei que tanto os carreteiros como os „maioraes“ de diligencias, á hora do pouso e da sesteada evitavam sempre fazer o fogo no mesmo lugar em que houvesse vestigio de um *fogão* anterior, desses improvisados *fogões* ao ar livre, na costa dos mattos e capões, como ha tantos por toda a campanha intermina.

Contou-me então um gaúcho as razões de tal cuidado preventivo : — Um carreteiro muito rico, que possuia de seu, além de dinheiro e campo, mais de cem juntas de bois invernados, resolveu viagem longa, certa vez, batendo estradas reaes

por langantes e taboleiros. Depois de muito andar, se decidiu á tardinha fazer pouso no costado de uma restinga.

Tocou para lá a carreta e com auxilio do peãozinho que levava desajojou os bois, soltando-os para a pastagem. Em seguida mandou trazer lenha do matto para preparar o fogo afim de assar o churrasco e requeentar a panella de feijão com xarque. Ao lado, quasi junto da carreta, encontrou os vestigios do fogão de outro carreteiro que ali tambem pousára ou sesteára na vespera. Com isso se livrou o viandante de trabalho mais longo. Approveitou a lenha e os gravetos que se conservavam ainda accesos, entre a cinza, e, no mesmo lugar, em cima do outro fogo, iniciou o seu que logo vingou em grossas labaredas ao lado da carreta.

Mas para quê se metteu o gaúcho em aproveitar o alheio?... A desgraça começou naquella hora!... As labaredas cresceram em linguas de fogo; as linguas de fogo começaram a lamber a carreta; a carreta ardia em chammas; as chammas subiam cada vez mais, devorando tudo. O peãozinho e o carreteiro corriam que nem veado, para o arroio, trazendo agua e atirando ao fogo. Mas este crescia mais violento ainda, sem que toda a agua do arroio dêsse para apagal-o. Só quando o arroio seccou foi que o fogo tambem se extinguiu, depois de ter reduzido sua presa a um grande monte de cinzas. O rico carreteiro sahiu como louco, campo fóra. A desgraça, porém, não parou nisso: desde esse dia malfadado, os bois começaram a pestear e a morrer; o dinheiro desapareceu da casa, roubado; a mulher sumiu-se, sem que até hoje se saibam nóvas de seu paradeiro. E o homem, que fôra rico, muito rico, morreu na miséria, perseguido á hora da agonia por apavorantes visões transformadas em linguas de fogo, lambendo-lhe o corpo todo.

Desde esse dia, então, todos os carreteiros que tiveram noticia do triste facto acontecido nunca mais fizeram fogo no lugar que foi fogão de outro...

Essa é a lendaria historia já por mim registrada em modesto trabalho anterior.

Lendas de fundo indigena innumeradas revivem ainda n'alguns pontos da nossa campanha. Sobre a Lagôa Parobé, por exemplo, existente entre Itapevy e os campos de Alegrete, corre a lenda do *Cavallo encantado*, já archivada por Appolli-

nario Porto Alegre na sua grande obra inedita „Popularium Sul-Riograndense“.

Em fins do seculo XVIII erravam naquella rica região campezina innumerous indios cavalleiros da tribu dos valentes *Minuanos*. Entre elles, havia o filho de um cacique, moço muito invejoso, chamado Jaguareté-Piré (*couro de tigre*). Este indio amava apaixonadamente a linda e esquiva Poty-Poran, (*Flôr bella*) amada tambem por Inhaca-Guará (*Cabeça de passaro*) a quem a mesma preferia. Roido de despeito e de ciumes, Jaguareté-Piré deliberou fazer uma emboscada ao seu rival para matá-lo. Assim, ao passar pela Lagôa-Parobé, viu no meio de uma quadrilha de baguaes um enorme cavallo de crinas e cóla prateadas, de um pello negro, luzidio, macio como velludo. Fazendo mensão para boleá-lo, o bello animal, a principio tão arisco, parou subitamente. Após prendê-lo em seu laço, Jaguareté-Piré falou: — „Agora, sim, Poty-Poran ha de querer-me, preferindo-me ao meu rival.“ E assim dizendo, metheu as rédeas no animal, collocou sobre o lombo um couro de veado que lhe servia de sêlla e, cingindo sobre a cabeça um capacete de pennas de avestruz, montou o lindo bagual seguindo em direcção ao acampamento de Poty-Poran. Não tinha, porém, caminhado meia quadra, quando o cavallo formou um salto, ou mais propriamente um vôo, e, fendendo os ares em direcção á lagôa, atirou-se no meio d'ella, desapparecendo para sempre com o cavalleiro.

Os indios da valente tribu guarany deram então á Lagôa Parobé o nome de *Lagôa do cavallo encantado*.

Eis, em resumo, a lenda que hoje, já um pouco alterada na fórma e no fundo, ainda é lembrada por alguns dos velhos moradores do local.

Remontando á mesma época tupy-guarany, temos ainda a lenda do *Cervo dourado*, que tem sua origem nas grotas do Caverá.

Como se vê, essas creações do feiticismo néo-americano, não reflectem o nosso meio ambiente: confundem-se com outras tantas lendas de outros tantos logares, daqui ou alhures, sem a caracteristica incisiva pela qual se possa julgar do sentimento religioso, das crenças, dos habitos e costumes de um povo.

O espirito gaúcho ideou apenas uma lenda de feição verdadeiramente local. Essa é a do *Crioulo do Pastoreio*.

Não repetirei aqui o seu entrecho porque não ha quem não o conheça. Amplamente estudada, largamente descripta, ella ahi anda de bocca em bocca — velha e bella tradição imperecivel. O *negrinho* é o genio alado e bemfasejo da campanha glóriaosa onde vive o gado das estancias e onde a luta de continuo se accende no entrechoque das guerrilhas. Deliciosa lenda essa, onde soffrimento e a esperança e a liberdade infinita se misturam num idealismo perfeito. Collocar sob sua guarda os objectos perdidos, é ter a certeza de que elles serão depois encontrados mediante a contribuição modesta de um pequeno coto de véla.

Quantas vezes na distante meninice humilde offereci tambem a piedosa vellinha do ritual para que de novo voltassem, á desejada posse, os brinquedos perdidos!...

A dadiva, para resultado immediato e decisivo, devia ser feita á noite, no oitão do rancho nativo, no fundo escuro do quintal ou á beira das restingas, exactamente á hora em que o espirito transido se povoava de uma multidão de fantasmas. Eram os assombramentos, as almas penadas acompanhando o genio errante do pequeno captivo sacrificado. Elle, porém, não se demorava na descoberta milagrosa. E quando mesmo seu auxilio de todo falhasse, ficava ainda na alma ingenua dos que appellavam para sua protecção extremada, a divina esperança que não morre...

Roque Callage.



VOCABULARIO GAÚCHO

DE ROQUE CALLAGE

Contendo cerca de mil termos a mais
ainda não registrados nos trabalhos
existentes sobre a materia.

A

ABAGUALADO, adj. semelhante a *bagual*.

ABARBARADO, adj. temível, arrojado, estouvado, grosseiro. E' também empregado no sentido de excesso de trabalho, andar de um lado para outro com muitos afazeres.

ABICHORNADO, adj. magoado, acabrunhado, macambusio. „— O indio andava *abichornado*.“ (João Fontoura, *Nas Coxilhas*.)

ABOLETAR-SE, v. p. receber ou ganhar qualquer cousa. *Aboletou-se* com o que não era seu; *aboletou-se* em tal lugar e ali ficou. Instalar-se. E' termo muito usado no interior.

ABOMBADO, adj. cansado, exausto. Cavallo abombado, o mesmo que dizer cavallo cansado.

ABOMBAR v. int. Cansar, estafar o animal. „Quando um cavallo, por excesso de serviço, ao rigor do sol, fica, pelo cansaço, incapaz de continuar o trabalho, diz-se que elle *abombou*. O animal que chega a esse estado, pôde, descansando algumas horas, ser de novo montado, por quanto durante aquelle espaço de tempo readquiriu as forças perdidas.“ (Romaguera, *Vocabulario*.)

ABRÔJO, sub. especie de carrapicho. Vocabulario platino.

ABUGRADO, adj. com parecença de bugre, indio.

ACHEGO, subs. palavra muito uzada no sentido de amparo, encosto.

Menina, minha menina,
De teu pae eu tenho medo;
Diz-lhe que nos gostamos,
E que eu não sou máo *achego*.

(POESIA POPULAR)

ACOLHERAR, v. unir dois cavallos por meio de uma pequena guásca amarrada ao pescoço. Emprega-se também a proposito de qualquer ligação entre homem e mulher. „— Foi ali, no casamento de uma filha do Chico, que eu me *acolherei* com a finada Euzebia.“ (Marcio Dias, *Volta ao pago.*)

ACORDEONA, subs., veja cordeona.

AÇOITEIRA, subs., a extremidade do relho ou do rebenque, a parte de tiras de guasca do relho com que se castiga o animal de montaria.

ADDICIONADO, adj. cavallo „adicionado“, no dizer campezino, „é o que não está no seu estado normal, por soffrer alguma molestia ou defeito physico.“ (Romaguera, *Vocabulario*).

AFIVELAR, v. ajustar, firmar, contractar. — Afivelamos hoje o negocio.

AFROXAR, v. no sentido de afrouxar. E' muito commum a phrase: *afroxar o garrão*, entregar-se, fraquear, dar-se por vencido.

AGACHADA, subs., astucia, ardil, esperteza — fazer uma agachada.

AGACHAR-SE, v. agachar-se a corcovear, atirar-se, lançar-se.

AGALHAS, subs. velhaco, esperto, finorio. E' empregado sempre no plural.

Se tinha *agalhas* o negro!
Com elle trovar quem ousa?
Não se cansa nem repousa;
Eu é que agora abria o ôlho:
Aonde este negro zarôlho
Foi aprender tanta cousa?

ARAUJO GÓES,
Manduca Cypriano

AGALHUDO, adj. esforçado, audaz.

AGARRADOR, adj. pessoa que monta com segurança um animal que corcoveia.

AGAUCHADO, adj. com ares de gaúcho.

AGGREGADO, subs. pessoa pobre que, em falta de campo proprio, se estabelece em estancia alheia, com licença do respectivo proprietario e mediante certas condições.

AGUACHADO, adj. que está gordo, pesado, barrigudo, pela falta de serviço. Matungo aguachado, cavallo aguachado.

AGUADA, subs. lugar em que se leva os animaes para beber. Bebedouro. Aquelles campos são de boas *aguadas* — diz-se em relação ás estancias que possuem boas vertentes e arroios.

AGUA-PÉ, subs. nelumbos e nymphéas que vivem sobre aguas paradas, ou agglomeração destas plantas aquaticas que se destacam em épocas de enchente e descem pela correnteza.

AGULHAS, subs, as vertebras da espinha do animal vaccum, acompanhadas de carne. Este vocabulo é empregado sempre no plural.

AJUTORIO, subs. dar um *ajutorio*, prestar auxilio, ajudar.

ALAMBRADO, adj. e subs. certa extensão de campo cercado por varios fios de arame e onde são encerrados os animaes de uma estancia, de uma invernada ou de um potreiro. Campo *alambrado*, campo que está fechado por cerca de arame. E' vocabulo de origem platina: *alambrado* — aramado.

ALAMBRADOR, subs. pessoa que se encarrega de fazer alambrados. Aramador.

ALAMBRAR, v. fechar ou cercar com arame certa extensão de campo.

AI-CUNA! int. de origem platina, para exprimir enthusiasmo, dôr, admiração.

A LA CRIA, loc. adv. ao Deus dará, á aventura. E' expressão tambem de origem platina.

A LA FRESCA! int. de surpresa.

A LO BRUTO, loc. adv. no sentido de impetuosamente, sem mais conversa.

ALARIFE, adj. e subs. esperto, finorio, velhaco. Homem alarife, sujeito alarife.

ALAZÃO, adj. pêlo de cavallo arruivado.

ALÇADO, adj. gado alçado. „Animal que vive no campo ou no matto, esquivando-se de ir ao rodeio, á mangueira ou a qualquer ponto junto á casa, quando tocado para taes logares.“ (Cezimbra Jacques, *Assumptos do Rio Grande do Sul*.)

ALCAGUETE, subs. alcoviteiro. Essa expressão já está em desuso na campanha.

ALCAIDE, subs. traste ruim, pessoa imprestavel. „Vá lá que escolhesse um homem taura, mas não um alcaide...“ (R. Callage, *Rincão*.)

ALCATRA, subs. „A parte da rez constituida pelos ossos da bacia e acompanhados de alguma carne.“ (Romaguera, *Vocabulario*.)

ALCATRUZADO, adj. abichornado, tristonho encolhido, andar abatido, melancolico.

ALCE, subs. folga, descanso; *não dar alce* é o mesmo que dizer não dar descanso, não dar folga. Existe o mesmo termo em portuguez, porém, com significação completamente diversa.

ALMA DE GATO, subs. passaro conhecido tambem pelo nome de *rabo-de-palha*.

ALPEDRO, fig. a esmo, a toa, andar ou caminhar sem rumo. E' expressão platina.

ALPISTA, adj. desconfiado, resabiado, arisco.

ALTANADO, adj. altivo, provocante. (Darcy Azambuja, „Galpão“, *Vocabulario*).

AMACHORRADA, adj. egua ou vacca que se tornou esteril.

AMACHORRAR, v. tornar esteril o animal femea. Amachorrar uma vacca. Vide *Machorra*.

AMADRINHADOR, subs. individuo que acompanha o domador; o que *amadrinha*; cavalleiro que reponta o potro que está sendo domado; auxiliar do domador.

AMADRINHAR, v. acompanhar o domador, montado em cavallo manso, com o fim de evitar que o potro se atire em logares perigosos. O auxilio do amadrinhador é indispensavel em todas as domas. Significa tambem acostumar os animaes cavallares a andarem juntos, acompanhando de perto uma égua chamada *égua madrinha*.

AMANONCIAR, v. deixar bem manso um cavallo sem que o mesmo seja montado.

AMANONCIADO, adj. cavallo-que é manso sem que entretanto tenha sido montado.

AMANONCIADOR, subs. pessoa que se encarrega de amansar animaes cavallares.

AMARGO, subs. matte chimarrão, matte amargo, sem assucar. E' bebida tradicional em todo o Rio Grande, usada não só na campanha como nas cidades do interior, principalmente na região serrana. — „Patricio, venha de lá um amargo.“ (Appollinario Porto Alegre, *Popularium*.)

AMARRAR, v. ajustar, contractar um negocio; *amarrar* uma carreira, o mesmo que ajustar uma aposta entre dois cavallos.

AMARRADOR, subs. logar onde se amarram animaes.

AMILHADO, adj. *animal amilhado*, animal bem cuidado ou que está em trato a milho.

AMILHAR, v. trans. tratar a milho.

AMOLAR, v. aborrecer, encommodar.

AMOLADOR, subs. pessoa aborrecida, impertinente.

AMOTAR, v. deitar, cahir, derrubar. „Dei-lhe uma bordoadada e elle amoitou.“ (Heracito, *Campeiro Riograndense*.)

ANDADOR, adj. Diz-se do cavallo despachado, que não é lerdo.

ANDADURA, subs. marcha ou andar do cavallo — animal de excellente andadura. Bom commodo.

ANDAR, subs. „Aquelle cavallo é do *andar* do capitão, isto é, é o cavallo de sua montaria ou em que costuma montar; animal manso de *andar* é o que é ensinado para montaria, pois póde ser manso e não ser de *andar* ou de montaria.“ (Romaguera, *Vocabulario*.)

ANDARENGO, subs. caminhador, viajor; pessoa que viaja constantemente a cavallo. „...guásca *andarengo*, avido de horizonte, attrahido pelas encruzilhadas.“ (Alcides Maya, *Alma Barbara*.)

ANDARIVEL, subs. postes que se fincam na cancha entre dois corredores, para evitar máo jogo, isto é, impedir que os animaes saiam da recta a percorrer. Não só essa precaução como o proprio termo, já estão hoje em desuso. Raramente ouvimos pronunciar esse vocabulo.

ANGURREADO, adj. desanimado, adoentado, triste. (Darcy Azambuja, „Galpão“, *Vocabulario*.)

ANILHO, subs. parte da colhéra que circunda o pescoço do animal. E' vocabulo de origem platina.

ANIMAL, subs. habitualmente se emprega para designar os animaes cavallares.

ANIMAL DE TIRO, subs. cavallo de resistencia.

ANIMALADA, subs. grande numero de animaes, especialmente cavallares.

ANSIM, adv. o mesmo que *assim*.

ANTA, subs. pessoa interesseira, esperta, que de tudo procura tirar vantagens.

APARTACÃO, subs. separar um certo numero de animaes de outros. *Apartação* de gado; separar o gado no rodeio; aparte.

APARTE, subs. O mesmo que *apartação*.

APARTAR, v. separar ou escolher o gado.

APEIAR, v. descer, desmontar; apeiar-se do cavallo; apeiar-se da diligencia. E' termo muito usual.

APERADO, adj. Cavallo bem aperado, é o que está ricamente ajaezado.

APERAR, v. pôr os apêros no cavallo de montaria.

APERAGEM, subs. O mesmo que *apêro*. As *apera*-gens do meu uso.

APÊROS, subs. „apparelho de guascas com prata ou com corredores de tentos para uso do cavallo; consta o apêro das redeas, buçal, buçalete, cabresto, mania, cabeçadas, rabicho, peitoral e da trava que se prende á mania para prender além das patas dianteiras uma das traseiras.“ (Cezimbra Jacques, *Costumes do Rio Grande do Sul*.)

APERREADO, adj. enfesado, enfraquecido, acobardado, abatido.

APERTENCER, v. o mesmo que pertencer.

APESTEAR, v. adoecer, andar mal de saúde.

APINCHAR, v. *atirar* (o laço) e, figuradamente, lançar um objecto qualquer duma pessoa para outra. Apinchar o laço num touro chucro; apinchar-me o relho. E' vocabulo de origem guarany e usado na zona serrana do Estado. (Apolinario Porto Alegre, *Popularium Riograndense*.)

APLASTADO, adj. diz-se em relação ao cavallo que está cansado ou abatido.

Deixou-se apenas pegado,
Para não se ficar de a pé
Um redomão pangaré
Que vinha um tanto aplastado.

(RAMIRO BARCELLOS
Antonio Chimango)

APOJAR, v. deixar o terneiro mamar pela segunda vez depois de se ter tirado o primeiro leite.

APOJO, subs. o leite mais denso e gorduroso que se obtem no final da ordenhação.

APORREADO, adj. cavallo aporreado, matungo aporreado, diz-se em relação áquelle que o domador nunca conseguiu amansar acabando por abandoná-lo de todo.

APORRINHAR, v. o mesmo que aborrecer, encommodar.

APOTRADO, adj. com geito ou manhas de potro.

APOTRAR-SE, v. ficar arisco como potro. Emprega-se no sentido figurado: „Não te apotres que domadores não faltam.“ (Simões Lopes Netto, *Cousas gaúchas.*)

APRUMAR-SE, v. melhorar de negocios, endireitar-se, arranjar-se.

AQUERENCIADEIRA, adj. égua aquerenciadeira, égua *madrinha*.

AQUERENCIADO, adj. animal bovino ou cavalgar acostumado em lugar certo.

AQUERENCIADOR, adj. que aquerencia animaes.

AQUERENCIAR, v. acostumar o animal a viver ou andar com outros em sitio certo e conhecido.

ARANHA, adj. Diz-se em relação á pessoa enleuada, trapalhona, sem geito para cousa alguma, embaraçada.

ARANHA, subs. carrinho de duas rodas muito uzado em viagens na campanha.

ARENGUEIRA, adj. Diz-se em relação a tropa que re-demoinhando, assustada, ameaça disparar.

ARISCO, adj. chucro, assustado, que não se deixa ap-nhar. Gado arisco, cavallo arisco.

ARMADA, subs. voltas que se dão com o laço quando se pretende atiral-o.

ARMAR, v. preparar o laço para atirar.

ARPISTA, adj. o mesmo que arisco.

ARPISTAR-SE, v. p. espantar-se, tornar-se arisco. (D. Azambuja, „Galpão“, Vocabulario.)

ARRANCHAMENTO, subs. vocabulo derivado de *rancho*; casebres rusticos feitos de barro e capim com a feição primitiva dos aldeamentos de indios; moradia de pobre no campo ou nos arredores das cidades e povoados.

ARREADOR, subs. relho de açoiteira comprida para tocar tropa.

ARREGANHADO, adj. e p. do verbo *arreganhar*; cavallo improprio para o serviço de tracção.

ARREGANHAR, v. „cerrar os queixos do cavallo cansado, de tal sorte que não se lhes póde tirar o freio, batendo-lhe muito o coração e destendendo-se as ventas em consequencia de uma viagem forçada em tempo de muito calôr.“ (C. Teschauer, *Poranduba Rio-Grandense.*)

ARREGLAR, v. combinar, conseguir qualquer negocio.

ARREGLO, subs. combinação ou ajuste de negocio, no geral não muito licito; arranjo.

ARREIOS, subs. E' o conjunto de peças com que se ensilha o cavallo para montaria. Os arreios constam do xergão, xerga, carona, lombilho ou então serigóte, cincha, pellegos, coxonilho, badana, sobre-cincha, rabicho, peitoral, freio, redeas, buçal, etc. E' a cama do gaúcho quando em viagem. Este vocabulo é empregado exclusivamente no plural.

ARREIAR, v. afrouxar, intimidar-se. Aquelle guasca é destemido: não *arreia* a cartucheira.

ARREMATADO, adj. o ultimo toque que se dá em qualquer cousa. Serviço bem *arrematado*, no sentido de bem acabado.

ARREMATAR, v. dar o ultimo retoque.

ARREMEIADO, adj. veja *remediado*.

ARRENDADO, adj. redomão bem *arrendado*, emprega-se o termo em relação ao animal que obedece as redeas com bocal antes de se uzar o freio.

ARRENDAR, v. fazer o cavallo obedecer o governo das rédeas antes de ser usado o freio.

ARRENDAR, v. passar a outrem qualquer negocio, por tempo determinado. Fulano *arrendou* a Beltrano o seu campo.

ARRENDAMENTO, subs. de *arrendar*.

ARRENEGAR, v. o mesmo que *arrelhar*.

ARRIBAR, v. adquirir melhor aspecto, começar a engordar ou crear carnes, depois de um periodo de magresa. O termo é empregado não só em relação a pessoas como aos animaes. — O meu cavallo está *arribando* pouco a pouco.

ARRINCONAR, v. pôr animaes em um rincão. Acampar.

ARROCINADOR, subs. campeiro que *arrocina* cavallos.

ARROCINAR, v. deixar apto para todo o serviço o cavallo recentemente domado.

ARROLHAR, v. intimidar o adversario, derrotal-o antes de chegar ás vias de facto.

ARRUÁ OU ARUÁ, adj. espantadiço.

ASPA, subs. corno, guampa, chifre.

ASPUDO, adj. o que tem aspas ou chifres grandes e ponteagudos. O mesmo termo é também empregado no sentido offensivo.

ASSADO, subs. churrasco; qualquer pedaço de carne preparado no boralho, nas brasas ou no espeto. E' o alimento tradicional do gaúcho riograndense principalmente nas lides das estancias, havendo diversas maneiras de fazel-o, sendo também os mais preferidos o de *matambre*, de *costéla* e o saboroso *assado com couro*.

ASSENTADA, subs. parada brusca que se faz a cavallo quando este vae a galope.

ASSOLEADO, adj. Diz-se do animal que, castigado pelo sol e pelo calôr, cansa muito ligeiro, principalmente quando gordo.

ASSOLEAR, v. cansar, acobardar o animal sob a canicula

ASSUMPTAR, v. pesquisar, descobrir, tentar negocio.

ATAMBEIRADO, adj. com ares de tambeiro (novilho manso).

ATAR, v. ajustar, conchavar uma carreira.

ATADO, adj. indeciso, amarrado. Pessoa sem geito para cousa alguma.

ATEMPADO, adj. adoentado. Este termo é muito empregado no linguaajar da campanha.

Andava sempre *atempado*;
Volta e meia... era churrio,
Pontadas pelo vasio,
Dôr de barriga enxaqueca,
Catapora, tosse sêcca...
Mas nunca tinha fastio.

(RAMIRO, *Antonio Chimango*)

ATOPETAR, v. encher, abundar. Casa *atopetada* de mercadorias, invernadas *atopetadas* de gado de córte.

ATROPILHAR, v. reunir em grupo os animaes cavallares do mesmo pêlo. Veja-se *entropilhar*.

AVE, adj. esperto, matreiro, arisco, que difficilmente se deixa apanhar.

AVESTRUZ, subs. o mesmo que abestruz.

AVESTRUZEIRO, subs. pessoa caçadora de avestruz.

AVEXAR, v. molestar, perseguir, fazer envergonhar.
"— Vá contando o causo e não se *avéxe*." (Alcides Maya, *Tapéra*.)

AVIOS, subs. vocabulo empregado sempre no plural. Avios de péscã, avios de caça, avios de matte, avios de fogo. E' o conjunto de objectos indispensaveis para uma pescaria, uma caçada ou para fazer o matte ou se obter o fogo por meio do isqueiro.

AZULAR, v. fugir apressadamente. O ladrão *azulou* logo que foi presentido.

AZULEGO, adj. „cavallo de pello oveiro, de pintas miudinhas, brancas e pretas e que de longe parece azul e constitue uma variedade rarissima." (Coruja, *Annuario do Rio Grande do Sul*, 1904.)

(Continúa)

Não estando ainda publicado em volume o „Vocabulario Gaúcho“, acceitamos, com prazer, as observações e suggestões que nos queiram fazer sobre o assumpto.

Nota do auctor.



VIAGEM AO RIO GRANDE DO SUL POR AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE

(Traduzido por Adroaldo Mesquita da Costa)

Capitulo IV

A barra do Rio Grande. - Profundidade variavel. - Padre Francisco Ignacio da Silveira, cura do Rio Grande. - Systema de contemporização do General Lecor em Montevidéo. - Influencia do clima. - Descrição do Rio Grande. - Decadencia provavel desta cidade. - Seu commercio. - Nascimentos em 1819 e 1820. - Rio Pelotas. - Visita á casa do Snr. Chaves. Navegação do canal e do rio Pelotas. - Descrição da morada e do cortume do Snr. Chaves. - A parochia de São Francisco de Paula. - O Snr. Paiva, rendeiro geral dos dizimos. - Dois francezes estabelecidos em São Francisco de Paula. - Estado da exportação do Rio Grande desde 1805 até 1819. - Cultura do canhamo. - Os escravos das xarqueadas maltratados. - O Snr. Chaves. - S. Francisco de Paula. Importação do Rio Grande.

Rio Grande, 19 de Agosto. — O conde foi hoje á barra e eu o acompanhei. Embarcámos em uma galéra pertencente ao rei, e cuja tripulação trajava de branco. Do Rio Grande á barra contam-se, approximadamente, duas leguas. O canal de navegação segue quasi sempre a direcção norte—sul e é indicado por balisas, que têm o inconveniente de serem hastes mui fracas e que, por consequencia, pode facilmente leval-as a corrente. Chegados á barra, desembarcámos na ponta do sul, onde o terreno é completamente arenoso. Na margem, ha uma casa bastante grande, coberta de colmo, na qual se estabeleceu uma guarda de „ordenanças“, encarregada de visitar as embarcações que saem, para verificar si ahi se encontra algum desertor. Junto desta casa estão algumas peças de artilharia sem reparos, destinadas a defender a entrada da barra. Embarcámos na ponta do sul, atravessámos a barra, que tem pouca largura, dirigimo-nos para a ponta do norte, onde estão collocadas, igualmente, algumas peças de artilharia.

De Laguna até o Rio Grande, a natureza, por si mesma, proveiu a defesa da costa, e aqui, onde a barra, já por si apre-

senta tantas difficuldades, ella poderia ser ainda defendida por fogos cruzados, partidos das duas margens. Junto ás baterias, ha uma casa coberta de telha, destinada a receber um destacamento de soldados. Além, vê-se uma torre quadrada que serve de balisa aos navegadores e que se descobre á distancia de seis leguas ao largo; nos arredores, vêm-se algumas choupanas construidas sem ordem.

Nada ignala a tristeza desses logares. De um lado, o Oceano, que muge, e do outro, o rio. O terreno extremamente plano e quasi ao nivel das aguas do mar, é todo de areia esbranquiçada, onde crescem, apenas, plantas esparsas, principalmente o cardo morto. As choupanas, mal conservadas, só annunciam miseria: despojos de navios semienterrados na areia, recordam pungentes desgraças e a alma se enche, a pouco e pouco, de melancolia e horror. O refluxo das aguas do rio produzido pelo mar e a falta de profundidade são as causas das difficuldades que apresenta a barra e dos naufragios frequentes que ahi se dão. Para prevenil-os, têm-se tomado, entretanto, diversas precauções. A torre, da qual já fallei, indica a entrada do rio aos navegantes. Ha um homem encarregado de sondar constantemente a barra e de avisar ás embarcações si a quantidade de agua, que varia sem cessar, lhes permite entrar; estas tambem fazem signaes, para indicar a quantidade de agua de que necessitam; emfim, quando saem ou entram, o piloto da barra, numa barca denominada catraia, sobre um banco de areia lodosa do canal de navegação, e por meio de uma bandeira, que elle inclina de um lado ou de outro, mostra o caminho a seguir. O piloto recebe dez mil reis de cada embarcação que sae e outro tanto das que entram.

A barra do Rio Grande apresenta uma singularidade notabilissima, e é que não permanece constantemente no mesmo logar. Nesses ultimos vinte annos, passava-se por um canal mais ao norte do da barra actual, mas as areias entulharam-no, a pouco e pouco, ficando elle completamente obstruido no decorrer do ultimo anno, dando, actualmente, passagem, apenas a pirogas. A nova barra começára a ser aberta acerca de cinco annos atrás e tornou-se perfeitamente navegavel na época em que a outra se fechou. Por esta barra póde-se entrar com todos os ventos: de este para o sul e de sul para oeste.¹⁾

¹⁾ Tudo o que digo aqui sobre a barra do Rio Grande, deve ser alterado. (V. o Diario de 18 de junho de 1821.)

Rio Grande, 27 de Agosto. — Rio Grande se estendia outróra bastante para oeste. As areias obstruíram ruas inteiras. A população mudou-se, a pouco e pouco, para leste; conquistou-se terreno ao lago, lançando-se-lhe areia e entulhos. Casas que se achavam, ha trinta annos, no meio da cidade, estão hoje na sua extremidade occidental. E isto, emfim, não admira, porquanto, só depois da insurreição das Colonias Hespanholas foi que esta cidade começou a florescer e que se construiu a maior parte das casas mais importantes que ahi se encontram ainda hoje.

Como a barra é muito perigosa e a carne secca dos arre-dores é de qualidade inferior á de Buenos Ayres e de Montevidéo, era principalmente nesses portos que se ia busca-la antigamente; mas, depois da guerra, Rio Grande tornou-se o centro deste commercio e, por consequencia, um ponto importantissimo para o Brasil. Em toda a Capitania do Rio Grande do Sul, não ha um unico convento. Si se dêr credito ao que se diz, os padres não são aqui mais edificantes que alhures. Paga-se aos curas meia palaca por occasião da communhão pascal. Ha alguns delles bastante ricos. O do Rio Grande¹⁾ é uma das pessoas desta cidade a que fui recommendado; é sexagenario, tem alguma instrucção e muito gosto pela historia natural. Recebeu-me muitissimo bem e prestou-me alguns serviços de pouca monta, mas confesso que fiquei mui pouco edificado, vendo em sua casa tão grande numero de moças. Uma é sua filha, outra, sua sobrinha, a terceira uma filha adoptiva. Entre ellas, a sobrinha, d. Maria Clemencia, é como que um phenomeno, apprendeu o francês sem nenhum mestre e fala regularmente esse idioma; tem lido muito; possúe alguma instrucção e conversa muito bem.

Como já tenho dito muitas vezes, os habitantes desta capitania passam, por assim dizer a vida a cavallo e, muitas vezes transportam-se a grandes distancias com tal rapidez que parece superior ás forças humanas.

Um moço meu conhecido acaba de percorrer em dois dias sessenta leguas portuguezas, do Rio Grande a Santa The-reza. Entretanto, um exercicio tão violento acarreta muitas vezes graves inconvenientes para a saúde, occasionam mais de uma vez escarros de sangue e não é raro vêrem-se, neste paiz, pessoas com aneurismas.

¹⁾ Padre Francisco Ignacio da Silveira. Este excellente padre já não existe. Os habitantes do Rio Grande lembrar-se-ão sempre delle com saudade.

Os portuguezes, após a guerra, apoderaram-se de numero consideravel de animaes dos Hespanhoes; são accusados por estes de terem iniciado esses roubos, antes mesmo que comessem as hostilidades, e, por seu turno, elles accusam os Hespanhões de terem sido os primeiros a dar o exemplo destes roubos.

Um official muito honesto que acompanha o conde e que parece veridico contou-me que no começo da guerra elle commandava, na fronteira, um destacamento de soldados, na qualidade de Alferes e que lhe tinham dado ordens expressas de não agir contra os Hespanhões, qualquer que fosse a situação; que estes faziam continuamente incursões nas terras portuguezas, que o commandante delles recebia os escravos fugitivos e os fazia passar para o interior a juntarem-se com Artigas; que um dia perdendo a paciencia, elle se resolvera a repellir a força com a força e que fôra por isso punido com prisão.

Segundo o character, bem conhecido, dos Gauchos, é licito crêr que quando foi proclamada a independencia, aproveitaram elles os primeiros momentos de desordem para arrebataram animaes nas estancias portuguezas e que os Portuguezes, por sua vez, tambem os furtaram das estancias hespanholas.

Não é tambem de admirar que o governo portuguez tivesse severamente prohibido seus officiaes de iniciarem qualquer hostilidade enquanto não tivesse tomado decisivamente qualquer deliberação.

Quasi que se não encontra um official que não brade contra o systema de contemporização adoptado pelo General Lecor. Diz-se que o resultado deste systema foi o despovoamento de três capitánias, as de S. Paulo, de Santa Catharina e Rio Grande, e o arcar o Estado com enormes despezas.

Accrescenta-se que Lecor, sem hostilizar os proprietarios da campanha de Montevidéo, podia, ao mesmo tempo, emprehender guerra activa contra Artigas, conducta que, parece-me, não seria incompativel.

Entretanto, para justificar Lecor, cumpre dizer-se que elle encontrava os maiores obstaculos nos costumes das tropas que commandava.

Não se póde recusar ao exercito portuguez europeu valor e experiencia, mas não tinha o minimo conhecimento desta região e devia permanecer sem utilidade em uma guerra de partido que tomava um character particular quanto aos costumes

e habitos absolutamente extranhos aos europeus. Como poderiam, por exemplo, sujeitar-se os europeus a viver unicamente de carne sem sal, sem farinha e sem pão! Desde que necessitasse de outra alimentação, cumpria que o exercito fôsse acompanhado de bagagem consideravel e, então, não poderia actuar com rapidez indispensavel. Os caçadores acostumados á guerra de escaramuças foram, de toda a divisão, a tropa de que se tirou mais partido, mas a cavallaria obedecendo a principios mui certos, não estava muito habituada a montar cavallos semi-selvagens e a trocal-os continuamente, para poder oppôr-se á de Artigas. Eu sei, indirectamente, pelo Sr. D. D. D. S. que a divisão do general Lecor custou ao governo português 14 milhões de cruzados, desde sua passagem por Santa Catharina, até 1819.

Rio Grande, 28 de Agosto. — Ha varios dias que o conde de Figueira partiu do Rio Grande. Não o acompanhei porque os meus preparativos ainda não estavam terminados. Eu projectára ir daqui, por agua a uma villa nova e, diz-se, muito florescente que fica situada no Rio São Gonçalo, canal que estabelece communicação entre a Lagôa Mirim e a dos Patos, e eu devia acompanhar, nesta viagem, um xarqueador chamado Chaves,¹⁾ que é um dos homens mais esclarecidos desta zona. Mas, como parece que o Sr. Chaves vae transferir sua partida, e como nada mais tenho a fazer aqui, vou renunciar a esta excursão.

Muitas vezes tenho observado em minhas viagens quanto é poderosa a influencia do clima. Ella se manifesta até nos animaes; pois na zona torrida, os cães ladram pouco; são tímidos; fogem á menor ameaça; e nesta capitania, ao contrario, ladram muito, e, frequentemente, perseguem os transeuntes com audacia e furor. Nada é tão commum nesta capitania como o furto de animaes; existe, de tal modo, o habito desta especie de roubo, que o consideram quasi como legitimo, e creou-se uma palavra honesta para o exprimir.

Rio Grande, 29 de Agosto. — Disse-me, hoje, o Sr. Chaves que partirá amanhã, o que me satisfaz sobremodo, pois esta viagem já está muito prolongada; a lembrança de minha mãe me persegue continuamente, e eu, presentemente, conto os instantes que passo longe della. O sól já se demora mais tempo no horizonte, já não faz frio e todos os pessegueiros estão carregados de flôres. Fiz um longo passeio longe pelas mar-

1) Antonio José Gonçalves Chaves.

gens da Mangueira, e encontrei em flôr um *cerastium* e duas arenarias. Os diversos passeios que tenho feito pela faixa de terra onde está construída a cidade do Rio Grande, provaram-me que ella é inteiramente coberta de areia se é que isto também não acontece nas margens do Rio Grande, e nas da Mangueira.

Rio Grande, 30 de Agosto. — Soprou, hoje, um vento muito fórte que nos impediu, ainda, de partir. Tenho já falado, em varios artigos deste diário, do Rio Grande e da sua situação; vou reunir hoje os traços principaes das minhas descrições. Em Canguçu, a Lagôa dos Patos se estreita, forma um coto-vello e até á barra ella segue a direcção noroeste—sudeste; neste espaço, que póde ter cerca de 7 leguas, perde ella o seu primeiro nome e dá-se-lhe o de Rio Grande. A uma legua da barra ha uma península muito estreita, que se estende de leste para oeste, numa extensão de duas leguas approximadamente e encerrada entre duas enseadas ou canaes: um ao sul, que se chama a *Mangueira*, é formado por uma entrada das aguas do rio nas terras; o outro, ao norte, acha-se comprehendido entre a faixa de terra e as ilhas dos Cavallos e dos Marinheiros, das quaes, a primeira tem pouca extensão e a segunda, cerca de duas leguas de comprimento, e não deixa, na sua extremidade, entre si e a terra firme, sinão uma passagem estreita, apenas navegavel por pirogas.

A extremidade oriental da península, as margens da Mangueira e do rio, apresentam terrenos pantanosos e banhados pelas aguas do mar. Em toda parte, porém, ha areias amontoadas, esbranquiçadas e extremamente finas, onde não crescem outras plantas, sinão alguns pés esparsos de cardo morto.

E' para a extremidade oriental da península, á entrada do canal comprehendido entre ella e as ilhas, que está construída a cidade do Rio Grande de São Pedro do Sul, residencia de um Juiz de Fôra e séde de uma parochia.¹⁾ Estende-se parallelamente ao canal, por consequencia de leste para oeste, compõe-se de seis ruas muito desiguaes, atravessadas por outras extremamente estreitas, chamadas *becos*. A mais longa das ruas, chamada *da praia*, estende-se pela margem do canal; a que segue é um pouco menos longa; as outras quatro são tanto mais curtas, quanto mais se afastam desta ultima e a mais comprida dellas não excede da metade da rua da Praia. Como todas estas ruas começam no mesmo ponto, resulta pelo

¹⁾ Escola nacional de latim, aberta em 2 de Outubro de 1820.

seu comprimento e respectiva posição que a cidade apresenta, em seu conjuncto mais ou menos a forma de um triangulo alongado, cuja base está a leste.

A rua da Praia é larga, mas não é perfeitamente recta; é edificada de casas cobertas de telhas, construidas com ladrilhos e têm janellas envidraçadas; a maior parte dellas é de um andar, e varias com sacadas de ferro. E' nesta rua que estão situadas quasi todas as pharmacias e a maior parte das vendas, umas e outras igualmente bem sortidas.

No resto da cidade vêm-se pouco mais de seis a oito casas assobradadas, e as quatro ultimas ruas compõem-se quasi que unicamente de miseraveis casébres, cujos tectos são bastante altos, porém, mal conservados, pequenos, construidos de pau a pique e onde moram pessoas pobres, operarios e pescadores. Nas duas ruas principaes, vêm-se ladrilhos na frente das casas, entretanto, nenhuma dellas é calçada; enterram-se ahi os pés na areia e caminha-se com difficuldade por causa da areia de que estão cheias.

Na entrada da cidade ha um pequeno forte (reducto) em terra, construido ha cerca de vinte e cinco annos, tão mal situado que parece destinado a bater a cidade.¹⁾ Junto deste forte ha uma praça quadrada, cercada de casas mui sujas, afastadas umas das outras, e no meio da qual está um grande poço de pedra que fornece muito bôa agua. Deixou-se no meio da rua da Praia uma interrupção de cerca de 600 passos no alinhamento das casas mais proximas da agua e destê modo formou-se na margem do lago uma praia alongada, onde cresce uma relva finissima e que poderia ser bellissima si ahi se plantassem algumas arvores. Desta praça avista-se, além das aguas, a ilha dos Cavallos e dos Marinheiros; e ao nordeste percebe-se, ao longe, o Norte e as embarcações ancoradas de frente desta villa. Esta paisagem, porém, é pouco agradável, não apresenta nenhum ponto sobre o qual se possa demorar o olhar com prazer. As ilhas são, como já tenho dito, muito chatas, e tudo na paisagem parece estar ao nivel.

Numa das extremidades da praça de que acabo de falar ha um bello trapiche. E' formado por um armazem que tem 16 passos de comprimento por 20 de largura, e cujo tecto, coberto com telhas, é sustentado por barrotes de madeira muito fracos. Descarregam-se as mercadorias no armazem, por meio de um guindaste, sóbe-se para elle por duas escadas e em der-

¹⁾ Começou-se a destruil-o em 1826.

redór estão collocados bancos. A ponte pela qual se chega ao armazem é de madeira. Mede 70 passos de comprimento com o seu pilar, e é cercada por um peitoril ao qual estão encostados uns bancos.

Além da Igreja parochial, só ha no Rio Grande mais duas, as de São Francisco e do Carmo. As duas primeiras apresentam uma singularidade bastante notavel: são contiguas. A Igreja parochial tem duas torres e seis altares, além do da Capella-mór. Comtudo, é pequena e nada tem de notavel, mais do que as outras. A repartição da Alfandega está situada na praça quasi defronte ao armazem e merece apenas ser citada. O mesmo acontece com o edificio da camara municipal (casa da camara), casa muito pequena que só tem andar térreo, e com a qual um particular não se contentaria. Ha no Rio Grande um hospital onde se recebem os soldados de linha, os milicianos e alguns pobres. Nada é mais triste que a situação do Rio Grande, pois, por todos os lados só se avista areia, pantano, e agua, e nos arredores nada se vê que possa recrear a vista, nem mesmo uma arvore. Só ha um pequeno numero de casas com jardim, e este, em geral, é apenas um quadrado de terra estreito, onde, todavia se cultivam legumes, com exito; vêm-se ainda alguns pessegueiros, figueiras, e algumas laranjeiras. Costuma-se plantar ahi, tambem a figueira n.º..., porque o seu crescimento é rapido e dá uma bella sombra.

A situação do Rio Grande é tambem pouco favoravel para o commercio, porque é triste, pois que, sómente os hiates podem fundear deante da cidade; as embarcações mais consideraveis são obrigadas a permanecer no Norte. Si esta cidade é florescente deve-o unicamente ao facto de ahi estár situada a alfandega, e porque é obrigatorio transportarem-se, para ahi, todas as mercadorias que chegam ao Norte. Prive-se desta vantagem artificial e inteiramente contraria á natureza das coisas, e ella não tardará a decahir.

Como quer que seja, esta cidade é, no momento, o centro de um commercio considerabilissimo, o da carne secca, couros, sebo e trigo, fornecidos pela parte mais importante da capitania. Contam-se ahi varios negociantes riquissimos; o mobiliario das casas, bem como o vestuario dos homens, revelam, em geral, a riqueza. Entretanto, isto data de 8 annos a esta parte, isto é, depois da insurreição das colonias hespanholas, quando esta cidade começou a florescer. Antes desta época, só existiam ahi choupanas, casébres. Como em todas as ci-

dades commerciaes, os salarios dos operarios e a mão de obra são muito caros no Rio Grande, mas a carne é ahí muito barata, o pão menos caro e mais abundante do que nas outras partes do Brasil, porque se colhe muito trigo nos arredores. Como não ha madeira no Rio Grande, ella é muito cara. A que aqui se queima vem de Camaquam, perto da Lagôa. E' verdade que na ilha dos Marinheiros ha alguma lenha, mas é reservada para o consumo do hospital, do corpo da guarda e para alguns pobres aos quaes se permite ir alli buscar-a.

Numa das ruas do Rio Grande, ha um mercadinho (quitanda) onde negros acorados vendem legumes, taes como couves, cebolas, alfaces e laranjas. Como já tenho dito, não ha aqui nascentes, nem fontes de agua dôce, mas, atrás da cidade, entre os monticulos de areia (este logar se chama *Geri-banda*), cavaram-se poços, onde, a alguns palmos de profundidade, se encontra muito boa agua. Os negros vão buscar-a em barris e retiram-na do poço com cornos de bois, no meio dos quaes é introduzida uma vara, instrumento este que elles denominam de *Guampa*. A população do Rio Grande é de cerca de dois mil habitantes, entre os quaes ha muitos europeus e apenas um pequeno numero de mulatos. O sangue aqui é geralmente muito bom; os homens são de bello porte e de apparencia agradável. As mulheres têm lindos olhos, são geralmente bonitas, mas de traços pouco delicados e de maneiras pouco graciosas; entretanto, conforme já tenho dito, são, em todo caso, infinitamente superiores ás das capitánias centraes.

Rio Grande, 2 de Setembro. — Os diversos productos dos animaes são aqui os primeiros objectos que se encontram á mão e se empregam de todas as maneiras. Já disse que os negros iam buscar agua, providos de uma longa vara espetada num corno de boi; vejo aqui cornos de bois nas casas, e quando se quer transportar areia ou tijolos, utiliza-se, a guisa de viatura, um couro arrastado sobre a terra, por dois bois e atado á canga, por meio de uma corda igualmente de couro. Percebe-se que, deste modo, só se pode conduzir uma pequenissima quantidade de materiaes, e que, assim se multiplicam inutilmente as jornadas e se retarda o trabalho. A julgar da sua lentidão e dos poucos meios que empregam para economisar o tempo, dir-se-ia que os Brasileiros se julgam eternos.

Rio Grande, 3 de Setembro. — Foi, como tenho dito, de oito annos a esta parte, que o commercio do Rio Grande tomou

vulto e que esta cidade se tornou florescente. Antes desta época, Montevideo e Buenos Ayres estavam, principalmente, de posse do commercio de couros e da carne secca, mas o commercio se trasladou para esta capitania depois que as colonias hespanholas desta parte da America se tornaram o theatro de discordias civis, e a planicie de Montevideo, em particular, o de uma guerra externa. Conta-se (Matheus da Cunha Telles) que no decorrer da guerra actual, os Portuguezes arrebataram um milhão de rezes das estancias hespanholas; as xarqueadas das vizinhanças de Montevideo tiveram de ser defendidas, para que o paiz não ficasse na contingencia de morrer de fome. A capitania do Rio Grande do Sul tornou-se, pois, riquissima em animaes, á custa de seus vizinhos, ao mesmo tempo que desfructava, pelo menos no interior, uma paz favoravel ao seu commercio e da qual os mesmos vizinhos estavam privados.

Ha oito annos, não se viam aqui sinão casébres, e, actualmente, conta-se um grande numero de casas bem bonitas e assobradadas. Naquella época, um hiate, apenas, bastava ao commercio do Rio Grande, e hoje os negociantes desta cidade possuem mais de cem hiates, que transportam de mil a dois mil alqueires. Exportavam-se, por anno, perto de vinte mil couros do porto do Rio Grande, mas em 1813, a exportação elevou-se a 215 500; em 1814, a 298 140; em 1815, a 269 830; em 1816, a 207 525; em 1817, a 172 045; em 1818, a 189 280; em 1819, a 150 860. Essas informações são as ultimas e exactissimas, pois quem m'as forneceu foi o sargento-mór Matheus da Cunha Telles, que é socio de João Rodrigues Pereira de Almeida, numa empresa de couros. O sargento Matheus deu-me tambem a relação das quantidades de couros que sahiram, durante os mesmos annos, de Porto Alegre, mas elle as reputa como approximativas: avalia em 150 000 os que foram exportados daquella cidade em 1813; em 170 000 os que foram em 1814; em 155 000, a exportação de 1815; em 140 000, a de 1816; e, enfim, em 125 000, a dos três annos de 1817, 1818 e 1819. Por essas exportações, pode-se avaliar a de carne secca e a de sebo, pois cada animal produz 4 arrobas de carne secca e 12 de sebo. Os estancieiros matam grande numero de animaes para seu proprio gasto, mas o consumo de couros está, mais ou menos, na mesma proporção, pois, conforme já disse, neste paiz, emprega-se o couro em mil coisas differentes. Si as exportações foram menos consideraveis em 1819 e neste anno, foi porque houve escassez de sal, que não permittiu

matar-se tão grande numero de animaes como nos annos anteriores. Espera-se, por isso, que o preço dos animaes diminuirá no decorrer das proximas xarqueadas, porque os estancieiros, embora geralmente bastante ricos para poderem esperar, serão obrigados a vendel-os, para que se não acabem as pastagens e para evitar que os animaes, reunidos em grande numero, se tornem selvagens. Para cada animal que se mata, precisa-se de meio alqueire de sal. A quantidade de trigo, que sáe, annualmente, do Rio Grande eleva-se a 200 000 alqueires. E' exportado em grandes saccoes de couro, contendo 8 alqueires cada um.

Rio Grande, 4 de Setembro. — Segundo o que me disse o cura do Rio Grande, a sua parochia tem sessenta leguas de comprimento, por vinte de largura, mais ou menos, e nesta extensão, ella comprehendia, em 1819, 5125 individuos, a saber: 1195 brancos, 1388 brancas, 17 indios, 26 indias, 61 mulatos livres, 98 mulatas livres, 32 negros livres, 38 negras livres, 1391 mulatos e negros escravos, 879 negras e mulatas escravas.

Neste anno, os nascimentos elevaram-se a 225, e os mortos a 163, a saber: 38 brancos, 25 brancas, 2 indios, 6 mulatos livres, 4 mulatas livres, 4 negros livres, 5 negras livres, 4 mulatos escravos, 4 mulatas escravas, 44 negros escravos, 27 negras escravas.

Margens do Rio Pelotas, 5 de Setembro de 1820. — Fui hontem, á tarde, á casa do Sr. Chaves e elle me disse que partiria esta manhã. Effectivamente ás dez horas, embarcámos em uma *lancha* e dirigimo-nos para o hiate do Sr. Chaves, que estava ancorado á pequena distancia do Rio Grande. Trouxe commigo o Firmiano e deixei na cidade o Larlotte. Quanto ao José Marianno, passou elle todo o tempo, em que estive no Rio Grande, na estancia da Mangueira, situada entre a enseada do mesmo nome e a Lagôa, e fez ahi uma bella collecção de passaros. Esta estancia pertence a um amigo de Matheus da Cunha Telles, o tenente *Vieira*, que tratou muito bem ao José Marianno. Para desembaraçar-me deste, durante parte da minha viagem a Montevideo, pedi ao Tenente General Marques que o recommendasse a qualquer pessoa de São Miguel, logar situado na extremidade da Lagôa Mirim; tomei uma passagem para elle, num hiate que deve tocar em S. Miguel, e, até á minha chegada, elle ali me esperará, caçando e preparando passaros.

Retorno á minha viagem de hoje. Dirigimo-nos, a principio, para o norte, depois para noroeste, seguindo sempre a

mesma róta das embarcações que viajam para Porto Alegre. Até Itapera o canal de navegação é muito estreito e as aguas, que se estendem do lado do canal, têm pouca profundidade; e isto não admira, porque seu volume augmenta pouco entre Itapuan e Rio Grande e, tambem porque, ao sul de Itapera, ellas se espalham numa superficie muito mais consideravel do que a que banham antes. Resulta de tudo isto que a navegação da lagôa é muito difficil e que, durante as tempestades, que são muito frequentes, perdem-se, ahi, embarcações, muitas vezes.

Hoje, o tempo esteve muito calmo; avançavamos lentamente e não sentiamos o minimo balanço.

Tivemos, a principio, á nossa direita, as costas vizinhas do Rio Grande e, á nossa esquerda, a ilha dos Marinheiros. Passámos, em seguida, defronte á ilha de *Torutama*, que fica abaixo da dos Marinheiros. Ha madeiras ahi, e disseram-me que tambem ha algumas casas.

Na margem oriental da lagôa, deixámos para traz, monticulos de areia, que se chamam *areias gordas* e, do mesmo lado, vimos uma ilhota denominada *Ilha dos ovos*, porque, diz-se, um numero prodigioso de passaros de diversas especies vae pôr os ovos alli.

Entretanto, uma chuva muito forte obrigou-nos a descer do convés do hiate, e eu fiquei privado do prazer de vêr os logares por onde passavamos. Só subi ao convés á entrada do rio S. Gonçalo, que não é propriamente um rio, mas um canal estreito, ligando a Lagôa dos Patos á Mirim.

Diz-se (o Sr. Chaves) que a corrente do rio S. Gonçalo se dirige, conforme os ventos, ora para a Lagôa dos Patos, ora para a Mirim, mas que nas enchentes, é para a Lagôa dos Patos que elle se dirige. A' entrada do rio S. Gonçalo, a Lagôa dos Patos tem, segundo dizem, 2 leguas.

Ahi, deixámos a róta de Porto Alegre e entrámos no rio que póde ter a largura do Loire defronte a Orleans. As margens, muito planas, são cobertas de pastagens com algumas arvores espalhadas. A noite nos surpreendeu cedo e me impossibilitou de distinguir os objectos.

Contam-se 7 leguas de Porto Alegre á entrada do rio S. Gonçalo; fizemos ainda 2 leguas e, em seguida, entrámos num outro rio chamado Pelotas, em cujas margens está situada a

casa do Sr. Chaves, onde chegámos após termos viajado mais meia legua.

O rio Pelotas, disseram-me, tem 12 leguas de curso e é navegavel pelos hiates numa extensão de meia legua. Além, é obstruido por troncos de arvores e ramagens. A viagem de hoje foi muito agradável. O Sr. Chaves é um homem de espirito, que sabe latim, francês e que tem lido a historia e conversa muito bem. Pertence á classe dos xarqueadores, que são fabricantes de carne secca. Os xarqueadores compram os animaes dos estancieiros; mandam matar-os e retalhar-os; a carne é salgada e, depois de secca, vendida aos commerciantes.

As marés fazem-se sentir no Rio Grande, mas não têm ahí nada de regular. Os ventos têm sobre ellas grande influencia.

Margens do rio Pelotas, 6 de Setembro de 1820. — Como fôsse muito tarde quando chegámos hontem á casa do Sr. Chaves, nada pude dizer, ainda sobre ella.

Está situada num ponto favorabilissimo, pois que os hiates podem chegar até lá e mesmo muito além. A casa do dono só tem andar terreo, mas é muito grande, coberta com telhas e um pouco elevada do sólo. O interior é dividido em peças muito grandes, que se communicam, interiormente, uma com as outras, e têm, ao mesmo tempo, aberturas para fóra.

Installei-me num gabinete escuro, adjacente a uma sala de jantar, genero de distribuição este adoptado em todo o Brasil. Mesas, cadeiras e canapés, constituem o mobiliario do Sr. Chaves; as commodas e as secretarias são moveis inteiramente novos no Brasil e só se encontram em um restricto numero de casas. O rio Pelotas, que tem mais ou menos, a largura do Essone, defronte a Pithiniers, passa ao lado da casa.

Corre numa vasta planicie, e do lado opposto, ha uma pequena elevação onde se vêem algumas casas cobertas de telhas.

Defronte á casa do Sr. Chaves, estende-se um bello relvado e, mais ao longe, avistam-se varias ordens de grossos moirões cravados na terra. Têm cerca de 4 pés, e terminam, cada um, por uma forquilha. Estas forquilhas recebem longas varas transversaes e é sobre estas que se faz seccar a carne no tempo das xarqueadas. Ao lado desses seccadores fica a casa onde se salga a carne e onde está construido o reservatorio, chamado tanque. Quando se mata o animal, retalha-se, sal-

gam-se os pedaços e collocam-se, uns sobre os outros, no tanque, em que se impregnam de salmoura. No fim de 24 horas retiram-se, e é então, que se estendem sobre os seccadores, onde ficam oito dias, quando o tempo é bom. A carne secca não pôde conservar-se mais de um anno. Desta região ella é exportada pará o Rio de Janeiro, Bahia e Havana, servindo ahi de alimento aos negros.

Os animaes emmagrecem no inverno, mas engordam quando a terra se cobre de gramma nova. E' em novembro, quando já estão regularmente gordos, que começam as xarqueadas, as quaes duram até abril e maio. Além do seccador de que acabo de falar, o Sr. Chaves tem um jardim rodeado de fossos e mimosos espinheiros actualmente desprovidos de folhas. E' o maior jardim que tenho visto desde que estou no Brasil, exceptuadas algumas quintas dos arredores de S. Paulo. Compõe-se de extensas alamedas obliquas de pessegueiros, entremeiados de laranjeiras.

Essas alamedas convergem para um centro commum, e entre ellas ha canteiros de legumes, taes como couves, favas, alfaces e ervilhas. Vi tambem, neste jardim, macieiras, pereiras, ameixeiras, cerejeiras e parreiras, que se elevavam á altura do apoio. O Sr. Chaves queixa-se de que as especies de arvores fructiferas introduzidas nesta região, são todas de qualidade inferior.

O jardim do Sr. Chaves foi todo plantado novamente; admirei ahi pessegueiros de 3 annos apenas, e que tinham já de 12 a 15 pés; laranjeiras de 4 annos attingem á mesma altura.

Choveu todo o dia e eu não pude passeiar no campo.

Rio Pelotas, 7 de Setembro. — Embora o tempo fôsse de chuva, fiz hoje uma longa herborização e colhi varias plantas que se relacionam com generos da Europa. E' o anemona n.º 1864, a rainunculacea n.º 1843 bis, o *Cerastium* n.º 1871 e o *Carex* n.º 1865. O que ha de notavel aqui, é que as especies que entre nós pertencem a esses generos florescem igualmente no começo da primavera.

Os relvados já estão mais verdes, mas os bréjos ainda apresentam só hervas seccas. Nos bosques, mais ou menos um terço das arvores e dos arbustos perderam as folhas durante o inverno e não começaram ainda a cobrir-se de novas folhas. Quando passei pela freguezia do Estreito, vi ahi pessegos novos,

já crescidos. Aqui, como no Rio Grande, a vegetação é muito menos rapida, pois as petalas das flôres dos pessegueiros apenas começam a cahir.

Rio Pelotas, 8 de Setembro. — Fui, hoje, com o Sr. Chaves, á Parochia de S. Francisco de Paula. Fomos em cabriolé descoberto. Nada é mais bello que a região que percorremos. É uma vasta planicie, da qual algumas partes são ligeiramente onduladas. Por toda parte o terreno apresenta grammados com arvores e bosques esparsos, onde pastam cavallos e rêzes. Um grande numero de bonitas casas cobertas de telhas eleva-se aqui e acolá, e cada uma dellas tem um jardim cercado de fossos profundos, e aquem dos quaes passa um renque de *Opuntias* ou Bromelias. Algumas cercas são feitas com montes de leivas, outras com cabeças de bois, munidas dos cornos, e empilhadas umas sobre as outras. Nos jardins, na maior parte bastante grandes, são plantadas laranjeiras, pessegueiros, parreiras, legumes e algumas flôres. Do lado do poente, o horizonte é limitado pela Serra dos Tapes, a leste, pelo rio S. Gonçalo, que estabelece uma communicação facil entre este bello recanto e todas as partes das Lagôas Mirim e dos Patos. O aspectó da região recorda tudo o que a Europa tem de mais risonho, e os jardins, onde só se vêm arvores novas e as casas recém-construidas, dão a essas campinas um ar de frescura e de novidade que as embellecem ainda mais.

Antes de irmos á Parochia de S. Francisco de Paula, que fica a um quarto de legua do canal de S. Gonçalo, fomos a uma casa situada á margem do canal fronteira á Parochia, e que pertence ao rendeiro geral dos dizimos, para o qual eu trazia uma carta de recommendação. Defronte a esta casa, o canal de S. Gonçalo pode ter a mesma largura do braço dos Montées, defronte ao ermo de Plissai; passam ahi, continuamente, muitos hiates, que animam a paisagem; do outro lado do canal se estende uma orla de bosque. Em casa do rendeiro dos dizimos fui recebido num salão baixo, de paredes sómente caiadas, mas muito limpo, mobilado com elegancia, o que me fez lembrar certas casas de campo dos arredores de Hamburgo. Varios negociantes do Rio Grande e alguns proprietarios da vizinhança, todos mui bem vestidos, estavam reunidos em casa do rendeiro geral. Entre elles, estava um velho, que se estabeleceu neste recanto, cerca de vinte annos, e que foi o seu primeiro habitante. Então, as margens do canal eram co-

bertas de mattas e macegas; elle as derribou, limpou o terreno e vendeu, por lotes, uma grande parte de sua propriedade.

A região, que venho descrevendo, a todo o momento, e que se estende entre o rio Pelotas, o rio S. Gonçalo e a parochia de S. Francisco de Paula, pertence a xarqueadores, e as casas, das quaes já falei, são as suas habitações. Não podiam escolher um local mais favoravel, pois ahi recebem, sem nenhuma difficuldade, os animaes que vêm das gordas pastagens situadas ao sul do Jacuhy, e, em seguida, embarcam sua carne secca e seus couros no rio Pelotas, ou no rio S. Gonçalo. Entre elles, ha homens riquissimos. O sr. Chaves, por exemplo, que começou como simples empregado, gosa, hoje, de uma fortuna de seiscentos mil francos. O estabelecimento de xarqueadores nas margens do rio S. Gonçalo deu logar á formação da parochia de S. Francisco.

Após termos deixado a casa do Sr. Paiva, o rendeiro geral dos dizimos, regressámos a esta villa, que, como já disse, dista um quarto de legua do rio S. Gonçalo e é situada numa vasta planicie; foi erigida em séde de parochia e já se contam ahi mais de cem casas.

Segue-se um plano regular na construcção desta villa. As ruas são bastante largas e alinhadas; a praça publica, onde está construida a Egreja, é pequena, mas muito linda. O frontispicio da maior parte das casas é limpo. Não se vê em S. Francisco um unico casebre; tudo ahi denuncia abastança. E' verdade que as casas só têm andar terreo, mas são muito bem construidas; são cobertas de telhas e guarnecidas de vidraças.

Os homens, que tenho visto, trajam bem e com asseio, e ha varias pharmacias sortidas com toda a qualidade de mercadorias. Os habitantes de S. Francisco são operarios e, principalmente, negociantes. Algumas casas do Rio Grande mudaram-se para ahi, e é de crêr-se que, dentro em pouco, esta villa será augmentada de um grande numero de novos habitantes, attrahidos pela posição favoravel, pela belleza da região e pela riqueza dos que já estão ahi estabelecidos. E' bem verdade que S. Francisco de Paula é um pouco afastada do rio S. Gonçalo, mas o caminho, que conduz do canal á villa, é bellissimo, e é provavel que não tardará a ser margeado de casas e que cêdo formará uma rua da villa. As terras da parochia de S. Francisco são uma mistura de areia e terra negra, e são pro-

prias para todo genero de cultura; mas, como já o disse, são muito divididas e pertencem aos xarqueadores, que não se occupam em cultivar-as e contentam-se em ter um jardim. Os viveres consumidos na região vêm, em grande parte da Serra dos Tapes, que fica a quatro leguas de S. Francisco, onde o sólo é fertil, e onde se cultiva, com vantagem, o milho, o feijão e, sobretudo, o trigo.

Dois Francêses estão estabelecidos em S. Francisco de Paula. Visitei-os. Um delles, M. T., é um cirurgião gascão, muito jovem ainda, que eu vira no Rio de Janeiro e que me divertira pela sua presumpção. Depois desta época, conheceu o mundo, casou-se aqui e tornou-se mais sensato. Entretanto notei-lhe ainda esta falta de prudencia e este espirito de pouco caso que os Francêses mostram demasiado, muitas vezes, quando estão em paiz estrangeiro. Elle me fez do povo desta região uma pintura verdadeira, sob certos aspectos, mas exaggerada sob varios outros. Descrever-lhe-ei os traços de accôrdo com as minhas proprias observações. Os habitantes desta Capitania são ricos e não têm outra ambição senão a de enriquecer mais; mas sua fortuna pouco contribue para lhes tornar mais agradável a existencia; nutrem-se mal e não conhecem nenhum divertimento honesto. Seus instantes de lazer empregam-nos em jogos, ou em pequenas intrigas que uns formam contra os outros. A maior parte é ignorante e sem educação; como não conhecem nenhum principio de honra e de moral, em regra usam pouco de bôa fé em seus negocios.

O segundo Francês, que fui vêr, é um homem de espirito, mas muito singular. Ha muito tempo que deixou seu paiz, fala perfeitamente o portugûes e até compõe versos nesta lingua. Entretanto, não esqueceu a sua, e isto pode ser citado como uma excepção, pois ha tal semelhança entre a nossa lingua e o portugûes, que, no fim de um certo tempo, quasi todos os Francêses que vivem muito tempo com os Portuguezes misturam os dois idiomas... M. T. demonstra ter muito senso, instrucção, alegria, mas pensa ter revelações; imagina que a Virgem lhe fala e que faz milagres em seu favor. Esta mania, contudo, só o leva a praticar actos de virtude. Elle se suppõe chamado a ensinar a mocidade e muitas vezes tem ido dar licções longe, no campo, para obedecer, disse-me elle, ás ordens da Virgem, que attendera ás preces que as bôas mães de familia lhe dirigem por seus filhos. Foi por ordem da Virgem que elle se estabeleceu em S. Francisco de Paula e ahi instrúe

as crianças sem exigir remuneração de ninguém, não aceitando nem sequer aquillo que é indispensavel para satisfazer ás necessidades mais urgentes da vida. Fiquei sensibilizado pelo ar de persuasão e pela simplicidade com que me falou das revelações com que a Virgem o distingue; e não o fiquei menos, pelo amôr que elle mostra por seus alumnos e pela doçura com que lhes falla. Gosto, disse-me elle, de lhes explicar o Evangelho; fallo-lhes do Menino Jesus: represento-lh'Os bello e amavel, tal como o deve de ter sido e os concito a tomarem-n'O por modelo. M. T. louva muito a docilidade e as boas disposições de seus discipulos; mas queixa-se de que os paes destróem sua obra. Clama contra a pouca religião dos padres, contra a falta geral de instrucção e contra a avidez e a má fé dos habitantes desta Capitania.

Vou inscrever o extracto da exportação do Rio Grande durante varios annos. Este me foi fornecido pelo Sr. Chaves.

Anno de 1816. Carne secca. Para o Rio de Janeiro, 169 879 arrobas; para a Bahia, 236 371; Pernambuco, 215 136; Santa Catharina, 950; Campos, 2000; Havana, 74 230. Total: 707 116 a 700 = 494 981 200. *Sebo.* Para o Rio de Janeiro, 36 698 arrobas; Bahia, 14 242; Pernambuco, 4836; Santa Catharina, 640; Campos, 159; Havana, 480. Total: 57 055 a 1200 = 68 466 000. *Graxa.* Para o Rio de Janeiro, 4836 arrobas; Santa Catharina, 390; New York, 56. Total: 5282 a 1200 = 6 338 400. *Crina.* Para o Rio de Janeiro, 657 e $\frac{1}{2}$ arrobas a 700 = 460 250. *Barris de carne salgada.* Para o Rio de Janeiro, 250 a 9600 = 2 400 000. *Couros de boi.* Para o Rio de Janeiro, 153 866; Bahia, 26 224; Pernambuco, 7555; Santa Catharina, 300; Campos, 32; Guernesey, 4407; Porto, 11 452; New York, 13 675; Havana, 1311; Alexandria, 6816. Total: 225 638 a 1200 = 270 765 600. *Couros de jumento.* Para o Rio de Janeiro, 1746; Guernesey, 63; New York, 320. Total: 2129 a 400 = 851 600. *Alqueires de trigo.* Para o Rio de Janeiro, 224 958 e $\frac{1}{2}$; Santa Catharina, 2023. Total: 226 981 e $\frac{1}{2}$ a 1600 = 363 070 400. *Cornos.* Para o Rio de Janeiro, 365 700; Bahia, 500; Pernambuco, 21 100; Guernesey, 700; Porto, 4800; New York, 96 800; Havana, 24 350; Alexandria, 14 500. Total: 528 450 a 1000 = 5 284 500. Total das exportações: 1 212 617 950.

Anno de 1817. Carne secca. Para o Rio de Janeiro, 164 180 arrobas; Bahia, 234 103; Pernambuco, 61 260; Santa

Catharina, 2771; Laguna, 800; Maranhão, 12 075; Campos, 3500; Montevidéo, 8800; Havana, 72 796. Total: 560 285 a 1360 = 761 987 600. *Sebo*. Para o Rio de Janeiro, 21 584 e $\frac{1}{2}$; Bahia, 10 719; Pernambuco, 1070; Santa Catharina, 400; Maranhão, 125; Campos, 110; Salem, 15. Total: 34 023 e $\frac{1}{2}$ a 1920 = 65 325 120. *Graxa*. Para o Rio de Janeiro, 5268; Bahia, 30; Santa Catharina, 114; Laguna, 50; Campos, 20; Montevidéo, 2722. Total: 8204 a 1920 = 15 751 680. *Crina*. Para o Rio de Janeiro, 478; Bahia, 38; Salem, 81. Total: 597 a 2560 = 1 528 320. *Barris de carne salgada*. Para o Rio de Janeiro, 100; Montevidéo, 644. Total: 744 a 12 800 = 9 523 200. *Couros de boi*. Para o Rio de Janeiro, 138 754; Bahia, 15 890; Pernambuco, 5063; Maranhão, 85; Havana, 59; Salem, 3190; Antuerpia, 6193. Total: 169 234 a 1440 = 243 696 960. *Couros de jumento*. Para o Rio de Janeiro, 3389; Salem, 4000. Total: 7389 a 400 = 2 955 600. *Alqueires de trigo*. Para o Rio de Janeiro, 102 409; Bahia, 141; Pernambuco, 4093; Santa Catharina, 1503; Campos, 100; Montevidéo, 1200. Total: 109 446 a 2000 = 218 892 000. *Cornos*. Para o Rio de Janeiro, 172 489; Bahia, 8000; Pernambuco, 16 800; Havana, 14 500; Salem, 36 000. Total: 247 789 a 2000 = 4 955 780. Total das exportações de 1817: 1 324 616 260.

Anno de 1818. Carne secca. Para o Rio de Janeiro, 187 484 arrobas; Bahia, 227 898; Pernambuco, 88 909; Santa Catharina, 6840; Capitania do Espirito Santo, 2500; Havana, 120 790. Total: 634 421 a 1600 = 1 015 073 600. *Sebo*. Para o Rio de Janeiro, 34 390 arrobas; Bahia, 11 699; Pernambuco, 1377; Santa Catharina, 330; Capitania do Espirito Santo, 50; Havana, 60. Total: 47 906 a 2000 = 95 812 000. *Graxa*. Para o Rio de Janeiro, 8055; Pernambuco, 124; Santa Catharina, 400; Total: 8579 a 2000 = 17 158 000. *Crina*. Para o Rio de Janeiro, 304; New York, 2422. Total: 2726 a 2560 = 6 978 560. *Barris de carne secca*. Para o Rio de Janeiro, 324; Montevidéo, 29. Total: 353 a 12 800 = 4 518 400. *Couros de boi*. Para o Rio de Janeiro, 158 152; Bahia, 14 840; Pernambuco, 2410; Santa Catharina, 120; New York, 4536; Havana, 44. Total: 180 102 a 1440 = 259 346 880. *Couros de jumento*. Para o Rio de Janeiro, 773; Santa Catharina, 1108; New York, 109. Total: 1990 a 400 = 796 000. *Cornos*. Para o Rio de Janeiro, 243 696; Bahia, 4400; Pernambuco, 3120; Havana, 24 600; New York, 20 000. Total: 295 816 a 2000 = 5 916 320. Total das exportações de 1818: 1 405 599 760.

Anno de 1819. Carne secca. Para o Rio de Janeiro, 165 458 arrobas; Bahia, 204 193; Pernambuco, 148 069; Santa Catharina, 5650; Maranhão, 8700; Havana, 44 990. Total: 577 060 a 1600 = 923 296 000. *Graxa.* Para o Rio de Janeiro, 5902 arrobas; Pernambuco, 246; Santa Catharina, 120; Montevidéo, 800. Total: 7068 a 2000 = 14 136 000. *Sebo.* Para o Rio de Janeiro, 30 651 e $\frac{1}{2}$ arrobas; Bahia, 9240; Pernambuco, 2393; Santa Catharina, 308; Maranhão, 110. Total: 42 702 e $\frac{1}{2}$ a 2000 = 85 405 000. *Crina.* Para o Rio de Janeiro, 211 e $\frac{1}{2}$ arrobas; Bristol, 6000; Boston, 2588. Total: 157 551 a 1500 = 236 323 500. *Couros de jumento.* Para o Rio de Janeiro, 2604 a 320 = 833 280. *Alqueires de trigo.* Para o Rio de Janeiro, 110 254 e $\frac{1}{2}$; Pernambuco, 1112; Santa Catharina, 751 e $\frac{1}{2}$; Montevidéo, 100. Total: 112 218 a 1280 = 143 639 040. *Mulas.* Para Surinam, 203; Cayenna, 80. Total: 283 a 2000 = 1 536 000. *Cornos.* Para o Rio de Janeiro, 205 978; Pernambuco, 8230; Maranhão, 2500; Havana, 9970; Bristol, 16 000. Total: 242 728 a 2000 = 4 854 560. *Total das exportações de 1819:* 1 409 753 640.

No anno de 1805, exportaram-se do Rio Grande 196 762 couros de boi, 574 051 arrobas de carne secca, 40 684 arrobas de sebo, 95 061 alqueires de trigo, 254 471 cornos. *Em 1806,* 183 405 couros de boi, 475 258 arrobas de carne secca, 36 832 arrobas de sebo, 62 863 alqueires de trigo, 232 004 cornos. *Em 1807,* 231 784 couros de boi, 600 135 arrobas de carne secca, 44 712 arrobas de sebo, 93 298 alqueires de trigo, 279 620 cornos. *Em 1808,* 141 456 couros de boi, 494 102 arrobas de carne secca, 37 036 arrobas de sebo, 108 648 e $\frac{3}{4}$ arrobas de trigo, 232 681 cornos, 920 barris de carne salgada. *Em 1810,* 200 985 couros de boi, 564 150 arrobas de carne secca, 44 773 arrobas de sebo, 143 983 alqueires de trigo, 224 694 cornos, 753 barris de carne salgada. *Em 1811,* 230 870 couros de boi, 5802 couros de jumento, 713 953 arrobas de carne secca, 58 229 e $\frac{1}{2}$ arrobas de sebo, 152 271 e $\frac{1}{2}$ alqueires de trigo, 333 949 cornos, 508 barris de carne salgada. *Em 1812,* 223 821 couros de boi, 826 486 arrobas de carne secca, 69 617 e $\frac{1}{2}$ de sebo, 151 185 e $\frac{1}{4}$ alqueires de trigo, 297 766 cornos, 177 barris de carne salgada. *Em 1813,* 224 474 couros de boi, 756 635 arrobas de carne secca, 69 103 arrobas de sebo, 257 342 alqueires de trigo, 172 698 cornos, 4935 arrobas de Graxa, 455 barris de carne salgada. *Em 1814,* 285 578 couros de boi, 959 295 arrobas de carne secca, 82 545 e $\frac{1}{2}$ arrobas de sebo, 211 926 e $\frac{1}{4}$ alqueires

de trigo, 254 068 cornos, 8518 e $\frac{1}{2}$ arrobas de Graxa, 790 barris de carne salgada. Em 1815, 277 241 couros de boi, 754 060 arrobas de carne secca, 58 093 arrobas de sebo, 255 782 arrobas de trigo, 286 830 cornos, 4617 e $\frac{1}{2}$ arrobas de Graxa, 1237 barris de carne salgada.

Rio Pelotas, 9 de Setembro. — Fiz hoje uma herborização, mas nada obtive. Como tenho dito, a gramma dos prados está já bem verde; mas não se dá o mesmo com as pastagens um pouco afastadas das habitações e nas quaes os animaes não pastam frequentemente. As folhas seccas do anno anterior ainda encobrem os brótos novos, não se vê, ahí, nenhuma flôr e os campos conservam sempre a côr acinzentada do inverno.

O Sr. Chaves envia ao Rio Grande o seu hiate, carregado de carne secca; devo aproveitar esta occasião e partirei esta tarde.

Rio Pelotas, 10 de Setembro. — Soprou, hoje á tarde, um vento muito forte, continuou até agora e não me permittiu partir. Como o clima desta região assemelha-se muito ao da Europa, as plantas de Portugal devem de medrar aqui, todas as vezes que suas sementes são semeadas, ou mesmo quando trazidas por acaso e lançadas á terra. Encontram-se nos jardins e nas vizinhanças das habitações varias especies que pertencem á flora da Europa e que se multiplicaram com tanta abundancia, que se poderia quasi duvidar si suas sementes são trazidas com as dos legumes cultivados, ou si são indigenas. Posso citar a *malva commun*, a *mustarda*, uma *caryophyllada*, a *poa annua* que fórma quasi todos os prados, uma *linaria* e o *rumex pulcher*, a *Alsina media* e algumas outras. O rainunculo n.º... é menos abundante que as especies precedentes, mas custa-me a crêr que seja natural desta região. Será necessario comparar na Europa todas estas plantas com as especies á que ellas me parece se relacionarem, para verificar si não ha realmente alguma differença.

Desde o ministerio do marquez de Pombal, o governo português procurou introduzir a cultura do canhamo nesta Capitania, mas até este momento seus esforços têm sido inúteis. Os cultivadores, receiosos, em primeiro logar, de que os esforços de seu trabalho ficassem sem retribuição, e seguros do beneficio que produz a cultura do trigo, não quizeram entregar-se a ensaios, cujo resultado lhes parecia incerto. Creio, entretanto, que o canhamo não medra muito bem em terras

humidas, negras e misturadas com areia que são tão frequentes nesta região. O Sr. Chaves mostrou-me canhamo que colheu em sua fazenda, em terreno semelhante e que achei bello, si bem que um pouco grosso. Pretende dedicar-se a esta cultura, e para isso, deverá enviar um memorial ao conde da Figueira.

Rio Pelotas, 11 de Setembro. — O tempo hoje está terrivel; não pude nem sequer sahir, e o vento impede-me sempre de partir. A mesa do meu hospedeiro é servida com abundancia; é principalmente a carne de rez que ahi se apresenta sob todas as formas; entretanto, comemos pão e bebemos vinho. Os negros das xarqueadas são tratados com muito rigôr. O Sr. Chaves é considerado um dos xarqueadores mais humanos, no entanto elle e sua mulher só falam com seus escravos com extrema severidade, e estes tremem diante dos seus patrões. Ha sempre na sala um negrinho de 10 a 12 annos, que permanece de pé, prompto a ir chamar os outros escravos, a trazer um copo d'agua e a fazer todos os pequenos recados necessarios ao serviço interior da casa. Não conheço creatura mais desgraçada do que esta creança. Não se assenta, nunca ninguém lhe sorri, nunca se diverte, passa a vida tristemente apoiado á parede e é, muitas vezes, martyrizado pelos filhos de seu patrão. Quando anoitece, o somno o domina, e quando não ha ninguem na sala, põe-se de joelhos para poder dormir; esta casa não é a unica onde ha este habito de se ter sempre um negrinho ao pé de si para utilizar-se d'elle, quando necessario.

Disse que nesta capitania os negros eram tratados com brandura e que os brancos se familiarisavam com elles mais do que noutros logares. Isto é verdadeiro para os escravos das estancias, que são poucos, mas não o é para os das xarqueadas que, sendo em grande numero, se communicam reciprocamente todos os vicios que trazem da capital, e, por consequencia, devem ser tratados com mais rigor.

Acordaram-me hoje, muito cedo, dizendo-me que o vento amainara e que podiamos partir. Embarquei no hiate do Sr. Chaves com um amigo seu e seguimos o mesmo caminho por onde viéramos. Pouco terei de accrescentar a respeito desta região.

As margens do rio S. Gonçalo e do rio Pelotas são mui planas, o campo é aprazivel e coberto de capões e pastagens. Chegâdos ao Norte, desembarcámos numa sumaca pertencente ao Sr. Chaves e dahi partimos para o Rio Grande em uma

lança. A primeira pessoa que vi, ao chegar, foi o José Marianno. Disse-me elle que partira para S. Miguel, mas que não fôra além de S. Francisco de Paula, porque o hiato em que embarcára devia permanecer vinte dias naquella parochia. Fingi acreditar nesta patranha, mas estou convencido de que elle voltou porque se aborreceu da viagem. O que mais me desagrada em tudo isto é ter de levar-o commigo.

Encontrei novamente, aqui, o conde de Figueira que fôra até Santa Thereza, fortaleza situada na fronteira, e que já regressou d'alli. Recebeu-me elle com a sua habitual bondade e fez-me muitas perguntas sobre a minha viagem a S. Francisco de Paula. O Sr. conde de Figueira conquistou, com toda a justiça, o amor e o reconhecimento dos habitantes desta capitania, porque a salvou duas vezes das garras de Artigas; mas não é esta a unica razão que o tornou o idolo deste povo. O marquêz de Alegrete, seu predecessor, era um homem fraco que deixava o commandante do districto e o mais simples official exercerem livremente uma auctoridade despotica sobre os seus inferiores. Cercára-se de ajudantes de campo que vendiam todas as concessões cujo exemplo era seguido pela maioria daquelles que tinham algum poder. A capitania estava entregue ao mais terrivel latrocínio; mas tudo mudou de aspecto depois que o conde foi nomeado governador geral e se cercou, tanto quanto pôde, de homens honestos; elle vê tudo com os seus proprios olhos; ouve a todos, e é justo tanto para com o rico como para com o pobre. Não é um homem instruido, só tem idéas vulgares, mas tem a vantagem de conhecer perfeitamente a provincia que governa, a qual elle percorreu toda; tem um espirito recto, é justo, bom, alegre, delicado, accessivel e animado do ardente desejo de fazer a felicidade do povo e de evitar que os subalternos soffram vexames. Como já tenho dito, elle tem ainda um grande merito aos olhos dos habitantes desta capitania; monta a cavallo tão bem quanto elles, é activo, transporta-se com promptidão de um lugar para outro e conforma-se, sem queixar-se, com todas as circumstancias.

Rio Grande, 13 de Setembro. — Os governadores tinham aqui uma casa, mas tem sido tão mal cuidada que não está em condições de os receber. Ha no Rio Grande duas prisões, uma civil e outra militar, ambas muito pequenas e separadas da Camara. Entre os negociantes do Rio Grande, varios nasci-

dos na Europa, começaram como marinheiros e nem sequer sabem lêr.

Como já disse em minha viagem a Minas, os portuguezes que se estabelecem no Brasil, quasi todos ignorantes e sem educação, retardam mais a civilização deste paiz do que a fazem progredir.

Quando um dos Estados da Europa está em guerra, todas as suas provincias fornecem soldados, e, por consequencia, si a nação entra em lucta, toda ella se torna belligerante. Não se verifica a mesma coisa no Brasil, a fronteira meridional deste paiz não gosa, desde muito tempo, sinão de curtos intervallos de paz; mas, á excepção de algumas tropas enviadas de S. Paulo e de Santa Catharina, todos os soldados que luctaram contra a Hespanha foram recrutados nesta capitania. Nenhum recruta foi fornecido pelas provincias do centro nem pelas do Norte. Resulta disto que, emquanto os habitos desta capitania são militares, os habitantes das outras provincias cahiram, mais e mais, na inercia e na indolencia.

E' claro, no entanto, que é do maximo interesse para o soberano de um imperio tão vasto evitar a menor differença possivel entre as provincias que o compõem e procurar inculcirlhes o mesmo espirito. Sei que os Mineiros e os Goyanos custariam a acostumar-se ao modo de vida desta região mas estão mais proximos della que da dos Europeus, e não se têm tido receio de mandar vir regimentos de Portugal.

A frugalidade dos Mineiros e suas poucas necessidades tornal-os-iam, certamente, menos incapazes que os Europeus de se adaptarem aos habitos desta região, e aqui seriam menos inuteis. Para introduzir, com mais facilidade o mesmo espirito militar em todas as provincias do Brasil, poder-se-ia, parece-me, reenviar, cada anno, uma parte dos antigos soldados das outras capitancias para os seus penates e substituil-os por novos recrutas. Esta capitania seria uma especie de escola para as outras. Ellas adquiririam, então, actividade, espirito militar e este espirito nacional que não existe e que a guerra faz sempre nascer.

Rio Grande, 14 de Setembro. — S. Francisco de Paula é, sem favor, a villa do Rio Grande em que se encontra maior numero de xarqueadas. Existem, actualmente, dezoito xarqueadas nessa parochia, e o termo medio de rezes abatidas desde alguns annos, é de cento e vinte mil.

A parochia de S. Francisco de Paula é limitada ao N. pelo rio *Camaquã*; ao S., pelo *Arroio das Pedras* e pelo rio *Piratininga*; a L. pela *Lagôa dos Patos* e pelo rio *S. Gonçalo*; a O., pela *Serra dos Tapes*.

Embora ha muitos mezes não se abatam animaes nas xarqueadas, sente-se ainda, nos arredores, um cheiro bastante forte de matadouro, e, por isso, pode-se julgar quanto deve ser desagradavel este cheiro nos tempos de matança. Nesta época, diz-se que ninguem se póde approximar das xarqueadas sem ficar coberto de moscas. Quando imagino esta porção de animaes sangrados, o sangue correndo abundantemente, ossos amontoados, esta prodigiosa quantidade de pedaços de carne expostos nos seccadores, parece-me que esses logares devem de inspirar nauseas e horror.

Tenho observado muitas vezes que os Mineiros não têm muito apêgo ao seu torrão. Com effeito, nenhum habito particular ahi os prende, e não se preoccupam em melhorar suas condições.

Cumpre accrescentar tambem que a intelligencia, que lhes é natural, lhes permite, em qualquer logar, meios faceis de subsistencia.

Os habitantes desta capitania, pelo contrario, não saem nunca dos seus penates, porque sabem que alhures seriam obrigados a renunciar ao habito de andar constantemente a cavallo, e que, em parte alguma achariam carne em tão grande abundancia. Temem, sobretudo, embarcar, e todas as embarcações que fazem o commercio desta capitania são tripuladas por estrangeiros.

Infêre-se das estatisticas que foram fornecidas pelo Sr. Chaves, que o valor dos objectos importados pelo Rio Grande, em 1816, se eleva a 1000441380 réis. Os valores maiores foram fornecidos pelo *Rio de Janeiro*. Esta cidade enviou para cá 12 496 alqueires de sal, 4676 alq. de farinha de mandioca, 567 de arroz, 10 657 arrobas de assucar branco, 989 arrobas de assucar bruto, 89 cestas de marmelos seccos, uma grande quantidade de caixas de doces, de chocolate, 1012 e $\frac{1}{2}$ arrobas de café, 36 caixas de chá, 604 pipas de vinho, 659 barris de vinho, 938 pipas de aguardente, 71 barricas de cerveja, de vinhos e licores em garrafas, 27 barris de presuntos, 1 caixa de presuntos, 100 cestas de toucinho, 217 barricas de bacalhão secco, 188 barris de man-

teiga e queijo de diversos paizes, 746 latas de azeitonas, 31 barris e 366 vidros de azeitonas, 6833 arrobas de fumo, 620 escravos, tecidos, entre outros, 167 904 e $\frac{1}{2}$ varas de algodão de Minas, fazendas, drogas, louças, vidraçarias, enfeites, quinquilharias, artigos de luxo para senhoras, moveis, em uma palavra, todas as mercadorias que vêm da Europa.

As mercadorias vindas da Bahia para o Rio Grande, montam a 91 307 200 réis. E são: 35 285 alqueires de sal, 400 alq. de farinha, 201 de arroz, 108 pipas de vinho, 7 barris de vinho, 135 pipas de aguardente, 12 escravos, 364 arrobas de assucar branco, 11 arrobas de assucar mascavo, 4628 arrobas de cal, $\frac{1}{2}$ arroba de estopa do paiz, moveis e diversas mercadorias da Europa.

As mercadorias vindas de Pernambuco montam a 21 357 800. E são: 20 850 alq. de sal, 573 arrobas de assucar, 4 pipas de vinho, 16 barris de vinho, $\frac{1}{2}$ pipa de aguardente, 4 escravos, 28 arrobas de estopa do paiz, 1000 cocos, moveis e alguns artigos da Europa. As importações de Santa Catharina montam a 11 752 900. E são: 27 943 alq. de farinha, 3 724 alq. de arroz, 174 arrobas de assucar branco, 44 arrobas de assucar mascavo, 212 barris de melado, 732 arrobas de café, 169 pipas de aguardente, 6 barris de aguardente, 38 escravos, 296 pacotes de riscado, 7 pacotes de tecido de linho, 15 arrobas de fio de algodão, 11 arrobas de algodão e lã, 500 cantaros, 195 peles curtidas de cervos, 504 alq. de milho, 169 de amendoim, 81 duzias de taboas, 414 peças de madeira para construção, 6520 ripas, 40 portas, 30 portadas, 36 mocós de cal, 4000 telhas, 6000 tijolos, e mercadorias da Europa.

Santos enviou cerca de 26 641 800 réis de mercadorias, a saber: 1534 arrobas de assucar branco, 848 arrobas de assucar mascavo, 18 alqueires de farinha de mandioca, 76 de arroz, 7 arrobas de café, 43 arrobas de fumo, 2 barris de vinho, 43 pipas de aguardente, 11 escravos, 4739 varas de algodão, 17 saccos de fios de algodão, 200 alq. de cal, 500 duzias de ripas, 20 vigas, $8\frac{1}{2}$ duzias de gamellas, e alguns artigos da Europa. As remessas feitas por Paranaguá elevam-se a 4 459 500 rs., a saber: 246 alq. de arroz, 250 alq. de matte, 282 cestos de herva matte, 14 arrobas de café, 30 arrobas de toucinho, 2 escravos, 2 mós de moinho, 1582 ripas, 184 duzias de caibros, 206 $\frac{1}{2}$ duzias de pranchas, 107 portadas, 415 vigas, 9 barrotes de prumo, 8 vagontes, 149 $\frac{1}{2}$ mocos de cal. Vieram directamente de *Lisboa*: 7 pipas de vinho, 26 barris de vinho, 276 garrafas

de vinho, 72 medidas de aguardente, 4600 alq. de sal, de sal-chichas, chocolate, alguns tecidos da Europa e da India, 50 machados, 100 enxadas, 198 foices, montando tudo em 8 741 410.

Porto forneceu 122 pipas de vinho, óleo, chapéos, machados, enxadas, quinquilharias, etc., num total de 22 648 300. *S. Sebastião*, na provincia de S. Paulo, enviou 86 pipas de aguardente, 800 arrobas de assucar branco, 90 arrobas de assucar mascavo, 90 de café, 416 arrobas de fumo, 8 escravos, alguns objectos de louça e algumas mercadorias da Europa, num total de 1 113 310 rs. *Paraty* forneceu 4 pipas de vinho, 57 pipas de aguardente, 3 barris de laranjas, 38 arrobas de fumo, 15 arrobas de assucar bruto, 26 arrobas de café, 30 alq. de farinha, 54 cestas de toucinho, algumas miudezas da Europa, num total de 431 900. A *Ilha Grande* enviou 16 pipas de aguardente, no valor de 960 000 rs. *Campos de Goitacazes* forneceu 87 pipas de aguardente, 4 de melado, 1823 arrobas de assucar branco, 506 arrobas de assucar mascavo, 1160 varas de algodão, 33 alq. de arroz, num total de 9 458 600. A capitania do *Espirito Santo* forneceu 135 arrobas de fio de algodão, 540 000½ varas de algodão, 1 escravo, 12 alq. de arroz, num total de 720 000 rs. *Rio S. Francisco* enviou 2091 alq. de farinha, 261 alq. de arroz, 2 carás de assucar, 42 arrobas de café, 30 Ps. de bitas, 10 mocós de cal, 100½ duzias de ripas, tudo no valor de 1 855 000. *Cananéa* enviou 2289 alq. de cal, 93 duzias de ripas, 34 vigas, no total de 383 500 rs. *Laguna* forneceu 1600 alq. de farinha, 400 alq. de amendoim, no valor tudo de 824 000. Da ilha da *Bôa Vista* (Cabo Verde) vieram 7930 alq. de sal, no valor de 3 172 000 e da ilha de *Maio*, 4200 alq. no valor de 1 680 000 rs. *Gibraltar* forneceu 1514 alq. de sal, 1 de óleo, genebra, alguns presuntos, um pouco de papel, no valor total de 901 600. De *Cadiz* vieram 1568 alq. de sal no valor de 620 000. De *Philadelphia*, 30 alq. de sal, uma pequena quantidade de vinagre, alcatrão, alguns moveis, no valor de 624 000. De *Guernesey*, 10 pipas de vinho, 600 000; vinagre, cerveja, louças, vidros, no valor de 160 000. De *New York*, 1800 alq. de sal, 10 pipas de genebra, ½ pipa de aguardente, biscoito, alcatrão, e moveis, no valor de 2 653 000.

Rio Grande, 15 de Setembro. — O major Matheus da Cunha Telles, em cuja casa reside o conde, offereceu-lhe, hoje, um baile; estava menos concorrido do que os outros, não obstante contei cincoenta e poucas mulheres, todas trajadas com muita elegancia e bom gosto. Os homens eram em menor

numero que as mulheres e para que estas dançassem era preciso rogar-lhes com insistencia; nada tenho a acrescentar ás observações que já fiz sobre ellas. São, na sua maioria, de pelle clara, coradas, de olhos e cabellos negros, algumas são bonitas, mas a todas falta graça; portam-se mal, e são com os homens ou muito livres, ou muito timidas. Em geral, porém, parecem ter espirito natural, e pela pouca educação que receberam, é de admirar que conversem tão bem. Quanto aos homens, são pouco solícitos junto ás damas, falam-lhes raramente e não mostram o menor desejo de lhes ser agradaveis.

Pela meia noite, as mulheres passaram para um salão onde estava servida a ceia, acompanhadas do conde, de seu ajudante de campo, de dois ou tres outros cavalheiros e de mim. O conde offereceu o braço a uma dama, nós o imitámos, mas as mulheres deste paiz estão tão pouco habituadas a estas gentilezas, que só a correspondem visivelmente contrafeitas.

A ceia compunha-se de um numero prodigioso de pratos que cobriam completamente a mesa, mas todos muito bons. Após a refeição passaram todos para uma outra peça onde foi servida uma sobremesa magnifica. Este habito de servir a sobremesa em sala differente da do jantar ou da ceia é geral em todas as refeições apparatusas. Como nos outros bailes a que assisti, havia neste varios padres, e entre outros, o cura da parochia, que se fez acompanhar de sua sobrinha e de suas filhas adoptivas.

Rio Grande, 16 de Setembro. — Cultiva-se, como já disse, a canna de assucar na serra de Santo Antonio, ao norte de Porto Alegre; cultiva-se, tambem, a mandioca nos arredores desta cidade, mas, mais para o sul, estas plantas não medram. Assim, Porto Alegre deve de ser considerada o seu limite meridional. A cultura do algodão estende-se muito mais longe, esta planta produz ainda muito *Canguçu* nas margens da Lagoa dos *Patos*, mas o algodão que ella dá é de qualidade inferior. Quando cheguei aqui, o conde recommendou ao sargento-mór, Matheus da Cunha Telles que me proporcionasse os meios de transporte até Montevidéo; este disse ao conde que se encarregaria disto. Entretanto, até a partida do conde para Santa Thereza, não se me falou nada sobre isto, e como sempre tenho visto o sargento-mór atarefadissimo, não ousei falar-lhe de mim. Todavia, quando o conde partiu, eu soube que elle me destinára uma carreta perfeitamente aparelhada, que tinha sido preparada para elle.

Durante a ausencia do conde, fiquei só com o Sr. Matheus, fizemos intima camaradagem e quando se me deparou

oportunidade, falei-lhe da minha partida, respondendo-me elle que quando eu quizesse pôr-me a caminho, bastava prevenil-o com alguns dias de antecedencia. Neste interim, parti para S. Francisco, e até o meu regresso, ignorava de que modo faria a minha viagem. Aqui chegando, expliquei-me francamente com o Sr. Matheus e soube, então que elle queria emprestar-me, se fosse necessario, a sua carreta, seus negros e seus bois, até Santa Thereza e mesmo até mais longe.

Sinto-me constrangido com tamanha generosidade, que muito deve incommodar o Sr. Matheus; entretanto, é-me forçoso acceitar os seus offerecimentos, porque não ha quem me queira alugar uma carreta e bois. Por seu turno, o conde de Figueira fez-me presente dos cavallo de que necessito, e ainda está tratando de encontrar um bom soldado para acompanhar-me.

Rio Grande, 17 de Setembro. — Mais um baile, e é o conde quem o offerece. Tudo ahi transcorreu como nos outros bailes. O uso de erguerem-se brindes conduz sempre os convivas a excessos, e após a ceia, ficam mais do que alegres.

Faço, para esta viagem, provisões consideraveis, porque me affirmam que, exceptuada a carne, nada encontrarei até Montevideo. Fazem-me receiar não encontrar meios de transporte depois de Santa Thereza.

As pereiras estão, actualmente, em flôr, os pessegueiros repletos de fructos novos, os marmeleiros cobrem-se com as primeiras folhas, percebem-se os botões nas laranjeiras.

O homem, em cuja casa foi recebido o conde, ao chegar aqui, chama-se, como já disse, Matheus da Cunha Telles. Nasceu na ilha dos Açores, fez fortuna neste paiz e foi promovido a sargento-mór; é socio de João Rodrigues, em uma empresa de couros. Pareceu-me um homem simples no intimo, mas é liberal e magnifico para com os seus hospedes; fez, em diversas circumstancias, sacrificios immensos pelo rei; é elle quem hospeda todos os officiaes que vão para Montevideo, e até hospedou, em sua casa durante quarenta dias, todo o estado maior do barão de Laguna. Possui duas casas, uma muito pequena, em que móra, e a outra muito maior, de um só andar, destinada, exclusivamente, aos hospedes. É mal repartida, como todas as casas portuguezas. Os quartos de dormir são ainda pequenos gabinetes escuros que se communicam com grandes peças; entretanto, é mobilada com todo o luxo das nossas mais bellas casas da Europa, e em qualquer logar, poder-se-ia citar a sala de recepções como um modelo de elegancia. Desde que aqui estamos, a mesa não tem sido servida com menos luxo. Um vinho do Porto delicioso brilha em

garrafas e copos de crystal, as iguarias são servidas em pratos de finissima louça inglêsa, e a sobremesa em pratinhos de porcellana.

A comida é excellente, e muito variada; quasi que, em cada refeição, dois terços das iguarias ficam intactas; ninguém lhes toca. A despeza que o Sr. Matheus tem feito, desde que estamos em sua casa, deve de ser consideravel, pois tudo é carissimo no Rio Grande, e o conde tem em sua comitiva mais de trinta pessoas, das quaes, uma grande parte ficou aqui, durante sua viagem a Santa Thereza.

Rio Grande, 18 de Setembro. — O conde embarcou, hoje, para a Freguezia de S. Francisco de Paula, com o Sr. Lemos, seu ajudante de campo, e com o sargento-mór, Matheus. Como não tornarei mais a vê-lo, apresentei-lhe as minhas despedidas, não sem grande pezar, pois, desde que o conheço ha dois mezes, não cessou de me testemunhar sua amizade. Terei muitas saudades, tambem, do Sr. Lemos, militar honrado, alegre, de extrema bondade, que procurou sempre, como o conde, prestar-me toda a sorte de obsequios, e a quem me affeiçoei de um modo particular. Quando aqui chegámos disse-me o conde que poria ao meu dispôr dois soldados para me acompanharem na viagem que vou encetar. Agradei-lhe muitissimo, mas só acceitei um, porque, nada adiantaria, para meu descanço, em augmentar a minha comitiva.

Um Paulista, chamado Teixeira, filho do proprietario de *Cocambahy*, desejava, ardentemente, acompanhar-me, mas a sua grande amizade para com José Marianno obrigou-me a recusar-o. Deram-me um voluntario do Rio Grande, que começou por me pedir dinheiro, o que não é de muito bom agouro.



INDICE

Retrato de Bento Manoel Ribeiro.....	Pag 3
Officios de Bento Manoel Ribeiro, trabalho organizado pelo dr. Eduardo Duarte	5
Fac-simile de um officio de Bento Manoel Ribeiro.....	59
Contribuição para o estudo dos conceitos „limite“ e „fronteira“, pelo P. Geraldo José Pauwels, S. J.....	61
Vocabulos indigenas na geographia rio-grandense, pelo major Emilio Fernandes de Souza Docca.....	91
Lendas rio-grandenses, pelo sr. Roque Callage	257
Vocabulario gaúcho, pelo sr. Roque Callage	263
Viagem ao Rio Grande do Sul, traducção do dr. Adroaldo Mes- quita da Costa	273
